

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

A CONSCIÊNCIA NA PRIMEIRA TÓPICA FREUDIANA

FRANCO COSSU JR

SÃO CARLOS – SP  
2000

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

A CONSCIÊNCIA NA PRIMEIRA TÓPICA FREUDIANA

Franco Cossu Jr

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em Filosofia e Metodologia das Ciências do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Filosofia, área de concentração em Epistemologia da Psicologia e da Psicanálise.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani.

SÃO CARLOS – SP  
2000

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

C836cp

Cossu Junior, Franco.

A consciência na primeira tópica freudiana / Franco Cossu Junior. -- São Carlos : UFSCar, 2009.  
105 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2000.

1. Psicanálise. 2. Filosofia. 3. Freud, Sigmund, 1856-1939. 4. Consciência. I. Título.

CDD: 150.195 (20<sup>a</sup>)



## ATA DO EXAME DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

MESTRANDO: **FRANCO COSSU JÚNIOR**

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: **EPISTEMOLOGIA DA PSICOLOGIA E DA PSICANÁLISE**

Aos **vinte e três** dias do mês de **março** de 2000, às **20:00** horas, na sala anexo, do Edifício **A-6**, da Universidade Federal de São Carlos, reuniu-se a Banca Examinadora nas formas e termos do Artigo 28 do Regimento do Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Metodologia das Ciências, composta pelos professores: **Doutor Luis Roberto Monzani (Orientador – UNICAMP/UFSCar); Doutora Carmem Beatriz Milidoni (Membro Titular-UNESP-Marília) e Doutor Richard Theisen Simanke (Titular-UFSCar);** para o Exame de Dissertação de Mestrado de **FRANCO COSSU JÚNIOR** intitulada “**A CONSCIÊNCIA NA PRIMEIRA TÓPICA FREUDIANA**”. A sessão pública foi instalada pelo Presidente da Banca Examinadora o qual após a explanação do candidato passou a palavra aos demais membros da Banca Examinadora. Terminada a argüição, a Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta, tendo atribuído ao candidato, os conceitos abaixo indicados:

**Dr. Luis Roberto Monzani**

Conceito: A

**Dr. Carmem Beatriz Milidoni**

Conceito: A

**Dr. Richard Theisen Simanke**

Conceito: A

De acordo com o Artigo 28 o candidato foi Aprovado com o conceito A. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão e para constar, eu Rose Mary Queiroz Rosa, secretária da CPG do PPG-FMC, lavrei a presente ata a qual será assinada pelo Coordenador do Programa.

São Carlos, 23 de março de 2000.

Prof. Dr. Bento Prado de Almeida Ferraz Júnior  
Coordenador do PPG-FMC

**Universidade Federal de São Carlos**  
Rodovia Washington Luís, Km 235 – Caixa Postal 676  
Fone: (0xx16) 260.8368 – Fax: (0xx16) 260-8368  
CEP: 13.565-905 – São Carlos – SP - Brasil

**PPG-FMC**  
Programa de Pós-Graduação em Filosofia e  
Metodologia das Ciências  
Centro de Educação e Ciências Humanas

Para Néstor Eduardo Téson, *in memoriam*,  
e claro,  
à minha querida Priscila, *anima gemella con due occhi di  
fanciulla che hanno rubato al cielo um po` della sua vernice...*

## AGRADECIMENTOS

Como agradecer a todos e suficientemente?

Pois foram mais que importantes as contribuições de todas as pessoas que estiveram ao meu redor ou em minha memória. Durante a produção desta dissertação, diria eu, foram essenciais.

O meu agradecimento deve ser dirigido com carinho a todos que sinceramente desejaram contribuir, tenha sido através de sugestões diretas ou mesmo com a curiosidade e o afeto que, enfim, acabaram por brindar sentido ao meu trabalho em todo esse trajeto.

Em especial: a minha família – minha mãe, meu pai, Adriana, Vladimir, Mathias, Sra. Maria e meu querido sobrinho e *amiguinho* Pedro Henrique, que com tanto sofrimento veio ao mundo no final de 1998. *In bocca al lupo, piccinino!*

A minha Priscila, menina e grande mulher. Quanta paciência nas sugestões e na correção de meus textos! Quanto carinho, confiança e apoio! *A noi ci resta ancora da fare...*

Aos meus amigos Ericson, Washington – contador de estórias, fantasista da música e da aviação; a Morgilli – o meu caro *Gigi* – e a sua esposa Neide; à corajosa Jane Venturin, toda a minha gratidão pela confiança e a expectativa de um bom trabalho nos momentos difíceis.

À família Zimmermann, em especial a *Frau* Teresa Zimmermann, pela atenção que logo no princípio dispensaram. Ao colega e professor de filosofia Vicente, pela leitura dos esboços iniciais e pelas primeiras e valiosíssimas sugestões. A Fernando Luis Macedo, pelos auxílios de *software* nos momentos difíceis.

Aos professores – Bento Prado Jr, Richard T. Simanke, João Teixeira, Marc Julian Cass, Wolfgang Leo Maar, José Abib – e às secretarias – Rose e Cleusa – do Departamento de Filosofia devo agradecer o carinho, a paciência, a confiança e o que aprendi nesses quatro anos.

Ao meu orientador, Luiz Roberto Monzani, grato pelas sugestões, pelos belos livros e pela paciência dos momentos finais da dissertação.

Ao CNPq, pela bolsa de pesquisa concedida, pois sem a mesma eu não teria tido a possibilidade de dedicação exclusiva.

O caráter não apreensível da consciência, irreduzível com relação ao funcionamento do vivente, é na obra de Freud algo tão importante de se apreender quanto o que ele nos trouxe sobre o inconsciente.

*Jacques Lacan*

## RESUMO

O objetivo maior de todo este trabalho é esclarecer qual o estatuto teórico do conceito de consciência na primeira tópica freudiana. Apesar da descoberta do inconsciente e de sua central importância na teoria do aparelho psíquico para a compreensão tanto da patologia quanto da normalidade, a consciência jamais deixou de ser constante preocupação de Freud, desde os *Estudos sobre a Histeria* até a elaboração da Metapsicologia. Se o fenômeno da consciência, não mais central, pode ser considerado um efeito de superfície e não mais equivalente ao psiquismo geral, não deixa, porém, de ser o único caminho para o conhecimento dos fenômenos inconscientes.

**Palavras-chave:** Consciência. Metapsicologia. Primeira tópica metapsicológica.



## ABSTRACT

The principal aim of this entire work is to clarify the theoretical status about the consciousness concept in the first Freudian topography. In spite of the Unconscious discovery and its central importance in the mental apparatus theory to the comprehension about pathologies as much as normality, the consciousness never let to be a Freud's constant worry, since the *Studies on Hysteria* until the Metapsychology elaboration. If the consciousness phenomenon, which is no longer central, may be considered an effect of surface and no more equivalent to the general psychism, it doesn't renounce to be, although, the only way to the knowledge of the unconscious phenomena.

**Keywords:** Consciousness. Metapsychology. First Freudian topography.

## NOTA

Gostaríamos de alertar o leitor quanto às obras de Freud utilizadas em nossas pesquisas. Quando se trata de estudar Freud em língua portuguesa deparamo-nos com o problema da tradução que, como sabemos, não é de boa qualidade, principalmente pelo fato de ter sido realizada diretamente da edição *Standard* de língua inglesa e não do original alemão. Uma leitura direta e única da obra em alemão teria sido temporalmente impossível devida à falta de um conhecimento instrumental da língua mais completo de nossa parte. Mas isto não nos impediu de comparações diretas com as obras da Fischer Verlag, incluindo o *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*, de 1950, que abrange as cartas a Wilhelm Fliess e os trabalhos do período situado entre os anos de 1882 a 1902. Por isso, estrategicamente, usamos as edições em espanhol da Amorrortu, editora argentina, com excelente tradução direta do alemão por José L. Etcheverry e comentários do editor inglês James Strachey. Para facilitar a identificação das citações, estaremos assinalando com (AE) quando a referência se faz a Amorrortu Editores e (AdA) quando extraímos algo diretamente do *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*, que nos forneceu algumas citações não encontradas na tradução argentina de Freud. As colocações entre colchetes são todas de nossa autoria.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	11
<b>1. Da Histeria ao Projeto: Freud – Teórico da Consciência</b>	
1.1 Introdução.....	19
1.2 Histeria: Para Além da Anatomia e da Consciência.....	22
1.2.1 Divisão da Psique ou da Consciência?.....	32
1.3 Projeto para uma Psicologia Científica.....	40
1.3.1 Uma Teoria da Mente: A Consciência no Projeto.....	42
1.3.2 Pensamento, Linguagem e Consciência.....	61
1.3.3 Psicopatologia e Consciência.....	69
<b>2. Interpretação dos Sonhos e Consciência</b>	
2.1 Introdução (Do <i>Projeto</i> aos Sonhos).....	73
2.2 <i>Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo</i> .....	75
2.3 Novo Aparelho Psíquico.....	80
2.4 Inconsciente e Consciência.....	85
<b>3. Metapsicologia e Consciência</b>	
3.1 Introdução.....	92
3.2 Inconsciente e Consciência/Pulsão e Repressão.....	93
<b>Conclusão</b> .....	101
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	103

## INTRODUÇÃO

### Por que estudar a consciência em Freud?

Para os filósofos, tal pergunta não consiste em nenhuma novidade, pois nem mesmo em se tratando de Freud – o descobridor do inconsciente – o tema da consciência poderia ser considerado inabitual ou mesmo extravagante. Afirmaríamos, com segurança, que todos os problemas da Filosofia, indiferentemente do autor ou do sistema de pensamento, tocam direta ou indiretamente a questão da consciência. Melhor dizendo, passam pelo renitente enigma da consciência.

Para psicólogos e cientistas afins que tentam descrever ou entender a realidade psíquica humana, também não haveria motivo de espanto perguntar pela natureza da consciência: basta que olhemos ao lado e veremos o que as pesquisas de vanguarda das neurociências e das ciências cognitivas na verdade significam. Paralelamente aos trabalhos da Filosofia da Mente – disciplina que se firmou mais formalmente no decênio passado, “a década do cérebro” – as recentes pesquisas da área nada mais são do que a tentativa de resolver o problema mente-corpo que, nessa particular configuração, foi-nos legado por Descartes. Portanto, também pretendem desvendar cientificamente a natureza da consciência.

Em relação à psicanálise, o problema da consciência é-nos genericamente apresentado mais ou menos da seguinte forma. Através das conseqüências do *cogito*, as *Meditações* de Descartes permitem uma interpretação de que o “eu” consciente estaria inevitavelmente na dependência do ato de pensar, ou seja, haveria uma identidade inexorável entre pensamento e consciência. A consciência seria o lugar da subjetividade e da verdade; a razão, por via de um método rigorosamente matemático preconizado por Descartes, poderia chegar ao verdadeiro conhecimento, à verdadeira *episteme*. Deus (*res infinita*) garantiria a passagem da substância pensante (*res cogitans*) à substância corporal (*res extensa*), isto é, abonaria a veracidade do conhecimento do mundo físico. As paixões poderiam perturbar os caminhos do sujeito do conhecimento, mas, mesmo assim, pelo rigor do método, a alma poderia atingir a clareza e a distinção das idéias. Freud, por ser considerado um autor que rompe com a idéia de um sujeito (consciente) da verdade – que abalou o sono do mundo e introduziu a terceira fenda narcísica após Copérnico e Darwin – seria um dos responsáveis por desbancar o lugar sagrado da razão e da consciência como o lugar da verdade, operando uma inversão do cartesianismo. Na conhecida referência de Lacan ao problema, sobre a máxima de Descartes, “penso onde não sou, portanto sou onde não me penso”.<sup>1</sup> A consciência passaria a ser um efeito de superfície

---

<sup>1</sup> Cf. Introdução de L. A. Garcia-Roza, in *Freud e o Inconsciente*, 1991, p. 9-24.

do inconsciente, mas, porém, não deixaria de constituir um problema para filósofos que fazem da psicanálise o seu objeto maior de estudo.

Assim, a consciência não se revelaria uma questão recente e estranha a estas três instâncias do conhecimento que acabamos de apresentar, nem mesmo para os estudiosos da psicanálise – a “ciência” do desejo e do inconsciente. Não é e nunca deixou de ser um problema de importância para o próprio Freud – o que tentaremos demonstrar neste trabalho através de um estudo da primeira topologia metapsicológica, isto é, através dos primeiros textos que fundam a metapsicologia e que se encontram no arco de tempo que vai de 1895 até 1915. Entretanto, para que ainda possamos justificar as nossas primeiras motivações quanto a questão, gostaríamos de voltar às suas origens práticas no nosso curso de psicologia, uma vez que nosso problema não tenha surgido estritamente no campo teórico.

A maneira como parte de psicoterapeutas e outros responsáveis de “linha freudiana” pela formação acadêmica utilizam-se do conceito de inconsciente e de outras palavras técnicas da psicanálise, ou seja, a maneira como transmitem o conhecimento dessa disciplina aos alunos, é um fato problemático dessa mesma formação. Como sabemos, esse problema diz respeito à questão do dogmatismo e, na verdade, ultrapassa os limites universitários brasileiros, estendendo-se até às formações que são promovidas pelas escolas autônomas de psicanálise fora do *campus*, sejam elas de linha lacaniana, kleiniana ou outras tantas. Renato Mezan já havia formalizado essa denúncia na segunda metade dos anos 80, no prefácio de sua antologia de ensaios psicanalíticos – *A Vingança da Esfinge*: “Refiro-me a algo que chamarei ‘vulnerabilidade ao dogmatismo’, e que consiste na facilidade com que certas idéias [senão todas] adquirem valor de evidência axiomática, como se desde sempre estivessem inscritas em nosso céu de anil”.<sup>2</sup> Aliás, o título dessa coletânea de Mezan é bem sugestivo para aqueles que irrefletidamente acreditam no fim da Esfinge e de seus enigmas no campo da psicanálise, como se esta disciplina fosse totalmente isenta de contradições. Não será de interesse aprofundar-nos nas razões lógico-históricas que esse autor levanta para explicar tal problema, pois acabaríamos por alongar demasiadamente o assunto, sem uma necessidade mais imediata de teses que não implicariam diretamente na natureza desta dissertação. Apenas devemos frisar que o problema do dogmatismo foi o estopim e, portanto, um grande motivo para que nos propuséssemos a indagar sobre o estatuto da consciência nos textos freudianos. O discurso irrefletido sobre o conceito de inconsciente e suas conseqüências no campo do saber em nada contribui para a formação dos que se candidatam ao estudo e ao conhecimento de

---

<sup>2</sup> R. Mezan, *A Vingança da Esfinge – Ensaio de Psicanálise*, 1988, p. 9.

Freud,<sup>3</sup> além de impossibilitar o diálogo e uma leitura mais rigorosa de sua obra. Embora não exista uma metapsicologia da consciência no sentido mais estrito, há, porém, uma noção freudiana acerca do mesmo conceito, capaz de despertar legitimamente o interesse pelos seus fundamentos. Foi assim que, devido a estas preocupações conceituais nascidas no âmbito da prática pura, aflorou-nos o interesse por um estudo conceitual mais rigoroso, algo que, por meio de uma epistemologia psicanalítica, pudesse ajudar-nos na compreensão da noção de consciência em Freud.

No decorrer de nossas pesquisas, percebemos que o estudo da consciência nos textos freudianos parece exigir uma atenção metodológica particular, dependendo de como se queira cercar o conceito e o problema. No início, tínhamos a intenção de poder cobrir toda a obra com o objetivo de situá-lo, de forma geral, nos manuscritos mais teóricos. O fato é que este trabalho não comportaria tamanha pretensão por tratar-se de uma dissertação de mestrado: um trabalho dessa dimensão seria muito mais pertinente a uma tese de doutorado. Devido às variações do conceito de consciência na língua alemã e que são muito bem exploradas por Freud,<sup>4</sup> cada um desses conceitos com um significado bem específico, não teria sido possível atingir um grau satisfatório de compreensão dessas variações e dar-lhes, em tão pouco tempo, articulação e uniformidade teórica exigidas. Em outras palavras, para citarmos um exemplo prático, as diferenças entre o *Bewusstsein* – que pode ser compreendido como “instância psíquica” – e o *Gewissen* – que significa consciência moral – teriam exigido, de nossa parte, um dispêndio de tempo e dedicação realmente maiores; por serem termos de natureza conceitual diferente e produzirem conseqüências e efeitos teóricos variados na obra de Freud, a dedicação deveria ser redobrada para que, nesse rastreamento de nuances, pudéssemos articular as diferentes conclusões sobre a consciência enquanto fenômeno mental e enquanto elemento importante do aparelho psíquico freudiano. Além disso, acreditamos, não devemos esquecer que as duas tópicas elaboradas por Freud, mais a teoria psíquica do *Projeto para uma Psicologia Científica* de 1895, demandam atenção às peculiaridades que todas elas produzem em relação ao estatuto da consciência de uma teoria a outra, por mais que possamos dizer que as teses defendidas sejam sempre praticamente as mesmas.

---

<sup>3</sup> O que presenciamos nesses anos todos de psicologia, sobretudo no momento dos estágios clínicos, foi algo que muitas vezes beirou o total descomprometimento conceitual por parte de alguns profissionais. A palavra inconsciente pareceu-nos demasiado fácil em suas aplicações práticas. A pergunta foi inevitável: E o que restou a nossa pobre consciência? Uma companheira de curso chegou ao absurdo de perguntar-me se eu “queria acabar com a psicanálise” ao desejar estudar a consciência em Freud.

<sup>4</sup> O *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*, de 1996, de Luiz Hans, foi-nos de grande auxílio na distinção dos termos alemães referentes ao nosso solitário e abrangente conceito de “consciência”, em português.

Decidimos, assim, pelo estudo da consciência na primeira parte da metapsicologia – aquela que pressupõe a chamada primeira tópica dos sistemas inconsciente, pré-consciente, consciente – e que vigorou com exclusividade até os anos vinte, quando se deu o câmbio para as instâncias do id, ego e superego da segunda tópica, não pressupondo esta última, porém, o abandono total daquela.

No início de nossa dissertação, antes de penetrarmos diretamente nas questões mais teóricas do aparelho psíquico que toma forma nessa primeira tópica, achamos conveniente explorar o percurso de Freud na elaboração de suas teses metapsicológicas desde o momento em que ele iniciou suas pesquisas com o mestre Charcot, em Paris. Freud era ainda um cientista com a atenção voltada para as questões de neurologia quando resolveu pela bolsa de estudos na França. O contato com o tratamento dado por Charcot à histeria motivou em muito o jovem vienense a pesquisas mais amplas sobre as possíveis causas psicológicas dessa patologia. Esse tipo de compreensão psicológica desafiava as conclusões médicas da época que, por sua vez, fundamentavam-se nos conhecimentos da anatomia patológica e tinha o caso clínico da sífilis como paradigma diagnóstico. Já no campo mais restrito dos estudos psicológicos desse período, enquanto Freud preparava as descobertas e a delimitação do seu conceito de inconsciente através das pesquisas com a histeria, a novata psicologia de Wundt tinha por preocupação central o estudo dos processos mentais conscientes, pelo método da introspecção.<sup>5</sup> Com a fundação do laboratório de psicologia em Leipzig, em 1879, Wundt propunha uma psicologia científica experimental, liberta da filosofia e da fisiologia, que pudesse estudar em laboratório os processos da consciência:<sup>6</sup> “analisar os processos conscientes em seus elementos, descobrir como esses elementos se correlacionavam entre si e determinar as leis de correlação” eram os objetivos maiores dessa nova ciência. Diferentemente daquelas preocupações de Freud com os fenômenos inconscientes, encontramos nos trabalhos de Wundt a consciência como objeto e, nesse momento, “durante os primeiros anos da psicologia na Alemanha, a psicologia estrutural era a Psicologia”.<sup>7</sup> O trabalho de Freud, pelas características particulares que vinha adquirindo, parecia mesmo destinado a uma originalidade inédita na história da psiquiatria e da psicologia, embora a noção de inconsciente não fosse totalmente estranha aos pensadores da época.

---

<sup>5</sup> Marx e Hillis, *Sistemas e Teorias em Psicologia*, 1993, p. 153-184.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 157.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 153.



“Se fosse preciso concentrar numa palavra a descoberta freudiana, seria incontestavelmente na palavra inconsciente”.<sup>8</sup> E a idéia de que fenômenos psíquicos inconscientes agem e determinam a nossa vida mental foi convicção constante da qual Freud nunca arredou pé. A noção de inconsciente, paralelamente ao conceito de repressão ou defesa, balizou outras conquistas posteriores, sendo, deste modo, o ponto essencial da teoria freudiana. Todo o caminho de elaboração teórica do aparelho psíquico caracteriza-se pela tentativa de evidenciar a existência de fenômenos que estão aquém ou além de nossa percepção consciente: o grande objetivo de Freud foi sempre o de elaborar uma teoria geral da mente humana que demonstrasse a superior importância dos fenômenos inconscientes sobre a consciência na compreensão do psíquico.

Por esta razão, entendemos porque Freud brigava com os filósofos, senhores narcísicos do real e do universal.<sup>9</sup> As evidências da existência de representações inconscientes ativas, que lhe eram fornecidas pelo trabalho clínico, não deixavam margem de dúvidas de que o psiquismo humano não poderia ser equivalente somente ao ato consciente. Muitos pensadores haviam postulado a existência de um inconsciente como, por exemplo, Leibniz, Schopenhauer, Nietzsche e Herbart; Freud diferenciou-se-á desses autores pela maneira como cunhou e articulou o conceito de inconsciente no seio teórico psicanalítico. Mas, como sabemos, a consciência foi preponderantemente o centro de toda a filosofia e, em especial, da moderna, devido às conseqüências das reflexões cartesianas. Efeito da invenção freudiana, não só a subjetividade seria descentralizada como também a própria psicanálise enquanto disciplina da história do pensamento.

O fato é que, ao percorrermos o caminho empreendido por Freud – caminho esse que jamais poderá ser o “original” mas um caminho recorrido – verificamos que seu começo, irreduzível a qualquer origem estrangeira, é a produção do conceito de inconsciente que resultou numa clivagem da subjetividade. A partir desse momento, a subjetividade deixa de ser entendida como um todo unitário, identificado com a consciência e sob o domínio da razão, para ser uma realidade dividida em dois grandes sistemas – o Inconsciente e o Consciente – e dominada por uma luta interna em relação a qual a razão é apenas um efeito de superfície.<sup>10</sup>

Mas se, por um lado, temos que aceitar as ressonâncias das descobertas freudianas do inconsciente como sendo importantes para uma compreensão mais completa da mente

---

<sup>8</sup> Laplanche e Pontalis, *Vocabulário da Psicanálise*, 1994, p. 236.

<sup>9</sup> Cf. Introdução de R. Mezan, *Freud: A Trama dos Conceitos*, 1991, p. XI-XVII.

<sup>10</sup> Garcia-Roza, op. cit., p. 22.

humana – concordemos estritamente com Freud ou não – por que não perguntar, então, por outro lado, o que seria a consciência a partir de Freud? O que lhe restou de fato? Ora, por que não perguntar, de maneira direta, o que é a consciência para o próprio Freud e qual a sua verdadeira importância teórica para as ciências e para a filosofia?

Talvez seja isto que aqueles que se acercam da psicanálise de forma institucionalmente dogmática não tenham necessidade de perguntar e muito menos de entender. Dizer que, pela hipótese de uma mente inconsciente a consciência já não é o único continente a ser explorado, não significa necessariamente dizer que ela perdeu toda a sua importância e não deva mais, portanto, ser compreendida. Se a consciência descentra-se no campo psíquico e até se torna um efeito de superfície, de acordo com as conclusões que possamos tirar da leitura da obra freudiana, não deixa de ser, contudo, “o único facho de luz capaz de iluminar a escuridão da psicologia profunda”,<sup>11</sup> como sabia o próprio Freud. Como sabem, também, os autores Laplanche e Pontalis:

A teoria psicanalítica se constitui recusando definir o campo do psiquismo pela consciência, mas nem por isso considerou a consciência como um fenômeno não essencial. Neste sentido, Freud ridicularizou a pretensão de determinadas tendências da psicologia: “Uma tendência extrema, como por exemplo a do behaviorismo, nascida na América, pensa poder estabelecer uma psicologia que não tenha em conta este *fato fundamental!*”

(...)

Esta tese dupla [que encontramos no *Projeto*] – a consciência não nos fornece mais do que uma visão lacunar dos nossos processos psíquicos, pois eles são na sua maioria inconscientes; e não é de modo nenhum indiferente que um fenômeno seja ou não consciente – *exige uma teoria da consciência que determine a sua função e o seu lugar.*<sup>12</sup>

Determinar esta função e este lugar, como exigências para uma teoria da consciência, foi constante preocupação de Freud desde o início de suas elaborações teóricas. Das primeiras teorizações sobre a hipnose e a histeria até o texto do *Projeto*, Freud não deixou de atentar para os primeiros reflexos de suas descobertas do inconsciente sobre os fenômenos da consciência. Mesmo após este momento de entusiasmo frustrado de sua psicologia para neurologistas, onde a consciência já aparece como um grande problema, da sua reformulação teórica do conteúdo do *Projeto* no livro dos sonhos até as formulações metapsicológicas

<sup>11</sup> Freud, vol. XIX, (AE), p. 20.

<sup>12</sup> Laplanche e Pontalis, op. cit., p. 93. Grifos nossos.

posteriores, a postura de Freud perante a importância da situação da consciência no funcionamento do aparelho psíquico foi sempre a de um pesquisador não negligente quanto a sua importância. Fato conhecido, segundo Strachey e os biógrafos Ernest Jones e Peter Gay,<sup>13</sup> Freud chegou a consagrar um texto de metapsicologia específico aos problemas da consciência durante a Primeira Guerra que, provavelmente, foi destruído pelo autor junto com outros escritos de metapsicologia.

Enfim, é exatamente este percurso da primeira tópica que pretendemos refazer neste trabalho. Não temos a intenção de esgotar todos pontos desse mesmo percurso e nem de superestimar desnecessariamente o conceito de consciência. Objetivamos, porém, acompanhar as construções teóricas de Freud e relevar a devida atenção dada à importância da consciência na teoria do aparelho psíquico, desde os primeiros anos dos *Estudos sobre a Histeria*, com a participação de Breuer, passando pelo *Projeto* e pela *Interpretação dos Sonhos*, até os manuscritos metapsicológicos de 1915. O conceito de inconsciente é central, mas o da consciência, por isto mesmo, é imprescindível.

---

<sup>13</sup> Cf. a nossa Introdução do último e terceiro capítulo, *infra* p. 128.

## CAPÍTULO 1

### DA HISTERIA AO PROJETO: FREUD – TEÓRICO DA CONSCIÊNCIA

## 1.1 Introdução.

Os *Estudos sobre a Histeria* e o *Projeto para uma Psicologia Científica*, ambos de 1895, serão os textos-guia deste capítulo. O primeiro deles, os *Estudos*, foi publicado em parceria com Breuer poucos meses antes da escrita do segundo, o *Projeto*, este jamais publicado durante a vida de Freud, mas de importância para o nosso trabalho.

O período que queremos retratar aqui, na verdade, estende-se de 1885 a 1896 e está recheado de vários trabalhos de Freud, desde trabalhos de pura neurologia até os manuscritos sobre a histeria e as outras psiconeuroses, tais como a neurastenia, a neurose de angústia e a neurose obsessiva. Pelos textos e pelas correspondências da época, podemos notar que o trabalho de Freud é intenso e envolve uma grande dedicação na tentativa de decifrar o enigma das neuroses; os estudos sobre a histeria e a hipnose parecem ocupar o maior quinhão de seu tempo. A formação do conceito de inconsciente mais as mudanças técnicas e a classificação clínica das neuroses dão-se de modo lento. A curiosidade e o tremendo envolvimento de Freud com o estudo das neuroses certamente foram semeados durante o contato com os trabalhos de Charcot na França, alguém que em muito marcou a sua carreira. Os dois textos referidos acima, os *Estudos* e o *Projeto*, são, ao nosso ver, os principais nesse momento de sua produção, enquanto os que melhor abarcam e resumem as questões teóricas de maior importância desse período para o nosso tema.

Por ter percebido que as pesquisas com a histeria e as outras neuroses pudessem render uma teoria mais abrangente da mente, Freud arriscou todos os seus esforços na elaboração do *Projeto*, com o objetivo de construir uma nova psicologia científica, uma teoria que pudesse fundamentar-se a partir de conhecimentos já consagrados nos campos da física e da biologia de sua época. Apesar de inacabado e abandonado pelo próprio autor, somente publicado anos mais tarde após a morte de Freud, o *Projeto* é muito mais que simples documento histórico da psicanálise, sendo um texto que nos ajuda a compreender melhor a sua produção teórico-conceitual posterior, em especial o capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos* (1900), que possui uma estrutura teórica de apresentação muito semelhante. Vários conceitos e idéias que permaneceram vivos durante todo o trabalho de Freud – tais como “pulsões, repressão e defesa, a economia mental com suas forças em conflito, o animal humano como animal desejante”<sup>1</sup> – tenham sido eles radicalmente modificados ou não, tiveram nascimento no *Projeto*.

---

<sup>1</sup> Peter Gay, *Freud: Uma vida para o nosso tempo*, 1989, p. 87-8.

Consenso entre grande parte dos seus leitores, sobretudo entre filósofos, o texto do *Projeto* pode ser considerado uma espécie de *manah* conceitual da obra freudiana, senão o principal nascedouro das noções que foram tomando forma durante a produção de sua obra. Partindo dos diversos problemas que foram levantados nas pesquisas teórico-clínicas da histeria – sobretudo os problemas do funcionamento psíquico e a importância da sexualidade para a vida anímica – Freud empreendeu a formulação de sua primeira teoria geral da mente através dessa “psicologia para neurologistas”. E o grande objetivo era o de explicar tanto a patologia como a normalidade psíquicas.

A preocupação e o envolvimento de Freud com questões referentes ao funcionamento geral da mente, deve-se lembrar, tem data anterior a estes dois textos, como já é possível perceber em alguns de seus trabalhos de neurologia<sup>2</sup>. Mas foi a histeria a grande via introdutória dos problemas que deram origem a primeira grande teoria do psiquismo de Freud, via essa que o conduziu à realização do *Projeto*. Daí centrarmos as questões deste capítulo nos *Estudos* e no *Projeto*, ainda que tenhamos que fazer uso dos trabalhos anteriores para o início de nossa exposição.

Neste primeiro capítulo, nossa intenção será então a de acompanhar Freud em sua evolução teórica a partir do confronto com o tratamento da histeria dado por Charcot na França. Para além de uma preocupação unidirecional com a simples caracterização nosológica da histeria e com as possibilidades de terapia dessa psicopatologia, o movimento de Freud, nesse trajeto, é marcado por um esforço massivo no que diz respeito à tentativa de elaboração de uma teoria geral do funcionamento mental. Assim, conseqüentemente, a consciência também deveria constituir um importante problema para qualquer edificação teórica acerca do psiquismo, não tendo sido apenas mero conceito fadado à total desconsideração com a descoberta do inconsciente. Ao apontar a importância dos processos inconscientes para a compreensão da histeria, Freud acabou por produzir um novo conhecimento da psique humana, um conhecimento que desafiava as definições correntes até então; o psiquismo já não seria mais o campo da consciência tão somente, o que demandaria compreender as relações desta com esse outro lado obscuro da vida anímica. A consciência, digna de atenção e de um *locus* teórico no seio do manuscrito do *Projeto* – o que nos faz questionar um suposto papel de coadjuvante – foi um dos alvos teóricos centrais desse texto e que acabou por revelar-se problemática e insolúvel, um dos importantes motivos pelos quais se deu o abandono de tal empresa.

---

<sup>2</sup> Cf. E. Jones, *A Vida e a Obra de Sigmund Freud*, 1989, vol. 1, p. 207-228. Sobre o texto da *Afasia* (1891), onde Freud já articula o funcionamento do cérebro com o funcionamento mental.

Assim, das pesquisas sobre a histeria e a hipnose à grande aventura teórica do *Projeto*, tentaremos averiguar como a nova concepção de consciência e de psiquismo produz-se nesses primeiros momentos do surgimento da psicanálise e como Freud a concebeu no seu intento de descrição psicofisiológica da mente.

## 1.2 Histeria: Para Além da Anatomia e da Consciência.

O período entre outubro de 1885 e março de 1886 é mais especificamente o princípio do interesse de Freud pelas neuroses, época em que vai a Paris para estudar com Charcot e, posteriormente, a Berlim. Os reflexos desse momento da bolsa de estudos no exterior mudarão a vida de Freud para sempre: de *Privatdozent* e simples médico neuropatologista do Hospital Geral de Viena, a carreira de Freud será consagrada à pesquisa e à compreensão do funcionamento psíquico normal e patológico.

As *Leçons* de Charcot são de significativa importância para Freud no que diz respeito ao entendimento e ao trato dos fenômenos patológicos mentais a partir de uma perspectiva psicológica. Influenciado pelo organicismo da neurologia franco-alemã, Freud, nas exposições de Charcot, irá deparar-se com um outro nível de compreensão do problema da histeria. Também filiado à vertente da anatomia patológica – vertente esta que predominava na medicina dos fins do século XIX – Charcot é o grande responsável pelo fato de ter situado a histeria no ramo das patologias nervosas e por ter apontado, através do uso da hipnose, a importância das idéias na determinação dos sintomas histéricos.

Aliás, o problema da histeria e neuroses afins consistia num desafio corrente à postura anátomo-patológica dos médicos desse período, pois não apresentava lesões cerebrais concretas como, por exemplo, a *dementia paralytica* causada pela sífilis, paradigma da Anatomia Patológica para a compreensão das outras doenças mentais.<sup>3</sup>

Como se sabe, a histeria fora considerada no passado, mais precisamente na Idade Média, produto de bruxarias e possessões demoníacas, enquanto que, nesse final de século XIX, segundo Freud, “pronunciar o diagnóstico de ‘histeria’ parecia significar que já não se queria mais tratar do paciente”.<sup>4</sup> Tudo isso devido à descrença e à desconsideração médica do problema nessa época; como a histeria não apresentava lesões nas autópsias realizadas pelos especialistas, essa patologia passou a ser considerada uma espécie de fingimento para muitos dos profissionais.

Através da sugestão hipnótica, Charcot demonstrou que era possível tanto erradicar os sintomas de pacientes histéricos como introduzir sintomas dessa patologia em pacientes não-histéricos. Os pacientes que se apresentavam com histeria eram tanto do sexo feminino como do masculino, o que fez com que um outro mito acerca do problema se desmoronasse, o de que o fenômeno da histeria pertencia exclusivamente às mulheres. Vale a pena lembrar que o

<sup>3</sup> K. Levin, *Freud: A Primeira Psicologia das Neuroses*, 1980.

<sup>4</sup> Freud, I, (AE), p. 11.



termo histeria – que significa “útero” em grego – porta, como podemos ver, o preconceito em sua própria raiz.

Talvez devêssemos situar melhor o momento histórico da compreensão médica das patologias nervosas até então, a fim de podermos caracterizar mais claramente o contexto teórico do ponto de partida de Freud.

A psiquiatria patológico-anatômica das últimas décadas do século XIX, originalmente francesa, estava fundada numa postura filosófica positivista e era predominante na Faculdade de Medicina de Paris. Seus ecos fizeram-se sentir intensamente na Alemanha e na Áustria, território de Freud, tornando-se este último país, mais tarde, o grande representante de tal tendência teórica no continente europeu. Theodor Meynert era o principal protagonista da Anatomia Patológica no império dos Habsburgos e Freud desfrutou de suas orientações anatômicas. A intenção positivista dessa psiquiatria anatomista está calcada nos seguintes preceitos filosóficos: para que também a psiquiatria pudesse fruir de um estatuto científico moderno, distante das influências dualistas da metafísica, tal como a Física e a Química vinham fazendo, também ela deveria localizar concretamente o seu objeto de estudo, para que os resultados de suas pesquisas pudessem constituir, então, um saber positivo. Localizar a lesão responsável pelas doenças mentais no cérebro ou em partes do sistema nervoso central era a tendência da época, sobretudo devido às influências das descobertas realizadas acerca da *dementia paralytica* – “paralisia geral do louco pela sífilis”, padrão de lesão cerebral, como já enunciamos – descrita por A.L. Bayle em 1826.<sup>5</sup> Com base nisso, esses pesquisadores queriam explicar os fenômenos psicopatológicos (e também, poderíamos concluir, os processos psíquicos gerais) como fenômenos estritamente neurofisiológicos, isto é, nada existindo além do cérebro e da fisiologia nervosa, o que conhecemos filosoficamente por *monismo*.

Não obstante os defensores da anatomia patológica tenham demonstrado ferrenha oposição, Charcot destacou-se nesse meio através de seus trabalhos com a histeria e a hipnose na Salpêtrière, a partir de uma perspectiva diferenciada: a histeria, devido aos limites teórico-práticos da teoria das lesões, passaria a ser compreendida de modo mais funcional e dinâmico, menos anatômico, o que instigou Freud às suas próprias pesquisas sobre o tema.

O fato de a histeria passar a ser considerada por Charcot como também uma patologia funcional do sistema nervoso abriu novos horizontes para as pesquisas psicológicas. Dito acima, sem explicações orgânicas – motivo pelo qual os médicos da época a consideravam um

---

<sup>5</sup> K. Levin, op. cit. p. 25.

fingimento e uma fuga das responsabilidades da vida – Charcot *put hysteria on the map*<sup>6</sup> como um real problema psicológico que deveria, então, ser abordado seriamente desta perspectiva. Mesmo que em última instância a histeria tenha sido considerada por Charcot uma doença de origem orgânica – uma deterioração cerebral hereditária – o valor maior dos estudos da Salpêtrière para aquilo que Freud irá produzir posteriormente está na descoberta da origem ideogênica dos sintomas. Charcot atentou para a importância do elo existente entre eventos traumáticos da história do indivíduo e os sintomas por ele apresentados, o que o conduziu à conclusão de que, após o choque provocado por tais acontecimentos, esses indivíduos, possivelmente por uma espécie de auto-sugestão (inconsciente), caíam nos sintomas histéricos e esqueciam-se desses eventos traumáticos. A idéia de Charcot era a de que a histeria fosse uma espécie de fenômeno semelhante ao estado de hipnose, visto que, via hipnose, os sintomas podiam ser eliminados ou sugeridos ao paciente por comandos verbais do hipnotizador.

Essas experiências de Charcot com a hipnose e a histeria não foram bem recebidas em países anglo-saxões. Breuer, no entanto, também desenvolvia um trabalho com a *black art* e com a histeria em Viena. A sua maior experiência nesse sentido foi o caso clínico com a famosa Anna O., paciente sua entre 1880 e 1882, caso que foi levado ao conhecimento de Freud somente neste último ano. A diferença, porém, entre a técnica hipnótica de Breuer e aquela de Charcot era que Breuer, ao invés de sugestões, realizava um trabalho de “purgação de emoções”, processo que ficou conhecido até os dias de hoje como *catarse*. Breuer havia percebido a importância de se falar sobre os ditos eventos traumáticos. Nos trabalhos clínicos com sua paciente histérica Anna O. que, quando sob estado hipnótico, falava dos acontecimentos que a haviam abalado emocionalmente, notava-se um melhoramento significativo, com a desaparecimento de seus sintomas. Em estado normal consciente, tal façanha era impossível, pois a paciente não conseguia lembrar-se de nada e tinha somente consciência do desprazer provocado pelos seus distúrbios. Breuer também teve o mérito de perceber que as lembranças ligadas a esses choques traumáticos ainda ficavam psiquicamente ativas, mesmo que fora da percepção consciente, e tinham uma conexão direta com os sintomas; a possibilidade de verbalização desses acontecimentos, viabilizada pela hipnose, facilitava a descarga (*abreação*) de emoções retidas que, por alguns motivos, não puderam ser extravasadas no momento de tais eventos traumáticos.

---

<sup>6</sup> E. Jones, op.cit., p. 234.

Se, por um lado, Charcot havia contribuído para o estudo das neuroses isolando a histeria, a grande contribuição de Breuer foi a de ter notado a importância de se poder falar sobre os eventos traumáticos que geravam tanto os sintomas como o relativo desconforto psicológico. Isto foi um passo a mais para que Freud viesse aprimorar a técnica da clínica das neuroses, passando da hipnose para a técnica de concentração e, posteriormente, para a associação livre.

Deste pequeno histórico esboçado até o momento, podemos perceber que já não era mais possível sustentar facilmente nem a postura anatomista e nem também a idéia de que o campo do psíquico equivale-se somente ao campo da consciência. Os pacientes sofriam e não sabiam o porquê; os eventos de forte conteúdo emocional na vida desses pacientes, mesmo que fora do campo da consciência, pareciam manter estreita relação funcional com os sintomas manifestos. A observação do fenômeno da histeria por Charcot, Breuer e, mais tarde, pelo próprio Freud, só possível através da aplicação da técnica da hipnose, deve-se lembrar, revelou que algo além dos limites da consciência acontecia sem a respectiva percepção (ou representação) desta. A idéia, por exemplo, de que a mente só era capaz de um pensamento por vez deveria prestar contas a essas novas descobertas. Freud estava exposto a fatos que o levariam a uma renovada concepção das patologias mentais, uma concepção diferente daquela que vinha sendo postulada pela anatomia patológica, enfim, pela medicina extremamente organicista desse tempo. Primeiro porque a histeria já não podia ser mais considerada um simples fingimento de pessoas que haviam desistido de enfrentar a vida e, segundo, porque nem todas as patologias nervosas possuem necessariamente uma causa (ou explicação) estritamente orgânica. Seria necessário, a partir de então, relevar a importância das idéias na gênese dos problemas mentais, sobretudo das idéias fora do campo da consciência, o que abriu espaço para uma nova psicopatologia. Mas como abarcar teoricamente todos esses fenômenos e essas novas idéias que a Freud se apresentavam nesse momento? Como entender esse psiquismo fragmentado que já não se apresentava mais como *uno* e equivalente tão somente ao campo da consciência?

O caminho para a caracterização psicanalítica da histeria é marcado por controvérsias entre Freud e os autores que com ela lidavam na época. Apesar de certo consenso inicial desses autores em relação à idéia de uma possível determinação inconsciente dos sintomas, isto é, de que algo além dos umbrais da consciência ocorria e tinha relação direta com o sofrimento neurótico, a compreensão de *como* se dava isto, porém, não teve a mesma sorte consensual. Em relação à natureza da sugestão hipnótica e à concepção teórica da histeria – qual seria a “natureza última” desta patologia mental e quais relações haveria entre idéias

inconscientes e os sintomas da histeria – alguns foram os detalhes que pautaram a discordância entre Freud e os outros pesquisadores. Atentemos para algumas dessas nuances históricas entre esses autores, o que será oportuno para a identificação das preocupações de Freud com a caracterização da histeria e com os processos psíquicos gerais.

Charcot, como dissemos acima, descobriu a importância das sugestões hipnóticas na produção dos sintomas, mas a explicação última dada à histeria por ele foi a da hereditariedade. Para Charcot, nas palavras de Freud, a forma etiológica dessa neurose seria muito simples: “A única causa da histeria seria a herança”.<sup>7</sup> Os fatores ambientais da história do sujeito seriam incidentais e figurariam somente como *agents provocateurs* da doença. O indivíduo já possuiria uma pré-disposição hereditária para a histeria, o que facilitaria, então, a emergência de sintomas através dos eventos históricos traumáticos. O mais interessante disto que acabamos de relatar é que Charcot, que com suas descobertas havia semeado o campo de uma psicologia dinâmica para o estudo das patologias mentais, não tenha permanecido em uma concepção etiológica puramente psicológica da histeria, tendo preferido afiliar-se à corrente concepção médico-organicista da hereditariedade como explicação última dessa neurose. Lembremos ainda que Charcot acreditava, na verdade, em alterações fisiológicas para todos os eventos históricos e hipnóticos, como assinalaremos adiante.

Em relação a Freud, as influências teóricas de Charcot foram fortes e determinantes, sabemos, mas não o suficiente para que houvesse uma aceitação plena de todas estas teses. A idéia, por exemplo, de uma pré-disposição hereditária (*famille névropathique*) rondou alguns artigos de Freud, tendo havido uma certa aceitação sua na época, mas aos poucos foi abandonada.<sup>8</sup> Cada vez mais lhe restava evidente a supremacia de fenômenos psíquicos na determinação da histeria: a noção psicológica de causalidade das idéias ou de representações inconscientes bastaria para explicar toda a gama de fenômenos sintomáticos, sem a necessidade de recorrência, nesse momento, à hereditariedade. Talvez muito porque fora com o próprio Charcot que Freud aprendera que as paralisias histéricas, constantes sintomas dos pacientes, não tivessem correspondência anatômica real. As paralisias davam-se conforme a concepção ordinária dos históricos e não conforme a real disposição anatômica existente, o que delatava, assim, a existência de representações por trás desses sintomas. “A histeria se comporta em suas paralisias e em outras manifestações como se a anatomia não existisse, ou

---

<sup>7</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 22.

<sup>8</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 55. Ver também nota de rodapé n. 11 dessa página. Os trabalhos de K. Levin, op.cit., e, em especial, de Ola Andersson, *Studies in the Prehistory of Psychoanalysis*, 1962, são muito esclarecedores no que diz respeito à gradual superação das teorias de Charcot por Freud.

como se não tivesse nenhum conhecimento dela”.<sup>9</sup> Ora, não haveria para Freud, de acordo com esse argumento, a necessidade de uma herança.

Deste modo, para Breuer e Freud, a tese da origem ideogênica da histeria era muito mais significativa do que Charcot pudesse supor. Diferentemente deste último, os autores dos *Estudos sobre a Histeria* haviam percebido que os eventos históricos traumáticos eram mais que meros *agents provocateurs*. Isto se deve à natureza dos trabalhos de Breuer com a hipnose no caso Anna O., que era baseado na técnica de catarse e não na simples sugestão hipnótica como fazia Charcot. Renato Mezan descreve muito bem essa fase da aplicação da hipnose por Breuer e poderá ajudar-nos com suas próprias palavras:

O método hipnótico, modificado por Breuer, é vigorosamente defendido na *Comunicação Preliminar*. Seu valor é duplo: teoricamente, permite demonstrar que o ‘fator acidental’ é muito mais significativo do que supunha Charcot; praticamente, permite o estabelecimento de uma técnica altamente eficaz na clínica, o chamado ‘método catártico de Breuer’. Este consiste em hipnotizar a paciente e interrogá-la sobre a origem do sintoma, o trauma psíquico ou a série de traumas que o provocaram. A hipnose põe à disposição da paciente um ‘campo psíquico mais amplo’, permitindo-lhe recordar eventos que contribuíram para a formação do sintoma. Ao despertar do estado hipnótico, o sintoma em questão desaparecia. Assim, explorando sistematicamente sintoma após sintoma, tornava-se possível a desapareção completa dos fenômenos histéricos.<sup>10</sup>

Claramente, vemos que o “método catártico de Breuer” era muito mais frutífero, tanto clínica como teoricamente, do que o método hipnótico usado por Charcot que apenas tinha a função de eliminar sintomas por sugestão do hipnotizador. O método de Breuer propiciava pesquisas e conclusões muito mais profundas, um verdadeiro rastreamento da origem dos sintomas, o que foi um avanço na compreensão da histeria. O chamado “fator acidental” revelou-se, de fato, um foco gerador de sintomas; o acesso a esse campo psíquico mais amplo poder-se-ia dar através da própria fala do sujeito. A linguagem, como veremos mais à frente no decorrer de nosso trabalho, será de importância tanto clínica como também teórica para a compreensão das relações do inconsciente com a consciência no ato do *Bewusstwerden*.

---

<sup>9</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 206.

<sup>10</sup> R. Mezan, *Freud: A Trama dos Conceitos*, 1982, p. 5.

Para poder aperfeiçoar sua técnica de hipnose, Freud, em 1889, vai para a cidade de Nancy para estudos mais aprofundados com Bernheim, discípulo de Liébeault. Além de suas intenções de aprendizagem da técnica para o aperfeiçoamento clínico desta, Freud também possuía grandes interesses teóricos que pudessem auxiliar na compreensão dos mecanismos da sugestão hipnótica e nas relações da hipnose com a histeria. Havia toda uma polêmica concernente à natureza da sugestão entre a escola da Salpêtrière de Charcot e a escola de Nancy de Bernheim. Freud oscilou entre as opiniões dessas duas escolas<sup>11</sup> a respeito do enigma da sugestão hipnótica. Não nos interessa aqui uma discussão maior dessa querela entre as duas escolas, mas somente alguns pontos de relevância teórica que sejam estratégicos para o desenvolvimento de nosso trabalho.

Freud preocupava-se com a cientificidade do método hipnótico, pois havia percebido grandes possibilidades de se extrair, através de seu uso, mais conhecimentos sobre a mente humana. Já ciente do valor do método catártico de Breuer para a exploração do psiquismo histérico e de seu tratamento, Freud necessitava compreender por quê e como as idéias patológicas desapareciam do campo da consciência, e por quê somente sob estado hipnótico os pacientes conseguiam falar dos eventos que lhes haviam causado a histeria, abrindo caminho para a definição posterior da idéia de *defesa*.

Responder a tais perguntas seria avançar um pouco mais no reconhecimento dos limites da consciência e na caracterização psíquica das patologias mentais. Por isso, dedicou um tempo considerável de seu trabalho à pesquisa da hipnose, tendo escrito alguns artigos e realizado algumas resenhas e traduções de obras sobre o assunto. De fato, o estudo mais aprofundado de Freud sobre a hipnose trouxe contribuições para a compreensão da histeria e do psiquismo em geral.

De acordo com a compreensão das leituras que temos realizado até agora, se não se trata de equívoco de nossa parte, alguns comentadores que se reportam à questão da hipnose parecem não considerar as pesquisas de Freud sobre esses mesmos fenômenos hipnóticos como também de grande relevância teórica para as suas construções sobre o funcionamento geral da mente. As preocupações de Freud com a hipnose parecem ser vistas como apenas um passo importante para a criação da clínica psicanalítica, visão que, na verdade, somente contempla o valor prático-terapêutico do método hipnótico. Todo o debate que envolve a decisão sobre a natureza dos efeitos hipnóticos, se psicológicos ou fisiológicos, lançou questões de grande porte, até mesmo antecipando problemas do *Projeto* como, por exemplo,

---

<sup>11</sup> Cf. James Strachey, *Introdução*, in: Freud, vol. I, (AE), p. 74.

as questões da atenção e da consciência que são de nosso interesse. Espectador ativo de toda essa discussão acerca da compreensão da hipnose, teoricamente falando, Freud lucrara em boa conta com esses estudos e com as próprias observações que vinha realizando. Os trabalhos de Bernheim e de Forel tratados por Freud, por exemplo, são de importância porque demonstram a aplicabilidade da hipnose e da sugestão hipnótica não só a casos de patologia como também a pessoas sadias, além de tocar na problemática das leis psicológicas que regem o sono e a vigília. De acordo com a percepção de Freud no campo dessa problemática, dois são os grandes grupos de pesquisadores da hipnose quanto à explicação fundamental dos efeitos hipnóticos:

uns, como porta-voz dos quais aparece aqui Bernheim, asseveram que todos os fenômenos do hipnotismo têm uma mesma origem, a saber: procedem de uma sugestão, de uma representação consciente, que é instilada no encéfalo do hipnotizado por uma influência exterior e acolhida nele como se tivesse sido produzida espontaneamente. Segundo isto, todos os fenômenos hipnóticos seriam psíquicos, efeitos de sugestões. Outros, por outro lado, sustentam que o mecanismo dos fenômenos hipnóticos, ou pelo menos de alguns deles, tem como base algumas alterações fisiológicas, vale dizer, deslocamentos da excitabilidade dentro do sistema nervoso sem participação das partes que trabalham com consciência; por isso falam de fenômenos físicos ou fisiológicos da hipnose.<sup>12</sup>

Para Bernheim *tout est dans la suggestion*, enquanto que na concepção da Salpêtrière de Charcot havia uma defesa da tese das modificações fisiológicas no sistema nervoso, pelo menos no caso do *grand hypnotisme*. Dizer quando se trata apenas de um evento psíquico ou de um evento fisiológico na ocorrência dos fenômenos hipnóticos é realmente difícil, simplesmente por falta de critérios seguros, alerta Freud. Auguste Forel, professor de Psiquiatria em Zurique e co-participante da mesma discussão, parece avançar mais nessa questão, criticando tanto o modelo psicológico de seu mentor Bernheim como os modelos fisiologistas: numa postura monista diante dos fenômenos psíquicos, “nada há de ilógico em se argumentar que os fenômenos hipnóticos podem ser inteiramente explicados em termos psicológicos e, mesmo assim, desejar-se uma explicação neurofisiológica como mais básica”.<sup>13</sup> O *Projeto*, aliás, será concebido neste sentido mais fundamental de não se negar nenhuma destas instâncias envolvidas no ato psíquico.

---

<sup>12</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 83.

<sup>13</sup> K. Levin, op. cit., p. 73.

Essa discussão envolve o problema das bases fisiológicas dos processos psíquicos, como podemos observar, mas o que intriga Freud nessa polêmica é já o enigma da participação da consciência e da atenção que possa ser deslocada ou não até os conteúdos do transe hipnótico, além do problema que envolve as divergências sobre as partes do cérebro envolvidas – se o córtex tão somente ou as partes subcorticais – caso sejam constatadas as modificações fisiológicas do sistema nervoso. Uma diferenciação muito importante em relação à sugestão é comentada por Freud para que se analise melhor tal fenômeno: a sugestão pode conduzir à auto-sugestão e esta última parece possuir algumas diferenças em relação à outra, o que auxiliaria na charada das paralisias histéricas: “por via de tais auto-sugestões são geradas as paralisias histéricas espontâneas”.<sup>14</sup> A consciência, no caso da auto-sugestão, teria menor participação em relação ao conteúdo do que no caso da sugestão direta. E nesse trânsito entre as duas explicações vigentes sobre a essência dos fenômenos hipnóticos, encontramos, então, senão uma postura definida de Freud, pelo menos uma suspeita do que (não) possa ser a consciência: “com efeito, a ‘consciência’, seja ela o que for, não corresponde a toda atividade do córtex cerebral e nem sempre, na mesma medida, a cada uma separadamente; *não é algo ligado a uma localidade dentro do sistema nervoso*”.<sup>15</sup> No *Projeto*, caberá a Freud a tentativa de determinar as funções e o lugar teórico da consciência no sistema nervoso, na contramão ou mesmo na seqüência do que é posto aqui. Um quebra-cabeça intransponível, como sabemos, mas validado em sua existência pela importância atribuída ao problema pelo próprio Freud.

Talvez não fosse possível arriscar aqui qualquer tentativa de caracterização mais profunda acerca da postura filosófica de Freud, ao menos nesse momento de sua produção teórica, no que se refere mais especificamente à questão de como tratar a relação mente-cérebro, isto é, se já havia uma postura preponderante de sua parte ou algum tipo de forte tendência em relação à definição da natureza dos fenômenos psíquicos. Discute-se ainda hoje no tocante a isso e as leituras dos pesquisadores da obra de Freud são variadas em suas propostas interpretativas, não somente em relação a essa parte de sua obra. Numa conclusão parcial possível, a partir de nossas próprias pesquisas e do que já foi dito acima, deve-se ressaltar, contudo, o possível conflito existente entre a formação materialista de Freud na escola helmholtziana, via Brücke, seu grande mentor, e a novidade conseqüente das pesquisas de Charcot e de Breuer no que se refere à importância das idéias e dos eventos históricos dos indivíduos histéricos para compreensão da patologia e de seus sintomas.

---

<sup>14</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 89.

<sup>15</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 90-1. Grifos nossos.



Na verdade, a maneira como o *Projeto* foi produzido com o intuito de uma explicação neuropsicológica dos fenômenos normais e psicopatológicos poderia supor-nos que Freud já possuía uma decisão mais segura quanto ao problema, jamais tendo desistido de seu materialismo.<sup>16</sup> Além do mais, pelo que possamos entender de eventuais passagens ao longo de sua obra e, sobretudo, das afirmações dos textos mais tardios, suas convicções materialistas estenderam-se por toda sua vida, embora nunca a partir de uma perspectiva totalmente reducionista, o que se pode afirmar com segurança.

Mas temos ainda que dar seqüência às nossas análises através dos *Estudos Sobre a Histeria*.

---

<sup>16</sup> Cf. *infra*, p. 43.

### 1.2.1 Divisão da Psique ou da Consciência?

A produção dos *Estudos sobre a Histeria* é também marcada por algumas dissidências entre os autores dessa obra, o que determinou que a colaboração entre eles, na confecção desse trabalho, fosse a primeira e a última. Freud já tinha consigo, a essa altura de suas pesquisas, a convicção da importância da sexualidade como fator preponderante na explicação dos sintomas histéricos, ponto com o qual Breuer não concordava totalmente, apesar de ele mesmo, na parte da obra de sua autoria, ter feito referências à importância da vida sexual e seus problemas para a compreensão causal dessa patologia. Queremos dizer que o acento maior aos eventos ligados à sexualidade era incondicionalmente dado mais por Freud do que por Breuer. E não que este estivesse completamente cego a esse fato, o que seria um mito. Talvez fosse com o grau de importância último dado à vida sexual por Freud que Breuer não concordasse, pois implicaria em reconhecer quase que uma causa única para eventos extremamente complexos, em se tratando de entender a gigantesca dimensão da mente humana. Isso porém não atemorizava a Freud, devido à maneira como este vinha avançando em suas observações clínicas: as histéricas haviam resolvido tirar os mais íntimos segredos da alcova, mesmo que sempre com muita resistência, fato bem percebido por Freud. Bem possível tenham sido também alguns pudores e o espírito menos audaz de Breuer que o tenham impedido de reconhecer o valor último que as próprias histéricas davam aos problemas da sexualidade em suas vidas.<sup>17</sup>

Um outro ponto de divergência entre Breuer e Freud apontado por Strachey pode até ser considerado um tipo de paradoxo, dependendo da interpretação original de fundo: a maior tendência a tratar os problemas da histeria com a linguagem da psicologia não é de Freud, mas de Breuer. Este parecia mais determinado do que Freud a escrever os *Estudos* com a *linguagem das representações*, embora não o tenha feito com a força de sua determinação, enquanto Freud, já nessa época, encontrava-se no afã de resolver os problemas da histeria com uma linguagem neurológica, como suspeita Strachey<sup>18</sup> em sua introdução à obra inaugural da psicanálise. Todo esse intento de Freud teve de ser prorrogado por mais um tempo, até que chegasse o momento da elaboração do *Projeto*.

---

<sup>17</sup> Freud, em *Contribuição à História do Movimento Psicanalítico* (1914), vol. XIV, (AE), p. 11-12, relata que o maior motivo da dissidência com Breuer e o respectivo rompimento entre eles deu-se deveras no campo da discussão sobre a importância da sexualidade na causação das neuroses, onde “ele (Breuer) foi o primeiro a mostrar-me essas reações de indignado rechaço...”

<sup>18</sup> Freud, vol. II, (AE), p. 18.

Não obstante essa interpretação de Strachey, melhor seria se ouvíssemos o que o próprio Freud tem a dizer-nos a esse respeito:

a primeira diferença com Breuer afluou em um problema atinente ao mecanismo mais íntimo da histeria. *Ele ainda preferia uma teoria, por assim dizer, fisiológica*; queria explicar a cisão da alma dos histéricos pela falta de comunicação dos diversos estados da mesma (ou estados da consciência, como dizíamos então), e assim criou a teoria dos “estados hipnóides”. Segundo Breuer, os produtos desses estados penetravam na “consciência de vigília” como alguns corpos estranhos não assimilados. *Eu entendia as coisas menos cientificamente* [isto é, não no sentido das ciências naturais!], discernindo, onde quer que fosse, tendências e inclinações análogas àquelas da vida cotidiana, e concebia a cisão psíquica mesma como resultado de um processo de repulsão (*Abstossung*), ao que chamei então “defesa” e, mais tarde, de “repressão”.<sup>19</sup>

Vemos aqui um pequeno resumo do que, mais adiante, será tratado em pormenores por nós. No entanto, fiquemos no momento com a força da convicção de Freud ao assinalar, de modo decisivo, suas diferenças com Breuer.

Juntamente com os *Estudos sobre a Histeria* encontramos a *Comunicação Preliminar* de 1893, que também será alvo de nossas investigações. Os autores já colaboravam desde esse período e tal aproximação se deu, como vimos, devido ao interesse de Freud pelo caso Anna O. e o método catártico nele empregado por Breuer. Os *Estudos* e a *Comunicação Preliminar* são considerados hoje partes de uma mesma obra.

A partir do pequeno esboço histórico sobre os avanços teóricos de Freud já desenvolvido por nós, vejamos agora como aparece a nascente teoria psíquica freudiana que se encontra nos *Estudos*. Temos em mente questões tocadas há algumas páginas: que tipo de teoria do funcionamento mental encontramos resultada aqui, nessa obra, levando-se em consideração a nova concepção psíquica marcada pelos fenômenos além dos limites da consciência, algo produzido pelas pesquisas sobre a histeria e a hipnose? Visando entender como Freud concebe particularmente a consciência, como podemos entendê-la partindo-se da caracterização teórico-clínica da histeria e da hipnose?

---

<sup>19</sup> Freud, vol. XIV, (AE), p. 10-11. Grifos nossos.

“O histérico padece principalmente de reminiscências”.<sup>20</sup> Esta clássica afirmação que aparece na *Comunicação Preliminar* consiste em um dos principais núcleos de análise da histeria e pode ser o nosso ponto de partida para a exploração dos *Estudos*.

Eis uma das tantas conclusões fincadas nas observações dos pacientes histéricos através do método catártico de Breuer. Mas tais reminiscências não são apenas lembranças comuns, facilmente acessíveis à consciência; esses eventos, outrora experienciados de maneira muito dramática pelos pacientes, permanecem fora dos umbrais da consciência, algumas vezes percebidos superficialmente, e só conseguem vir à tona através da recordação catártica em estado hipnótico. Todas essas lembranças são apagadas da consciência e apartadas, portanto, de suas cadeias associativas. Assim, a consciência não representaria a totalidade dos fenômenos psíquicos, constituindo somente uma parte da vida psicológica. Na verdade, tais recordações permanecem vivas em estado inconsciente e em conexão causal com os sintomas histéricos, independentemente da não-percepção consciente do indivíduo.

Claramente percebido por Breuer e Freud, o que terá grandes ressonâncias teóricas, os relatos ocorridos durante o transe hipnótico são sempre acompanhados de uma intensidade afetiva patente. Isso será o gérmen da compreensão quantitativa dos sintomas neuróticos em suas relações com os afetos, além do critério maior para que se identifique a verdadeira tomada de consciência das lembranças consideradas traumáticas.

Descobrimos no início, com efeito, para nossa máxima surpresa, que *os sintomas histéricos singulares desapareciam rapidamente e sem retornar quando se conseguia despertar com plena luminosidade a lembrança do processo ocasionador, convocando, ao mesmo tempo, o afeto acompanhante, e quando o enfermo descrevia esse processo da maneira mais detalhada possível, expressando o afeto em palavras*. Uma lembrança não acompanhada de afeto é quase sempre totalmente ineficaz; o decurso do processo psíquico originário tem que ser repetido com a maior vivacidade possível, posto em *status nascendi* e logo ‘pronunciado’ (*‘Aussprechen’*).<sup>21</sup>

O motivo pelo qual tais idéias patológicas permanecem vivas fora da consciência, segundo os autores, é o fato das pacientes não terem podido reagir normalmente durante a ocorrência desses eventos que lhes foram traumáticos. Em tais casos, como é de se esperar, pode-se reagir normalmente com gritos, palavras, choro, o que não acontecia com as

---

<sup>20</sup> Freud, vol. II, (AE), p. 33.

<sup>21</sup> Freud, vol. II, (AE), p. 32.

pacientes, quando em meio a tais acontecimentos traumáticos, por algumas impossibilidades específicas. Esta questão do não perecimento das idéias patológicas surge da pergunta que Freud faz a si mesmo sobre as diferenças entre as nossas lembranças comuns, que se desgastam com o tempo, e essas que se tornam intensamente nocivas à vida psicológica fora da consciência. “O que sobretudo importa é se, frente ao evento que afetou, reagiu-se energicamente ou não.”<sup>22</sup> Se não se *abreagiu* adequadamente, a tendência é, então, que tais lembranças permaneçam totalmente carregadas de afeto, frescas e vivas, aquém da perfeita percepção e do controle das pacientes. Daí a importância de se reproduzir tais ocorridos juntamente com a carga de afeto acompanhante, o que era possível pelo método catártico, pois, caso contrário, a eficiência da conquista consciente do conteúdo varrido para longe da percepção era diminuída. O ato de falar, que insere o elo histórico faltante da vida psíquica consciente, torna-se elemento importante para a clínica da histeria e, conseqüentemente, para o futuro entendimento das relações entre a consciência e o inconsciente.

Breuer, na sua apresentação teórica dos casos de histeria, oferece uma compreensão particular sobre o momento do trauma – ocasião em que o afeto é represado. Para Breuer, como já podemos antecipar, existem *estados hipnóides* que são causados pelo afeto, mesmo durante as situações traumáticas. Essa sua posição frente ao porquê do surgimento dos sintomas tornar-se-á, aos poucos, a menos predileta daquelas propostas por Freud porque, no entendimento deste, cabe uma outra explicação mais convincente, no caso, a explicação da *repressão*: “trata-se de coisas que o enfermo queria esquecer e por isso intencionalmente<sup>23</sup> as reprimiu (desalojou) de seu pensar consciente, inibindo e sufocando-as”.<sup>24</sup> Enquanto para Freud a explicação pela idéia de repressão/defesa vai tornando-se mais forte, para Breuer a explicação dos “estados hipnóides” parece ser mais convincente:

na histeria estão presentes grupos de representações gerados em estados hipnóides, excluídos do comércio associativo com os restantes grupos mas associáveis entre si, e, deste modo, constituem uma organização mais ou menos alta, o rudimento de uma segunda consciência, de uma *condition seconde*. De acordo com isto, um sintoma

---

<sup>22</sup> Freud, vol. II, (AE), p. 34.

<sup>23</sup> Strachey, em uma nota de rodapé, chama a atenção para uma possível má compreensão do advérbio ‘intencionalmente’ que aqui aparece, originado dos alemães *absichtlich*, *willkürlich* e do espanhol *adrede* da Amorrortu, palavra que também existe em português. Segundo ele, para Freud, já nesse momento, “a palavra ‘intencionalmente’ não é senão a indicação de um motivo, não implicando que haja uma intenção *consciente*”, pois o mecanismo de defesa é inconsciente. Mas no caso de Elisabeth von R. (Freud, vol. II, (AE), p. 154), pelo menos, Freud consegue perceber que a paciente tinha consciência dos motivos de seu padecimento e apenas resistia em aceitá-los, o que nos faz suspeitar parcialmente da convicção de Strachey quanto a isto.

<sup>24</sup> Freud, vol. II, (AE), p. 36.

histérico permanente corresponde a uma penetração desse estado segundo na inervação corporal governada geralmente pela consciência normal.<sup>25</sup>

O ataque histérico seria explicado pela dominância da *condition seconde* sobre a consciência normal. Apesar de praticamente se dividir a psique em duas consciências – a normal e a da *condition seconde* – para a explicação dos estados hipnóides, Breuer percebe que a divisão mais condizente com as descobertas dos dois autores, aquela que já conhecemos, é a do psiquismo dividido em consciente e inconsciente, ao invés da divisão da própria consciência em duas. Desse pressuposto dos estados hipnóides e a maneira pela qual se entende a histeria, podemos notar semelhanças com o acontecimento dos fenômenos hipnóticos, principalmente pela falta de uma oposição da consciência normal. A idéia principal que aí se situa é a de que “a hipnose é uma histeria artificial”.<sup>26</sup>

No que diz respeito à questão da “quantidade de excitação” já inicialmente resvalada por nós, o termo usado por Breuer para a discussão teórica dessa idéia de quantidade é a *excitação tônica intracerebral*. Postular um *quantum* de energia que circule pelo sistema nervoso encontra explicações na formação teórica que tanto Breuer como Freud tiveram de seus antecessores em Viena, algo muito corrente até então; diz respeito às grandes influências materialistas que ambos os autores tiveram dos cientistas da época e será a via mestra de explicação do psiquismo no livro do *Projeto* que estudaremos mais adiante. Aliás, o princípio de constância já está contido aqui, junto a essa teoria de excitação tônica: “...no organismo existe a ‘tendência a manter constante a excitação intracerebral’”.<sup>27</sup>

Resumidamente, podemos entender a teoria da quantidade nos *Estudos* da seguinte forma: existe uma quantidade ótima de circulação de energia pelo sistema nervoso e qualquer acúmulo dessa energia, seja pelas comoções ou necessidades do organismo, e até mesmo pela extrema falta de atividades comuns, pois esta também resultaria em certos acúmulos, terá como conseqüência o sentimento de desprazer. O organismo tende à remoção das grandes sobras de excitação e quando isso não acontece, pode ocorrer uma sobrecarga nociva. Além disso, uma importante distinção teórica que também se deve a Breuer faz-se importante: “a diferença entre energia psíquica ligada (tônica) e a energia livre (móvel)”.<sup>28</sup> As grandes excitações histéricas são devidas ao “desequilíbrio emocional”<sup>29</sup> (*Aufregung*) que

<sup>25</sup> Breuer, in: Freud, vol. II, (AE), p. 41.

<sup>26</sup> Freud, vol. II, (AE), p. 37-8.

<sup>27</sup> Freud, vol. II, (AE), p. 208.

<sup>28</sup> J. Strachey, in: Freud, vol. II, (AE), p. 17.

<sup>29</sup> Freud, vol. II, (AE), p. 209.

inexoravelmente marca essa psicopatologia e estão mal distribuídas no organismo, desequilibrando-o em sua dinâmica nervosa. O afeto, termo usado por Freud, está ligado às idéias patológicas e se estas estão reprimidas, “a excitação que parte da representação afetiva é ‘convertida’ em um fenômeno corporal”,<sup>30</sup> ou seja, em sintomas histéricos. Para alguns comentadores das obras de Freud, supor uma energia que possa livrar-se das representações, deslocando-se independentemente delas ou ligando-se a outras idéias – como no caso das obsessões – é uma das maiores descobertas da psicanálise. No caso da histeria, o destino desses afetos estrangulados é a conversão em sintomas, mesmo que as idéias permaneçam inconscientes para a pessoa.

O fenômeno da conversão histérica está em boa parte relacionado ao da simbolização. Já comentado anteriormente por nós, muitas vezes, as histéricas apresentavam paralisias que não condiziam com a disposição anatômica dos membros, mas era muito mais o resultado de suas fantasias histéricas, uma concepção mental errônea que não levava em consideração a real situação neuroanatômica. Isto porque o que existia de fato era um núcleo simbólico entre o conflito psicológico (ou seu ocasionamento) e o sintoma do enfermo. Mesmo os ataques histéricos, se assim se compreende, poderiam ser considerados como representações das cenas traumáticas uma vez ocorridas, uma tentativa de reprodução do drama acontecido. Seria uma espécie de encenação onde as próprias histéricas seriam as protagonistas. Um outro tipo comum de simbolismo que podemos apontar, por exemplo, é o do vômito, que geralmente simboliza um tipo de asco moral. Por trás de um fenômeno simbólico como esse, costuma-se encontrar uma série de complexas relações entre representações incompatíveis, como desejos que não podem ser realizados por causa dos valores morais sociais que estão arraigados na própria pessoa – tema que seria muito proveitoso, se fosse também de nosso escopo, para uma discussão da consciência moral (*Gewissen*). É onde aparecem as representações filiadas à sexualidade, grande parte do tempo encaradas pelas histéricas como algo pecaminoso e sujo. Além dos sintomas que são gerados a partir desses conflitos, como o vômito, uma outra característica torna-se então comum nesses casos: “a angústia da consciência moral”.<sup>31</sup>

Mas a compreensão completa do porquê dos sintomas não existe na consciência dos pacientes. Entre a origem da patologia e os sintomas propriamente ditos o que existe é uma lacuna e o inferno da angústia. As associações violentas que desfilam pela mente das histéricas, o que levou Anna O. a dar o nome de “meu teatro privado”,<sup>32</sup> são muito

---

<sup>30</sup> Freud, vol. II, (AE), p. 217.

<sup>31</sup> Freud, vol. II, (AE), p. 221.

<sup>32</sup> Freud, vol. II, (AE), p. 47.

semelhantes às associações oníricas, fenômeno denominado por Freud de *compulsão à associação*, o que tem a ver com um problema ligado à linguagem e à consciência ou, se quisermos, com a incapacidade das histéricas de relatar conscientemente os eventos importantes de sua própria história. A consciência na histeria, ao menos durante a instauração da chamada *double conscience*, parece ser um misto de movimento de confusão e aleatoriedade, além de, em geral, alienada em relação às origens geradoras da patologia, com inibição da linguagem, o que certamente contribui para tal alienação e também para as alucinações<sup>33</sup> que compõem o caos da condição histérica. De fato, semelhantemente ao transe hipnótico, a consciência pouco pode voluntariamente, não sendo capaz de contrapor-se à avalanche de determinações inconscientes que invadem o resto de sanidade das pacientes. Não pode controlar e pouco sabe das verdadeiras condições que geraram e mantêm a miséria neurótica. Freud e Breuer reconhecem que várias seriam as causas da histeria – os traumas parciais que se superpõem – e a suspeita da grande importância dos elementos infantis na causação dos sintomas apenas demonstra que o período temporal que costumeiramente denominamos de passado, atualiza-se constantemente na ordem psíquica presente. E a consciência nada sabe, estigma da ignorância e dos limites que a caracterizam.

Por um outro lado, encontramos também, na direta convivência com a insanidade, a destreza criativa das histéricas: apesar de escravas da própria psicopatologia, muitas pacientes eram inteligentes e conseguiam realizar atividades com grande desenvoltura durante os estados normais. Destas observações, os autores dos *Estudos* criticaram a posição de Janet, o “*Freud francês*”,<sup>34</sup> que sustentava uma debilidade mental inata – a *insuffisance psychologique* – por parte dos histéricos. O que alegava esse autor era a existência de uma fraqueza congênita restringindo a consciência e impedindo sínteses psíquicas. Mas da observação direta dos pacientes e das conclusões extraídas dos estudos de Freud e Breuer, seria muito chamar os histéricos de débeis mentais.

---

<sup>33</sup> Temos a obrigação de chamar a atenção para um ponto importante referente à alucinação e que envolve a consciência e a memória. Isto será mais bem discutido no *Projeto*, mas se deve a uma idéia de Breuer aqui presente. Para este, a imagem mnémica, isto é, a representação, é alimentada por uma excitação “retrocedente” do aparato perceptivo, ganhando vivacidade objetiva, mas que pode gerar a alucinação. A consciência, no *Projeto*, será o órgão responsável pela distinção entre realidade e alucinação. Quanto à memória e ao aparelho perceptivo, que também diz respeito à consciência, um mesmo órgão não pode realizar essas duas funções: “a condição básica para o funcionamento do aparelho da percepção é a mais rápida *restitutio in statum quo ante* (restituição do estado anterior)”, para que se produzam novas percepções. “A condição da memória, em câmbio, é que não se produza essa restituição, senão que cada percepção crie alterações permanentes”. Freud, vol. II, (AE), p. 200.

<sup>34</sup> Esta denominação de Janet é proveniente da psicanalista e historiadora francesa Elisabeth Roudinesco, em documentário realizado pela TV francesa por ocasião do centenário da Psicanálise, em 1995.



Desse trabalho com as histéricas e com outros neuróticos surgiu uma outra grande contribuição de Freud para a psicologia e a psiquiatria, a saber, a falta de critérios justos para a divisão entre a normalidade e anormalidade. Embora o gasto de energia envolvido na produção da neurose seja grande, envolvendo grande parte da vida desses enfermos, uma “ponta de sensatez” parecia restar às pacientes. Transposto para o mundo geral dos “normais”, seria difícil definir até que ponto se é mais sadio e até que ponto se é menos. Mas isso ficará para melhores definições de Freud no decorrer e amadurecimento posteriores de sua obra. (Até onde podemos arriscar a palavra normal ou não no mundo do psiquismo humano?)

O que importa exaltar aqui, se já não o fizemos devidamente, é a importância do *falar* descoberta por esses pesquisadores da histeria.

No texto *O Inconsciente*, de 1915, trabalho integrante dos seus artigos da Metapsicologia, veremos como Freud concebe teoricamente a diferença entre uma representação inconsciente da representação consciente, o que nos ajudará a entender tal importância. Ao se resgatarem, pela linguagem, as lembranças patológicas que causavam transtornos fora dos limites da consciência – fato que se revela realmente importante para a compreensão do ato de tornar-se consciente – talvez não se tenha trazido a *cura* para essas pacientes, como a concebemos no sentido mais médico da palavra, mas, porém, no mínimo, “a mudança de sua miséria histérica em uma tristeza comum”,<sup>35</sup> o que também, para efeito clínico, seria uma grande conquista. A linguagem, enquanto ato da fala e recurso mediato para se tomar consciência das representações patogênicas, aparece como extremamente importante para a saúde mental e para a autonomia racional do indivíduo, sem a qual, pelo que podemos aprender até agora, corre-se o risco de uma fragmentação mórbida do sujeito agente.

Temos, queremos crer, uma satisfatória noção da compreensão teórica que Freud promove acerca do funcionamento mental histérico nesse primeiro momento de suas pesquisas. Acompanhamos, até o momento, o surgimento dos principais conceitos que formam essa compreensão e como a consciência pode ser concebida nesse livro que inaugura os longos passos que Freud ainda deverá dar. Falta-lhe ainda a segurança de uma linguagem “mais científica” que possa conduzi-lo adiante com mais confiança: um *Projeto de Psicologia*, ou seja, uma teoria geral da mente amparada pelos fundamentos das ciências naturais.

---

<sup>35</sup> Freud, vol. II, (AE), p. 309.

### 1.3 Projeto de uma Psicologia.

Passemos agora para a análise do *Projeto de uma Psicologia* (*Entwurf einer Psychologie*), a primeira teoria geral da mente freudiana.

Tomado por um febril espírito criativo, Freud intentou no *Projeto* uma teoria de caráter neurofisiológico do funcionamento psíquico, melhor dizendo, uma teoria neuropsicológica ampla que pudesse abordar tanto os processos normais como também os patológicos. O intuito era o de descrever os eventos psíquicos a partir de um ponto de vista quantitativo (econômico) sobre bases materiais (neurônios).

Havia toda uma preocupação de Freud com o estatuto científico da psicologia que ele pudesse vir a criar; com a sua “psicologia para neurologistas”:<sup>35</sup> queria fundar uma psicologia natural com a linguagem científica da física e da biologia, incorporando-a, assim, no ramo das chamadas *Naturwissenschaften*. Problemas do âmbito da psicologia são tratados aqui com uma linguagem neurológica, o que nos remete, em termos de biografia, às influências que Freud teve de autores como Helmholtz, Brücke, Meynert e Fechner na sua formação médico-científica. O estado de tensão que envolveu a parturição desse texto pode ser apreendido nas cartas da época enviadas a Wilhelm Fliess. Infelizmente, após meses de reflexão e trabalho, Freud se viu exaurido e desanimado<sup>36</sup> frente a problemas de extrema dificuldade, problemas que ainda hoje não foram satisfatoriamente resolvidos no campo das ciências neurológicas e da psicologia.

A descrição dos fenômenos pertinentes à consciência, no caso, representou um dos principais impasses e desafios do *Projeto*, senão o maior deles. Isto porque não seria totalmente injusto afirmar que o próprio *Projeto* possa também ser visto como uma determinada teoria da consciência, uma vez que fenômenos como o da atenção, da percepção, da memória e do pensamento constituem focos de intensa análise por parte de Freud. Ao deparar-nos com a magnitude das teses e hipóteses encontradas no texto, a impressão que nos resta é a de que Freud já poderia ter alcançado aqui a fama de grande cientista se tivesse, claro, superado tais problemas e publicado esse trabalho. A falta de maiores informações científicas sobre a anatomia e a fisiologia do sistema nervoso naquele momento talvez tenha contribuído, também, para que Freud esbarrasse nesses mesmos problemas; muitas coisas ainda estavam para ser descobertas nas áreas da neurologia e da psiquiatria.

---

<sup>35</sup> Freud, (AdA), carta 23, p. 106.

<sup>36</sup> Freud, (AdA), carta 35, p. 118. Na carta de 8 de novembro de 1895, Freud informa a Fliess que “embrulhei meus manuscritos psicológicos e joguei-os numa arca, onde deverão dormir até 1896”.

Dizer que o *Projeto* é muito mais que simples documento histórico da psicanálise tem respaldo nas leituras que ainda possamos fazer desse grandioso trabalho, tanto para a compreensão das concepções teóricas posteriores de Freud como até mesmo para disciplinas científicas e filosóficas que trabalham atualmente com a questão mente-cérebro. James Strachey, em sua nota introdutória do *Projeto*, já havia percebido, na época, que “a tentativa de Freud, empreendida setenta anos atrás, de aproximar-se de uma descrição dos fenômenos psíquicos em termos fisiológicos assemelha-se muito bem com certos enfoques modernos do mesmo problema”.<sup>37</sup> O trabalho crítico de Pribram & Gill<sup>38</sup> sobre o *Projeto* parece ser um bom exemplo disso. Strachey diz que

nos últimos tempos [o que, de certa forma, ainda acontece] sugeriu-se que o funcionamento do sistema nervoso humano possa ser considerado similar, ou ainda idêntico, ao de um computador: ambos são aparelhos destinados à recepção, armazenamento, processamento e fornecimento de informação. Assinalou-se, de modo plausível, que, nos complexos eventos neuronais descritos por Freud e nos princípios que os governam, pode-se ver mais de um indício das hipóteses sustentadas pela teoria da informação e da cibernética em suas aplicações ao sistema nervoso.<sup>39</sup>

Até mesmo como possível precursor das idéias do behaviorismo<sup>40</sup> moderno poder-se-ia colocar o *Projeto*. Mas não constitui nosso objetivo um exame mais pormenorizado dos aspectos dessas contribuições.

O intento de Freud, mesmo que rejeitado por ele mesmo, ultrapassou toda uma época e ainda tem ressonâncias em nosso tempo, basta saber. Mesmo que o *Projeto* possa até vir a ser considerado um modelo neuropsicológico deficiente, sem respaldo teórico mais sólido para a resolução dos variados problemas existentes, o seu estudo é imprescindível para a compreensão da metapsicologia freudiana, constituindo-se como o seu verdadeiro ponto de partida. Vale aqui, mais uma vez, na consideração de nossa problemática, a leitura deste texto que ainda se faz centro de atenção e alvo de controvérsias dos estudiosos de Freud.

---

<sup>37</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 335.

<sup>38</sup> K. Pribram e M. Gill, *O Projeto de Freud: um exame crítico*, 1976. Estes autores trabalham com a perspectiva da cibernética.

<sup>39</sup> Freud, vol. I, (AE), 335. Possível referência aos primórdios da Inteligência Artificial e disciplinas afins.

<sup>40</sup> Strachey parece falar aqui da modalidade moderna de behaviorismo S-O-R (estímulo-organismo-resposta) que surgiu por complemento/oposição ao modelo S-R (estímulo-resposta) de Watson e, de certo modo, de Skinner.

### 1.3.1 Uma Teoria da Mente: a Consciência no *Projeto*.

O *Projeto*, que contém umas cem páginas, está dividido em três partes: 1) um plano geral de apresentação das teses neurofisiológicas do funcionamento psíquico; 2) uma psicopatologia, sobretudo da histeria; e 3) a tentativa de descrição dos processos psíquicos normais.

Para facilitar a nossa discussão, estaremos mais ou menos respeitando a seqüência de apresentação realizada pelo próprio Freud. Apenas preferimos deixar a segunda parte, sobre a histeria, para o final.

Nessa primeira parte do plano geral são descritas as duas idéias ou postulados principais: (1) a de conceber Q para distinguir a atividade de repouso, submetida às leis gerais do movimento; e (2) supor os neurônios como as partículas materiais mais elementares do sistema. A intenção de Freud era a de descrever os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados, com base material em partículas específicas, os neurônios.

A concepção de quantidade, primeira proposição principal, tem origem, segundo Freud, nas suas observações clínicas da histeria e da neurose obsessiva, havendo uma diferença de característica quantitativa entre estas patologias – nas quais as idéias aparecem com maior intensidade – e a normalidade – com idéias de menor intensidade em suas manifestações. Eis uma importante tese de Freud que estará presente em toda a sua obra, tendo sido corroborada com mais força a partir das posteriores observações clínicas das neuroses em geral. Conceber um psiquismo sem a noção de quantidade seria algo impossível para Freud.<sup>41</sup>

Já nos *Estudos sobre a Histeria*, como vimos, esta idéia de quantidade está originalmente caracterizada como a “excitação tônica intracerebral” de Breuer<sup>42</sup> na parte teórica da obra. Através das observações clínicas que Freud vinha realizando sobre as psiconeuroses, alguns processos como estímulo, substituição, conversão e descarga sugeriram-lhe a idéia de quantidades fluidas.

---

<sup>41</sup> Laplanche e Pontalis, *Vocabulário da Psicanálise*, 1994, p. 121.

<sup>42</sup> Supra p. 36. Breuer mesmo reconhece que a originalidade da idéia de uma concepção energética que postula uma quantidade circulante pelo cérebro não é sua, mas de um médico francês, Georges Cabanis. In: Freud, vol. II, (AE), p. 207.

Um princípio fundamental é postulado então com referência à Q, o princípio de inércia<sup>43</sup> neuronal, que tem como maior característica a descarga: os neurônios tendem a livrar-se de Q. Com isto, dois são os tipos de neurônios justificados pelo princípio de inércia – os “sensoriais” que recebem a estimulação e os “motores” que viabilizam a descarga pela ação motora – que devem anular, como um dispositivo, a recepção de  $Q\eta$ <sup>44</sup> mediante sua liberação pela descarga.

O princípio de inércia, assim, fornece o motivo para o movimento reflexo, sendo o funcionamento genérico do aparelho psíquico como o do conhecido “arco reflexo”. O que é denominado por Freud como “função primária” do sistema de neurônios é a descarga de Q nos mecanismos musculares para livrar-se do estímulo; a “função secundária” seria propriamente a ação de cessar e de *fuga* do estímulo. Em outras palavras, o acúmulo de tensão no sistema nervoso – proveniente da constante estimulação de uma fonte, via neurônios sensoriais (ou aferentes) – gera a descarga imediata – via neurônios motores (ou eferentes) – que seria a sua função primária; a função secundária caracteriza-se pela tentativa de evitação dos efeitos da fonte estimuladora através das denominadas “ações específicas”.

Além dos estímulos externos, o princípio de inércia pode ser afetado por estímulos endógenos das próprias células corporais que dão origem às grandes necessidades do organismo como a “fome, a respiração e a sexualidade”.<sup>45</sup> Como não se pode reagir a esses estímulos como se reage frente a estímulos externos, esquivando-se destes, o aparelho não pode empregar Q para a devida fuga do estímulo. Algumas condições devem ser modificadas no ambiente externo, por “ações específicas”, para que se ponha fim a tais estimulações internas como, por exemplo, cessar a necessidade de alimento. São as exigências da vida (*Not des Lebens*), tal como Freud proclama; deste modo, o sistema nervoso deverá tolerar um certo acúmulo de  $Q\eta$  interna para a posterior exigência de qualquer ação necessária, rompendo-se, assim, o princípio de inércia que tende a reduzir o nível de  $Q\eta$  a zero. A diferença, agora, é que  $Q\eta$  deverá manter-se sempre no nível mais baixo possível, de forma constante. “Todas as operações do sistema nervoso devem situar-se sob o ponto de vista da função primária ou da secundária, que é imposta pelas exigências da vida”.<sup>46</sup>

<sup>43</sup> Mais à frente será contraposto ao “princípio de constância”, atribuído a Fechner por Freud. Pribram & Gill (1976, p. 21) também sugerem semelhanças deste com o “princípio de homeostase” de Cannon.

<sup>44</sup> Apesar da diferença que efetivamente exista entre Q e  $Q\eta$ , Freud não a explica com total clareza em lugar nenhum. Mesmo assim Q parece ser a “quantidade externa” e  $Q\eta$  a “quantidade psíquica”. Ver introdução de Strachey, in: Freud, vol. I, (AE), p. 332.

<sup>45</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 341. Estes estímulos endógenos serão os precursores das pulsões.

<sup>46</sup> Idem. Ibid.

Os neurônios, com os quais está ligada a teoria da quantidade, não se distinguem histologicamente, estando conectados entre si por vias de condução (dendritos) por onde passam as excitações. Estas excitações são descarregadas por outras vias, os cilindros axiais (axônios). Várias são as ramificações dos neurônios e de vários calibres.

Dependendo das circunstâncias, os neurônios podem encontrar-se ocupados<sup>47</sup> (*besetzt*) por uma certa quantia de  $Q\eta$  ou não; “o princípio de inércia encontra sua expressão na suposição de uma *corrente*, que desde as conduções ou prolongamentos celulares está dirigida ao cilindro axial”.<sup>48</sup> Cada neurônio singular pode ser, analogamente, uma cópia de todo o sistema nervoso, sendo o cilindro axial o local de descarga.

O fato de a função secundária demandar um certo armazenamento de  $Q\eta$  para as ações específicas que devem modificar o ambiente, fez com que Freud postulasse um tipo de resistência contra a descarga, no caso, as “barreiras-contato”, denominadas por Foster e Sherrington como “sinapses” dois anos mais tarde.<sup>49</sup> A tese das barreiras-contato é a base da explicação da memória, uma das principais características do tecido nervoso na concepção de Freud.

Deve-se explicar por essa tese como as excitações podem constituir traços de memória. Para isso, Freud irá propor uma separação funcional das células sensoriais entre “células de percepção” e “células de memória”, frente ao problema da capacidade de o sistema nervoso diferenciar entre novas percepções e aquelas já existentes. Duas classes de neurônios serão hipotetizadas:

Em primeiro lugar, aquelas que deixam passar  $Q\eta$  como se não existisse nenhuma barreira-contato, que, a cada decurso excitatório, permanecem no mesmo estado anterior, e, em segundo lugar, aquelas, cujas barreiras-contato se fazem valer, de tal sorte, que  $Q\eta$  só passe por elas com dificuldade ou apenas parcialmente. Estas últimas, após cada excitação, podem permanecer em um estado diferente do anterior, dando por resultado uma *possibilidade de constituir a memória*.

Assim, existem neurônios permeáveis (que não operam nenhuma resistência e nada retêm) destinados à percepção, e neurônios impermeáveis (dotados de resistência e retentores de  $Q\eta$ ) que são portadores de memória e responsáveis pelos processos psíquicos gerais. De agora em diante chamarei o primeiro sistema de  $\phi$  e o segundo de  $\Psi$ .<sup>50</sup>

<sup>47</sup> “Catexiados” ou “catexizados” para os que estão acostumados com estes termos.

<sup>48</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 342.

<sup>49</sup> Ibid. Ver nota de rodapé n. 13.

<sup>50</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 344. Grifos do autor.

Os neurônios  $\Psi$  são para Freud de maior importância porque abrangem os fenômenos psicológicos mais gerais, de certo modo relacionados com a massa cinzenta cerebral. Suas barreiras-contato alteram-se permanentemente pelo decurso excitatório para que exista uma aprendizagem com base na memória. Freud vê-se obrigado a supor um certo grau de facilitação entre suas barreiras-contato, tornando-as menos impermeáveis e mais capazes de condução, tal como acontece nos neurônios  $\phi$ . “Por isso, pode-se dizer, com maior correção ainda: *A memória está representada pelas facilitações (Bahnungen) existentes entre os neurônios  $\psi$* ”,<sup>51</sup> mais propriamente, pelas diferenças de facilitações entre estes neurônios. Essas facilitações são possibilitadas pela magnitude e pela frequência das impressões que percorrem  $\psi$  em termos de condução de  $Q\eta$ . Também “*as facilitações servem à função primária*”<sup>52</sup> do sistema nervoso porque evitam o acúmulo de  $Q\eta$  através da descarga.

Posto isso, Freud investiga, de modo bem especulativo, a origem evolutiva das diferenças funcionais entre os neurônios  $\psi$  e  $\phi$  que ele mesmo postula, já que os mesmos não se diferenciam histologicamente, mas sim no que diz respeito ao fato de serem mais ou menos impermeáveis. Se os neurônios não se modificaram quanto as suas estruturas durante a evolução, diferenciaram-se funcionalmente em permeáveis (neurônios  $\phi$ ) e impermeáveis (neurônios  $\psi$ ) pelas necessidades ambientais externas impostas ao organismo, juntamente àquelas impostas pelo ambiente interno. Para Freud, porém, as quantidades de estímulo que chegam do ambiente externo são bem maiores em sua magnitude em relação às estimulações internas. Freud recorre aqui ao conhecimento da Física para confirmar suas especulações que, segundo as descobertas deste saber científico, “as quantidades de energia do mundo externo consistem em poderosas massas em forte movimento”.<sup>53</sup> Os neurônios  $\phi$ , que estão orientados para esse ambiente externo, possuem a tarefa de descarregar o mais rapidamente possível toda  $Q\eta$  que venha penetrar nos neurônios. Assim, os neurônios  $\phi$  estão totalmente expostos aos efeitos das grandes quantidades de  $Q$  provenientes do exterior, mesmo que providos de telas protetoras.<sup>54</sup> Os neurônios  $\psi$ , por outro lado, não estão em contato com o mundo exterior, recebendo  $Q$  somente dos neurônios  $\phi$  e das células do interior do corpo.

---

<sup>51</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 345.

<sup>52</sup> Ibid.

<sup>53</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 348.

<sup>54</sup> Observando-se esta passagem, e no que se refere à nota de rodapé n. 26 (in: Freud, vol. I, (AE), p. 349), deparamo-nos com uma preocupação constante de Freud, deste manuscrito e da sua obra posterior, que toca a questão da consciência e, mais tarde, a do ego: trata-se da preocupação com as porções do aparelho psíquico em contato com a realidade externa. Pela carta n. 39 de 1º de janeiro de 1896, é possível notar que a localização da consciência em relação aos sistemas  $\psi$  e  $\phi$  foi um dos maiores problemas para Freud.

“Todos os dispositivos de natureza biológica possuem limites de eficiência (de ação) que fora dos quais fracassam”.<sup>55</sup> A dor seria um fenômeno a promover a falha desses dispositivos de proteção – estes, as telas de terminação nervosa – devido às quantidades extremas de  $Q$ , um acréscimo quantitativo violento além de tais limites estabelecidos. O sistema nervoso possui a tendência a fugir da dor. Qualquer elevação de  $Q\eta$  terá como resposta uma descarga, tendência primária do aparelho; constata-se nisso que “a dor consiste na irrupção de grandes  $Q$  em  $\psi$ ”,<sup>56</sup> mesmo que este último sistema ( $\psi$ ) não esteja em contato direto com o mundo externo. Melhor dizendo, a dor irromper-se-ia em grandes quantidades de  $Q$  no sistema  $\phi$  e, depois, em  $\psi$ , por sobrepujar as quantidades costumeiras dos estímulos que atingem os neurônios  $\phi$ . Consequentemente, as barreiras-contato seriam canceladas em  $\psi$ , passando a existir facilitações mais permanentes, tal como acontece entre os neurônios  $\phi$ . A dor está, desta forma, na relação direta com o aumento da tensão de  $Q\eta$  intracelular.

Entremos agora na parte do *Projeto* onde se inicia a peregrinação de Freud pelos campos da consciência propriamente dita e seus respectivos problemas. O autor, neste momento de nosso trabalho, torna-se diretamente um teórico dos processos conscientes. Para que toda a sua “maquinaria neurológica” funcionasse, os processos conscientes deveriam ser compreendidos à altura de uma teoria geral do psiquismo, a partir dos processos quantitativos de base. Apesar do inconsciente ainda não constituir um sistema no *Projeto*, a preocupação de Freud já girava em torno desses processos devido aos estudos dos fenômenos patológicos das neuroses que vinha realizando. Tais processos só seriam mais bem aclarados através de um estudo abrangente e paralelo da consciência, não obstante o reconhecimento dos limites desta última desde suas recentes descobertas.

Na verdade, nessa psicologia para neurologistas que Freud nos legou, a descrição dos fenômenos conscientes foi ganhando peso à medida que seu trabalho desenvolvia-se. Richard Wollheim acredita, por exemplo, que

embora Freud soubesse muito bem que qualquer teoria psicológica que pretenda ser adequada deve, em algum ponto, lidar com a consciência e com o conhecimento que a consciência nos oferece – ainda que, freqüentemente, seja fragmentário e intrigante – dos fenômenos psíquicos, não deixa de ser significativo que Freud só tivesse visto a necessidade de introduzir o tópico depois de já ter sido feita, em suas linhas gerais, uma descrição da mente. Nos anos que se seguiram, é possível que Freud estivesse

---

<sup>55</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 351.

<sup>56</sup> Ibid.



descontente com a descrição por ele feita da consciência no seu *Projeto*. Mas é improvável que tivesse encontrado motivos para discordar da natureza geral dessa descrição – ou mais especificamente, para discordar do papel atenuado que se atribuía à consciência no quadro geral da mente.<sup>57</sup>

Para introduzir a questão da consciência, Freud inaugura a sua discussão através do problema da qualidade, pois sabia que sua teoria quantitativa deveria prestar contas a este tipo de obstáculo – o fato de termos sensações conscientes qualitativas e não quantitativas. Até o momento, devemos saber, “abordamos os processos psíquicos como algo que poderia prescindir da percepção da consciência, como algo que existe independentemente de uma consciência”,<sup>58</sup> o que já consiste em afirmar categoricamente o inconsciente em bases materiais. Segue-se, então, que “a consciência não nos proporciona uma informação confiável dos processos neuronais; estes, em toda a sua totalidade, devem ser considerados em primeiro termo como inconscientes e, da mesma forma como as outras coisas naturais, devem ser inferidos”.<sup>59</sup> Interessante que, mais tarde, Freud dirá o mesmo em relação ao ego e sua ignorância dos processos psíquicos, na maior parte inconscientes, fato lembrado por Strachey em um de seus comentários.<sup>60</sup> Sendo assim, além da difícil tarefa de situar a consciência em solo material, em meio aos outros processos neuropsíquicos, Freud sabia da magnitude do problema de se explicar a consciência em termos materialistas e, conseqüentemente, da importante missão da psicologia que estava criando:

...toda teoria psicológica, além de seus resultados na ordem das ciências naturais, deve preencher um outro grande requisito. Ela deve nos explicar, da maneira mais intrincada, tudo aquilo que já conhecemos através de nossa ‘consciência’; e uma vez que essa consciência nada sabe daquilo que estivemos pressupondo até agora – quantidades e neurônios – deverá também nos explicar este não saber.<sup>61</sup>

Podemos reconhecer claramente nestas passagens a importância dada à questão da consciência por Freud, “o único facho de luz capaz de iluminar a escuridão da psicologia profunda”.<sup>62</sup> Essa missão conferida à consciência também diz respeito às outras preocupações teóricas, pois está intimamente relacionada às possíveis soluções de outros tantos aspectos da

<sup>57</sup> Richard Wollheim, *As Idéias de Freud*, 1971, p.57.

<sup>58</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 352.

<sup>59</sup> Ibid.

<sup>60</sup> Ibid. Ver nota de rodapé n. 33.

<sup>61</sup> Ibid. Grifo nosso.

<sup>62</sup> Freud, vol. XIX, (AE), p. 20.

natureza humana, inclusive as do próprio inconsciente. Os limites da consciência nos processos psíquicos gerais são reconhecidos tanto na questão da patologia como na da própria normalidade, mas a sua função em uma teoria geral da mente será sempre imprescindível. E Freud, pelo que nos mostra o texto do *Projeto*, sabia disto.

No confronto com outras teorias contemporâneas, num outro exemplo claro de preocupação e atenção ao tipo de teoria geral que pudesse forjar, Freud também se mostra ao par daquilo que se vinha alegando até então sobre a natureza da consciência.

Algumas palavras sobre a relação desta teoria da consciência com as outras. Segundo uma teoria mecanicista moderna, a consciência é um mero apêndice dos processos fisiológico-psíquicos cuja ausência não modificaria em nada os processos psíquicos. Segundo uma outra doutrina, a consciência é o lado subjetivo de todas as ocorrências psíquicas, sendo portanto inseparável do processo anímico-fisiológico. Entre ambas situa-se a doutrina aqui desenvolvida. *A consciência é aqui o lado subjetivo de uma parte dos processos físicos do sistema nervoso, a saber, dos processos  $\omega$ ; e a ausência da consciência não deixa inalterada a ocorrência psíquica, mas inclui a ausência de contribuição do sistema  $\omega$ .*<sup>63</sup>

É notável, reafirmamos, como Freud estava plenamente ciente da importância que o seu projeto de psicologia deveria dispensar ao problema da consciência. Além disto, mesmo que sua teoria limitasse o alcance da consciência em relação ao todo dos processos psíquicos, diferentemente da corrente convicção de que consciência e subjetividade são equivalentes, Freud sabia que uma teoria geral dos fenômenos anímicos jamais poderia prescindir da explicação da participação ou mesmo da ausência dos processos conscientes. Portanto, embora a descoberta do inconsciente tenha redirecionado, com razão, a maior parte de sua atenção, isto não significa dizer que ele não tenha tratado a questão da consciência com plena desconsideração.

Mas como a consciência pode situar-se materialmente no aparelho neuropsicológico freudiano?

Sabendo-se que os neurônios  $\psi$  abrangem os processos psíquicos mais gerais, talvez o conteúdo da consciência devesse situar-se aí nesses processos quantitativos, quer supor Freud antecipadamente. O fato é que a consciência fornece-nos o que conhecemos por *qualidades* na sua relação com o mundo externo. Seria nas *diferentes* sensações dessa realidade exterior que surgiriam os fenômenos qualitativos da consciência, como as cores, os odores, os sabores, etc.

<sup>63</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 355-6. Grifos nossos.

Mas onde situar a origem das qualidades, se Freud assumiu que, segundo a Física, o que está fora apenas caracteriza-se por quantidades? Filiado a isto, como quantidades gerariam qualidades, já que o mundo interno também é regido por quantidades? Freud sabe que nesta questão deverá resignar-se com uma resposta superficial.

A consciência não poderia originar-se nos neurônios  $\phi$ , apesar de seus vínculos com a percepção, pois entraria em contradição com a idéia de que a consciência situa-se “nos níveis mais altos do sistema nervoso”.<sup>64</sup> Situar o terreno das qualidades nos neurônios  $\psi$  também seria problemático porque eles envolvem somente quantidades. Os atos de “reproduzir ou recordar”, ligados à memória, “carecem de qualidade”.<sup>65</sup> Não seria simples reduzir todas as sensações conscientes às quantidades circulantes pelos sistemas de neurônios já supostos, mesmo que, por regra, a abordagem científica fosse caracterizar tudo como quantidades.

Freud não vê outra saída senão, então, supor uma terceira classe de neurônios para as sensações qualitativas da consciência – os neurônios  $\omega$ , citados acima – “excitados juntamente com a percepção mas não com a reprodução”.<sup>66</sup> Alega que o sistema dos neurônios  $\omega$ , que devem ser totalmente permeáveis com “*restitutio in integrum*”,<sup>67</sup> para que se atenda à transitoriedade e à fugacidade da consciência, opere com baixa quantidade e aja como um órgão de percepção sem lugar para a memória.<sup>68</sup>

*Periodicidade*, então, é um novo conceito que se faz necessário. Pode ser compreendida como uma característica das excitações quantitativas dos neurônios  $\omega$ , uma característica temporal. Isto é, a apropriação periódica da passagem da excitação de  $\psi$  por  $\omega$ , com um mínimo de  $Q\eta$  que preenche as suas células, faz gerar as sensações: não restam, porém, rastros, não são reproduzíveis e a transmissão da qualidade não é duradoura. As quantidades ( $Q$ ) que chegarão em certos períodos no sistema  $\omega$  a partir dos neurônios  $\phi$ , via neurônios  $\psi$ , serão de baixa magnitude devido aos dispositivos protetores existentes nas

---

<sup>64</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 353.

<sup>65</sup> *Ibid.*

<sup>66</sup> *Ibid.*

<sup>67</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 354.

<sup>68</sup> Consciência e Memória são excludentes e suas relações são marcadas por problemas no manuscrito do *Projeto*. Ter suposto células mnêmicas e células perceptuais, como já tivemos oportunidade de observar em nossas análises, constitui um dos índices desta questão. Richard Wollheim, *op.cit.*, 1971, p. 58-9, identifica muito bem a questão, assim nos parece. Na sua leitura, “de acordo com Freud, a consciência, tal como a percepção, é exclusiva da memória – não no sentido, é claro, de que não podemos ter recordações conscientes, o que evidentemente podemos, mas no sentido de que os próprios traços da memória são inconscientes e podem produzir todos os seus efeitos sem alcançar a consciência”. Lembremos que Breuer também já havia apontado a incompatibilidade das duas na sua contribuição teórica aos *Estudos sobre a Histeria*, vol. II, (AE), p. 200-1. Voltaremos à questão em breve.

terminações nervosas.<sup>69</sup> De fato, entre os neurônios apenas ocorre uma transferência de quantidade. Quando ocorre uma estimulação externa em  $\phi$ , Q chega fracionada em  $\psi$  devido a um dispositivo especial para manter este último distante das grandes excitações, que devem ser controladas dentro de certos limites. As cargas provenientes de  $\phi$  fracionam-se, investindo igualmente vários neurônios de  $\psi$  através de várias vias de espessura variável que se ramificam, satisfazendo as leis de Fechner que formula relações entre as variações da intensidade do estímulo e as sensações resultantes. Apenas uma parte de Q $\eta$  de  $\psi$  seria passada de forma descontínua a  $\omega$ , originando-se, então, períodos de sensação que geram as qualidades. A consciência está em função de uma temporalidade e é pura qualidade<sup>70</sup>, e o importante é perceber, mais uma vez, que Freud não está a fim de sacrificar os fatos da consciência em nome das regras epistemológicas rígidas de sua formação materialista.

A questão da incompatibilidade entre memória e consciência merece um pouco mais de atenção e esclarecimento. Porque está relacionada à percepção e às características de fugacidade e temporalidade, a consciência não poderia ser também parte do mesmo sistema da memória, devendo ser excludentes. Esta, a memória, pressupõe uma alteração permanente dos neurônios, sem restabelecimento de sua integridade, para que satisfaça as suas características de registro, o que não deve acontecer com os neurônios  $\omega$  e muito menos com os neurônios  $\phi$ , pois eliminaria a possibilidade do novo. A este respeito, Garcia-Roza tem a dizer:

Segundo ele [Freud], os mesmos neurônios não podem servir à memória e à percepção. Isto porque, para que o processo perceptivo possa se dar na fluidez que lhe é própria, é necessário que ele encontre sempre uma estrutura que permaneça inalterada a cada nova percepção. Podemos comparar essa estrutura às lentes dos olhos. Se de cada coisa percebida as lentes mantivessem o registro, em pouco tempo não conseguiríamos ver mais nada; é necessário, pois, que elas se mantenham permanentemente transparentes. As lentes dos olhos não podem ter memória. De

---

<sup>69</sup> A trajetória da quantidade circulante seria então:  $Q \rightarrow \phi \rightarrow \psi \rightarrow \omega$ . Na carta n. 39, de 1<sup>o</sup> de janeiro de 1896, in: Freud, vol. I, (AE), p. 437-8, por reformulações teóricas quanto à função da consciência, encontramos:  $Q \rightarrow \phi \rightarrow \omega \rightarrow \psi$ . Por esse cambio de *sito* do sistema  $\omega$ , os neurônios do sistema  $\omega$  não transferem nem quantidade e nem mais qualidade ao sistema  $\psi$ , mas apenas assinala os caminhos à energia  $\psi$  livre durante os processos de atenção. Os processos perceptivos envolveriam *eo ipso* consciência e o sistema  $\phi$  transferiria qualidades diretamente ao sistema  $\omega$ , eliminando-se, aparentemente, a dúvida da proveniência das qualidades. Se essa carta é um corretivo de Freud de algumas de suas teses do *Projeto*, também já pode ser considerada um passo a mais para a nova teoria da consciência e do aparelho psíquico geral que será desenvolvida durante os próximos anos e vigorará na *Interpretação dos Sonhos* (1900). Na carta n.52, de 6 de dezembro de 1896, in: Freud, vol. I, (AE), p. 274, quase um ano depois, encontraremos alguns dos ajustes finais referentes a essa nova teoria do capítulo VII do livro dos sonhos.

<sup>70</sup> É inevitável não pensar em Bergson a esta altura das afirmações de Freud.

forma análoga, o sistema dos neurônios perceptivos tem que ser diferente dos neurônios portadores de memória.<sup>71</sup>

Na verdade, Garcia-Roza usa esta bela metáfora para caracterizar como Freud deverá distinguir a memória, localizada no sistema  $\psi$ , do sistema perceptivo  $\phi$ . O exemplo das lentes dos óculos serve-nos, por outro lado, como fator de compreensão e mesmo de persuasão no que diz respeito às características da consciência em relação à memória, pois também ela, a consciência, não poderia estar atrelada a essa estrutura que se altera permanentemente. Mencionado acima, Breuer sabia, nos *Estudos sobre a Histeria*, que um mesmo órgão não poderia satisfazer ao mesmo tempo duas condições contraditórias, como no caso da memória e da percepção: “o espelho de um telescópio de reflexão não pode ser ao mesmo tempo placa fotográfica”.<sup>72</sup> Numa carta a Fliess, de 6 de dezembro de 1896 (n. 52), em um “novo” esquema do aparelho psíquico proposto por Freud, encontramos a seguinte afirmação com referência à nossa questão: “*P* [ou *W*] são neurônios onde se geram as *percepções* às quais se liga a consciência, mas que, em si, não conservam vestígio algum do acontecido. *É que consciência e memória se excluem entre si.*”<sup>73</sup> Esta carta pode ser considerada um momento de transição entre o *Projeto* e a *Interpretação dos Sonhos*, o que não nos impede, porém, que façamos o uso da mesma para entender a situação da consciência e da memória aqui no *Projeto*, pois, como veremos adiante, as teses de Freud são praticamente as mesmas na *Interpretação dos Sonhos*, salvo algumas conclusões que se diferenciaram de um texto ao outro. A partir dessas características descritas por nós, é importante que frisemos também um outro aspecto importante: “não devemos confundir essa ‘memória neuronal’ com a memória [consciente] tal como é entendida pela psicologia”.<sup>74</sup>

Mas o que descrevemos especificamente até agora foram as recepções de estímulos do mundo externo por  $\psi$ . Temos que falar, neste momento, de como Freud concebe as estimulações endógenas por parte do sistema  $\psi$ .

A “vontade – o derivado das pulsões” – seria a “mola mestra” da estimulação endógena que alimenta a vida psíquica.<sup>75</sup> Antes de tudo, “é procedente dividir os neurônios  $\psi$

<sup>71</sup> L. A. Garcia-Roza, *Introdução à Metapsicologia Freudiana: Sobre as Afasias/O Projeto de 1895*, 1991, vol. 1, p. 95.

<sup>72</sup> In: Freud, vol. II, (AE), p. 200.

<sup>73</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 275.

<sup>74</sup> Garcia-Roza, op.cit., p. 94.

<sup>75</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 362.

em dois grupos: os neurônios do manto [ou *pallium*]<sup>76</sup>, que são investidos desde  $\phi$ , e os neurônios do núcleo, que são investidos pelas conduções endógenas”.<sup>77</sup> Os estímulos endógenos de origem intercelular, apesar da produção contínua e dos constantes acúmulos, só periodicamente podem transformar-se em estímulos psíquicos. Isto porque só através dos acúmulos de  $Q\eta$  pelo fenômeno de somação (de vários estímulos diminutos) as resistências em  $\psi$  podem ser superadas; “as conduções  $\psi$  se enchem por somação até tornarem-se permeáveis”.<sup>78</sup> Como consequência dessa facilitação pela passagem da quantidade, a resistência das barreiras-contato fica reduzida e restabelece-se em um mínimo necessário para um novo acúmulo de  $Q\eta$ .

Dentre as várias sensações possíveis por parte da consciência, duas merecem destaque: as sensações de prazer e as sensações de desprazer. Se o organismo possui a tendência a fugir da dor, como já temos notícia, evitar o desprazer também seria outra máxima do psiquismo relacionada com o princípio de inércia. O desprazer nos neurônios  $\omega$  está relacionado ao acúmulo de  $Q\eta$  em  $\psi$ , o que provocaria uma pressão à descarga; “o prazer seria a sensação de descarga”.<sup>79</sup> Por meio dos vasos comunicantes entre  $\psi$  e  $\omega$ , qualquer aumento no primeiro aumenta também o investimento do segundo; as qualidades sensíveis de prazer e desprazer resultam desses investimentos. Porém, algo deve ficar mais claro na diferenciação entre prazer e desprazer: “...os neurônios  $\omega$ , com um certo investimento, mostram um ótimo para receber o *período* do movimento neuronal; com um investimento mais intenso, dão por resultado o desprazer, com um mais fraco, o prazer, até que a capacidade de recepção desapareça com a falta de investimento.”<sup>80</sup> Vejamos como as experiências de satisfação e de dor são descritas por Freud em maiores detalhes.

Como vimos, livrar-se de uma estimulação interna não é o mesmo que de uma proveniente do mundo externo. Uma *ação específica* será necessária para que o preenchimento dos neurônios  $\psi$  alcance a descarga e a consequente alteração do ambiente interno. No caso de um bebê com fome, a *ação específica* será promovida por uma pessoa de seu meio – geralmente a mãe ou a babá – para que possa ocorrer a devida alteração de seu estado de tensão. A atenção desta pessoa pode, por exemplo, ser atraída pelo grito do bebê – via para a devida alteração interna. “Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima

<sup>76</sup> A camada de células do córtex mais superficial, assim denominada pelos histologistas do século XIX. In: Freud, vol. I, (AE), p. 360, nota 52.

<sup>77</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 360.

<sup>78</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 361.

<sup>79</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 356.

<sup>80</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 357.

função secundária do *entendimento* (*Verständigung*; ou comunicação), e o desamparo inicial do ser humano é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais*”.<sup>81</sup> As conseqüências gerais no sistema  $\psi$  são:

1) opera-se uma descarga permanente, eliminando-se, assim, a pressão que havia produzido desprazer em  $\omega$ ; 2) gera-se no manto um investimento de um neurônio (ou de vários) [lei da *associação por simultaneidade*] que correspondem à percepção de um objeto, e 3) em outros lugares do manto chegam as notícias de descarga do movimento reflexo desencadeado, inerente à ação específica. Entre esses investimentos e os neurônios do núcleo forma-se, então, uma *facilitação*”.<sup>82</sup>

Essa experiência de satisfação cria uma *facilitação* nas barreiras-contato do sistema  $\psi$  entre os neurônios do núcleo – que recebem os estímulos endógenos – e os neurônios do manto – que estão influenciados diretamente pelos estímulos do sistema  $\phi$ . As informações da descarga de satisfação que chegam até os neurônios do manto fazem com que uma *imagem motora* seja registrada em  $\psi$ , pronta a ser investida numa outra ocasião semelhante de tensão. A *facilitação* criada entre as imagens mnêmicas dos neurônios do manto e os neurônios do núcleo propicia um caminho aberto para uma nova situação: num novo estado de pressão (*Drang*), a imagem mnêmica do objeto gratificador será investida (atraída), reanimando-se o que se denomina por desejo. Esta reanimação do desejo, que se dá por somação para Freud, pode provocar inicialmente um fenômeno semelhante ao da percepção – a *alucinação* – e, conseqüentemente, uma decepção se, por ventura, acontecer uma descarga imediata. Será pela participação da consciência, através dos signos de realidade que serão analisados adiante por nós, nos processos de pensamento, que se poderá discernir entre percepção e alucinação, origem da idéia posterior de *teste de realidade*.

No caso da experiência do desprazer, o objeto mnêmico investido será, é claro, o objeto hostil. Vimos que a dor consiste em estímulos violentos que rompem o escudo protetor das telas protetoras de  $\phi$ , chegando a atingir  $\psi$  e criando aí um grande aumento de nível de Q que pressionará à descarga. Por estar vinculada ao desprazer que é sentido em  $\omega$ , Freud atribui à dor uma qualidade especial. A *facilitação* entre a descarga gerada em  $\psi$  e a imagem mnêmica do objeto é conseqüência dessa grande quantidade de Q. O problema a ser resolvido por Freud no processo do desprazer é que a própria dor que irrompe em  $\phi$  não é idêntica à

---

<sup>81</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 362-3.

<sup>82</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 363.

simples percepção do objeto hostil que é investido; o *afeto*<sup>83</sup> liberado pelo investimento de tal objeto hostil é produto de neurônios especiais denominados “neurônios-secretóres” ou “neurônios-chave”. A hipótese da existência de tais neurônios deve-se ao fato de Freud ter percebido que o mero (re)investimento do objeto hostil – o que produz algo semelhante à dor, mas não é a própria dor – não poderia elevar o nível de Q assim como acontece no caso da dor propriamente dita. O desprazer sentido pela consciência também poderia ser explicado pelo trabalho desses neurônios secretóres que liberam *produtos químicos*<sup>84</sup> – uma nova hipótese de Freud neste momento, talvez com propósitos *ad hoc*.

Para justificar a tendência do aparelho a evitar o desprazer que tem origem no investimento da imagem hostil, Freud recorre à hipótese biológica da *defesa (Abwehr)* primária: enquanto o desejo surge da atração do objeto desejado, por outro lado, na tentativa de se evitar o desprazer, ocorrerá uma repulsa ao investimento do objeto hostil, forçando-se, também, a um esvaziamento da imagem desagradável, um processo evolutivo consolidado.

Façamos uma pausa para um breve resumo do que já foi visto, o que nos será de extrema utilidade para a introdução do conceito de ego e as restantes análises que ainda temos a desenvolver.

A tese que Freud defende nesse texto do *Projeto* é de cunho essencialmente fisicalista, mas não reducionista, perpassando por princípios da biologia. A psicologia também deveria ser uma ciência natural. Os neurônios seriam as partículas materiais onde se dá a ocorrência dos processos psíquico-fisiológicos, estando eles divididos em três sistemas, cada qual com funções estabelecidas: os neurônios phi ( $\phi$ ), que recebem os estímulos externos e por isso são permeáveis; os neurônios psi ( $\psi$ ), responsáveis pelos processos psíquicos mais gerais e pela recepção dos estímulos internos, sendo impermeáveis (ou com permeabilidade condicionada) e inconscientes; e os neurônios ômega ( $\omega$ ), onde se situa a base material da consciência, com a função de transformar as quantidades de  $\phi$  (via  $\psi$ ) e  $\psi$  em qualidades psíquicas. Além desses neurônios sensitivos, Freud postula a existência de neurônios motores para as descargas de Q.

---

<sup>83</sup> Uma pequena discussão acerca da natureza do afeto parece-nos oportuna. Mesmo que isso não esteja totalmente claro no *Projeto*, isto é, no que o afeto aqui constitui, pelas nossas leituras, poderíamos aderir à interpretação de Garcia-Roza das “inervações motoras ou descargas como correspondendo ao aspecto quantitativo do afeto (*quantum de afeto* ou *soma de excitação*) e as sensações de prazer e desprazer como o aspecto qualitativo, o afeto propriamente dito.” Dependendo do aspecto tomado nessa discussão, poder-se-ia ainda dizer que “os afetos poderiam ser considerados como puras *intensidades*, reservando-se o termo *sentimento* para designar a sua expressão no pré-consciente/consciente.” In Garcia-Roza, op. cit., 1991, p. 145-6.

<sup>84</sup> A hipótese química de Freud, na realidade, vai mais longe: além de ser estendida a todos os estímulos endógenos, como o sexual, por exemplo, foi uma preocupação e, talvez, uma crença sua até o fim de sua vida, em que ainda supunha a existência de tais estímulos químicos.



A quantidade de que falamos é a energia ( $Q$  e  $Q\eta$ ) conduzida através dos neurônios em forma de corrente, regida pelo princípio de inércia que distingue a atividade do repouso e que tende a descarregar toda  $Q$  nos neurônios motores como no arco reflexo. O aparelho não pode fugir dos estímulos internos assim como o faz em relação aos estímulos externos que chegam através dos neurônios  $\phi$ . Deste modo, pelo princípio de constância, o sistema nervoso deverá manter sempre constante um certo nível de  $Q$ , contradizendo o princípio de inércia que tende a zero, para que o sistema nervoso possa fazer uso desse *quantum* em situações nas quais se deva evitar o desconforto interno. Dois são, então, os princípios gerais do funcionamento do sistema nervoso: a função primária, que consiste na descarga imediata de toda  $Q$  acumulada, e a função secundária, que consiste no uso desse nível ótimo de  $Q$  pelo sistema nervoso, através das ações específicas que possam modificar o ambiente, promovendo, assim, a fuga do estímulo e a alteração dos estados de tensão. As resistências às descargas que encontramos no sistema  $\psi$  devem-se à existência de barreiras-contato, muito semelhantes às atuais “sinapses”. Mas toda quantidade que atravessa essas barreiras deixa facilitações (*Bahnungen*); as diferenças de facilitações nos neurônios  $\psi$  possibilitam a memória. Estes neurônios  $\psi$  são ainda divididos em neurônios do manto, que recebem quantidades do sistema  $\phi$ , e neurônios do núcleo, que recebem as quantidades internas. A dor, o mais violento dos estímulos, é capaz de romper os dispositivos de proteção do sistema nervoso acumulando-se em grandes quantidades em  $\psi$ , o que será percebido pela consciência como desprazer; o acúmulo da quantidade nesse sistema de neurônios gera a descarga. A imagem do objeto hostil é memorizada e toda e qualquer tentativa de reinvestimento dessa imagem terá como consequência a ação da defesa primária, um princípio biológico. No caso do acúmulo das quantidades do interior do organismo ligadas à satisfação, é a imagem do objeto gratificador ligado à ação específica que será memorizada e reinvestida quando uma nova situação de tensão tiver sucesso. Esses estímulos constituem-se pelo fenômeno de somação e são a base do que conhecemos por vontade ou desejo. A consciência, que está localizada no sistema  $\omega$  e tem por função a transformação de quantidades em qualidades, por algum dispositivo especial, terá notícia periódica de todos esses processos que descrevemos acima através das sensações de prazer e desprazer, além de outras possíveis. A quantidade que se conduz por estes neurônios é mínima, oferecendo suas barreiras-contato pouca resistência, o que nos faz compreender o caráter de fugacidade das percepções conscientes. Mas os aumentos em  $\psi$  geram investimentos maiores em  $\omega$ , que são captados por períodos por este sistema, e a diminuição naqueles gera a diminuição dos investimentos nestes. Assim, pelo que viemos

analisando até o momento, pode-se dizer que a consciência está relacionada à percepção dos estados internos e externos ao sistema nervoso, através da transformação de quantidades em qualidades, em função da economia das quantidades circulantes. Ela não está a par de todos os processos psíquico-fisiológicos e o que ocorre, na produção de qualidades, são percepções periódicas por parte do sistema  $\omega$ .

Feito isto, podemos prosseguir agora com a introdução e as análises do conceito de ego.

Um grupo de neurônios organiza-se em  $\psi$  com a função de controle de investimentos, com vistas à satisfação das necessidades e à inibição dos processos que possam conduzir ao desprazer. Nesse grupo constantemente investido, denominado “ego” por Freud, encontraremos uma reserva de investimento que lhe é garantida para atender às exigências da função secundária. Como o ego pode influenciar tais investimentos?

Já temos notícia de que qualquer  $Q\eta$  que passe pelos neurônios adotará o curso das barreiras-contato mais facilitadas, ou melhor, esparramar-se-á pelas barreiras mais facilitadas. Nesta linha de raciocínio, quando um neurônio é ocupado, um outro das adjacências também o será por uma espécie de *investimento colateral*, numa associação por simultaneidade, criando-se uma facilitação entre os dois neurônios. Para que se iniba o investimento de uma imagem hostil e processos primários em geral, o que redundaria em desprazer, o ego, por meio da influência de seus neurônios investidos colateralmente, faz uso do mecanismo de *atenção*, exercendo um controle no sentido de se evitar, a tempo, que a quantidade passe para esses neurônios e origine-se, assim, o desprazer.

“Um *investimento colateral* é, então, uma *inibição para o decurso de  $Q\eta$* . E ainda, se se supõe que o desprendimento inicial de  $Q\eta$ -desprazer é recebido pelo próprio ego, tem-se aí a fonte para o gasto de que o ego precisa para o seu investimento colateral inibidor. Assim, a defesa primária será tanto mais intensa quanto mais intenso seja o desprazer”.<sup>85</sup>

Mas não somente o investimento da imagem hostil pode ser nocivo biologicamente. O investimento do desejo, ou melhor, do objeto mnêmico gratificador pela *atração do desejo*, também o poderá ser sempre que atingir certas quantidades; a consequência, como já tivemos a oportunidade de antecipar, será apenas a de um arremedo da percepção, neste caso, a

---

<sup>85</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 368-9.

alucinação. Tornar-se-á necessário um critério para que se possa distinguir uma *idéia* (lembrança) de uma *percepção*. O sistema  $\omega$  será importante nessa diferenciação entre realidade e alucinação. Para entendermos um pouco melhor, ouçamos o que o próprio Freud tem a dizer-nos a este respeito:

Então, provavelmente sejam os neurônios  $\omega$  os que proporcionam esse signo, o *signo da realidade objetiva (Realitätszeichen)*. À raiz de cada percepção exterior gera-se uma excitação-qualidade em  $\omega$  que, porém, em princípio, carece de importância para  $\psi$ . Deve-se acrescentar que a excitação de  $\omega$  conduz a uma descarga de  $\omega$ , e desta, como de qualquer descarga, chega a informação a  $\psi$ . *A informação da descarga de  $\omega$  é, pois, o signo de qualidade ou de realidade objetiva para  $\psi$ .*<sup>86</sup>

Mas não somente os signos de realidade provenientes dos neurônios  $\omega$  são os responsáveis pela derradeira diferenciação entre uma imagem-percepção e uma imagem-lembrança. Entre as indicações de qualidade provenientes da percepção real externa, que sempre acontecem devido às grandes magnitudes exteriores, e aquelas provenientes das grandes quantidades acumuladas em  $\psi$ , que podem investir o objeto-desejo, encontramos a ação inibitória do ego investido que, pela instrução da regra biológica da atenção, evitará que uma descarga precipitada aconteça sem uma indicação prévia de realidade objetiva e, também, antes de tudo, que um super investimento das recordações desejadas tenha sucesso. “*É, destarte, a inibição pelo ego que possibilita um critério para distinguir entre percepção e lembrança*”.<sup>87</sup>

Lembremos que, em todos esses processos de diferenciação entre percepção e lembrança, a consciência, indiretamente, por meio de suas descargas de qualidades e atraindo a atenção de  $\psi$ , fornecerá os subsídios para que se possa diferenciar realidade de alucinação. Além disso, pelos supostos vínculos anatômicos do sistema  $\omega$  com as vias de condução dos órgãos sensoriais e seus respectivos neurônios motores, os excessos de  $\psi$  poderão ser aqui descarregados pelo sinal de atenção desde os neurônios  $\omega$ , da falta de percepção; os neurônios  $\psi$  ficariam protegidos de grandes acúmulos e do correlato desprazer.<sup>88</sup> Deve-se concluir em relação aos processos primário e secundário:

<sup>86</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 371.

<sup>87</sup> Ibid.

<sup>88</sup> Strachey lembra, em nota de rodapé (n. 82, *ibid.*), que talvez seja a primeira referência de Freud à teoria do sinal de angústia desenvolvida posteriormente em *Inibição, Sintoma e Angústia*. A iminência do desprazer, nas

Chamamos de *processos psíquicos primários* o investimento-desejo até o ponto de alucinação, o desenvolvimento total de desprazer, que envolve o gasto total de defesa; em contrapartida, chamamos de *processos psíquicos secundários* aqueles outros que são somente possibilitados por um bom investimento do ego, constituindo uma atenuação dos primeiros. A condição dos secundários é, como se vê, uma valorização correta dos *signos de realidade objetiva*, somente possível pela inibição pelo ego.<sup>89</sup>

É preciso lembrar, diante disto tudo, que não se deve confundir consciência com ego no *Projeto*. O ego é uma parte do sistema  $\psi$ , com funções definidas tais como as temos descrito até o momento, cujos processos quantitativos se dão de modo inconsciente, isto é, sem que tenhamos consciência do ocorrido, a não ser pelo fato das sensações de prazer e desprazer que vez ou outra se desprendem desses processos. É congruente com a idéia de ego que ressurgirá nos manuscritos mais tardios, a partir d' *O Ego e o Id* (1923), quando Freud já estava bem ciente de que grande parte do ego era inconsciente em relação às operações psíquicas mais importantes do aparelho. O sistema  $\psi$  abriga processos de reproduzir e recordar que, então, se dão sem a participação necessária da consciência (suas qualidades), mediados em sua economia pelo conjunto de neurônios constantemente ocupados que formam o ego, o que demonstra que, já neste texto, eu e consciência não coincidem, tal como se pensava habitualmente na filosofia moderna. Ou seja, o ego é capaz de estar envolvido em operações que, em seus pormenores, não é acompanhado pela consciência. Além disto, também é possível vislumbrar como a idéia freudiana de representações psíquicas inconscientes, eficazes mesmo sem a percepção consciente do sujeito, e com fundamento numa economia de forças que as alimentam, irá tomar a sua configuração posterior na metapsicologia psicanalítica.

Deste ponto em diante no *Projeto*, com exceção do final do plano geral, que trata dos processos oníricos, e da segunda parte, dedicada à compreensão da histeria (que deixaremos, aliás, para o último momento deste capítulo), Freud tentará descrever os processos secundários (normais) gerais – isto é, os tipos de pensamento existentes, importantes para o entendimento das relações entre os investimentos internos do organismo e a realidade externa, além dos processos da atenção e da linguagem.

---

descrições de Freud deste texto, seria responsável pela atuação da consciência no sentido de direcionar, através das descargas do sistema  $\omega$ , os investimentos de  $\psi$  às vias motoras, evitando-se assim o hiperinvestimento das imagens desejadas e o conseqüente desprazer.

<sup>89</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 372.

No que diz respeito aos processos primários do sono e dos sonhos que aparecem no final do plano geral, muitas antecipações são feitas em relação a sua obra *Interpretação dos Sonhos* (1900). O sonho enquanto realização de um desejo parece ser o maior exemplo. A idéia da semelhança entre os mecanismos patológicos e os processos oníricos seria outro exemplo, não obstante seja uma noção cultivada desde os *Estudos*. Outra idéia, a de que uma boa parte das ocorrências em  $\psi$  é sufocada durante o desenrolar de seus processos na vigília, aparecendo somente durante os sonhos, constitui outra consideração importante para as teses que se seguem sobre o assunto na *Interpretação*. Antes que nos aventuremos então pelos processos secundários, vejamos rapidamente o que Freud tem a dizer sobre sono, sonhos e a função da consciência nesses fenômenos psíquicos.

O sono caracteriza-se pela “diminuição da carga endógena no núcleo  $\psi$ , o que torna supérflua a função secundária”<sup>90</sup> e, portanto, “singulariza-se por uma paralisia motora (uma paralisia da vontade)”<sup>91</sup>. Livre das quantidades de  $Q\eta$ , em estado de inércia, as crianças dormem enquanto não são perturbadas pelas necessidades internas e por estimulações desagradáveis do mundo externo; já os adultos não se livram totalmente das cargas do ego. Mesmo que não haja produção de percepções durante o sono, algumas impressões sensoriais emergem dos neurônios do manto em  $\psi$  desde  $\phi$ , talvez pelos investimentos permanentes de percepção ocorridos durante o dia; o que falta são as grandes indicações de qualidade que são provenientes do sistema  $\omega$  e as descargas de atenção destes neurônios, fato interessante que até mesmo poderia auxiliar na elucidação do hipnotismo, caracterizado exatamente pela retirada dos investimentos da atenção.

Pertinentes aos sonhos, várias são as colocações de Freud. São desprovidos de descarga e elementos motores e, devido à compulsão a associar, são, em aparência, parcialmente absurdos, imbecis e sem sentido. “As idéias oníricas são de índole alucinatória, despertam consciência e encontram crença”,<sup>92</sup> diferente das idéias com palavras a olhos abertos. O caráter alucinatório seria explicado pela regressão das quantidades de  $\psi$  a  $\phi$ , tese que será tratada com vigor na *Interpretação*, porém sem descarga motora, uma característica primária do sistema nervoso. Todos os sonhos são *realizações de desejos*, o que leva a concluir que os primeiros investimentos-desejo sejam também de natureza alucinatória. Mas por pertencerem aos processos primários, os sonhos, de difícil memória devido aos encobrimentos dos processos  $\psi$ , causam poucos danos.

---

<sup>90</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 381.

<sup>91</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 382.

<sup>92</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 384.

Freud afirma que o fornecimento de qualidades pela consciência nos sonhos acontece de forma tão facilitada como na vigília. “Isto mostra que a consciência não é inerente ao ego, podendo agregar-se a qualquer processo  $\psi$ . Adverte-se, além disso, *que não temos que identificar processos primários com processos inconscientes*”.<sup>93</sup> A percepção consciente das representações oníricas é descontínua, não sendo possível a captação integral das associações que têm lugar durante os sonhos; pois existem elos inconscientes que podem aparecer somente quando se está acordado. Os vínculos intermediários inconscientes que são estudados nestes processos oníricos também são supostos por Freud no pensamento desperto: assim, tanto na vida desperta como na onírica, a consciência não está a par de tudo.

Deslocamentos de  $Q\eta$  estão relacionados de algum modo às manifestações periódicas da consciência em relação aos sonhos, mas não em forma de investimentos constantes e intensos; não se poderia dizer que seja  $Q$  que decida o que deve tornar-se consciente ou não quanto ao desejo e seus conteúdos. Aliás, não é o próprio desejo que se torna consciente, mas sim sua realização alucinada, cujos elos intermediários são aí inferidos. No que se refere também à função da consciência nos processos oníricos, deve-se atentar para as diferenças com o fenômeno da consciência nos processos secundários, uma vez que os dois modos de expressão psíquica parecem sugerir funções diferenciadas. Freud ainda mostra-se bastante hesitante em relação ao *status* da consciência em relação aos processos psíquicos gerais.

---

<sup>93</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 386. Grifo nosso.

### 1.3.2 Pensamento, Linguagem e Consciência no *Projeto*

Os processos secundários, com os quais nos envolveremos de agora em diante, são descritos por Freud em um pequeno trecho do final da Parte I e mais detalhadamente na terceira e última parte do *Projeto*, numa tentativa de representar os processos  $\psi$  normais. São vários os tipos de pensamento analisados, além de outros fenômenos como o da atenção e da linguagem.

A consciência, juntamente com a atividade inibidora e os investimentos do ego, figura como parte importante da descrição desses processos psíquicos, permeando as relações de quantidade através de suas descargas de qualidade e de sua participação nos processos de atenção. As quantidades dos sistemas que se transformam em qualidades conscientes por via de seus signos (de realidade, também) constituem fenômeno importante para que, sobretudo, o organismo não se restrinja aos seus processos internos de investimentos de desejo sem a consideração do ambiente externo, o que poderia gerar conseqüências nocivas a sua sobrevivência. O ego – agência que deve controlar o fluxo de Q através dos investimentos colaterais – seria responsável pela atenuação de possíveis hiperinvestimentos das imagens-desejo que poderiam levar à alucinação, uma descarga precipitada, e ao conseqüente desprazer.

Assim, os processos de pensamento seriam processos secundários que se caracterizam pelo investimento de  $Q\eta$ , a níveis menores, dos neurônios do sistema  $\psi$  devido ao controle do ego. Sobre a natureza desses processos, nas palavras de Freud, diríamos de outro modo: “o processo secundário é, então, uma repetição do decurso  $\psi$  originário em um nível inferior, com quantidades menores”.<sup>94</sup>

Para as nossas análises, estaremos dividindo os pensamentos em *pensar discernidor* ou *judicativo* e *pensar reprodutor*, este abrangendo também o recordar, o desejar e o ter expectativas.<sup>95</sup> A importância dada aos processos de pensamento por Freud justifica-se, então, pelo fato de intermediarem o desejo e a realidade.

De modo geral, “a meta e o fim de todos os processos de pensar é produzir um estado de identidade”<sup>96</sup> entre imagens-percepção e imagens-desejo. A identidade que se procura aqui

<sup>94</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 380.

<sup>95</sup> Fizemos uso aqui da classificação que Garcia-Roza faz em suas análises do *Projeto*. In Garcia-Roza, op. cit., 1991, p. 164. Mas devido às características analíticas da Parte III do *Projeto*, não deixaremos de topar com outras classificações como “pensar prático”, “pensar observador”, “pensar teórico” e “pensar crítico” em substituição ao termo “pensar reprodutor”. Ver nota de Strachey, in: Freud, vol. I, (AE), p. 372.

<sup>96</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 378.

é a identidade entre pensamentos e não aquela encontrada nos processos primários, ligada à vivência de satisfação. Sendo assim, deve-se entender que existe um complexo de investimentos de neurônios que caracteriza o ato de pensar, estando em jogo a identidade que deva ser produzida entre investimentos-desejo e investimentos-percepção para que haja a descarga. Biologicamente, não seria totalmente seguro iniciar uma descarga se o objeto do investimento-percepção não coincidissem, ou coincidissem só em parte, com a imagem de desejo que esteja investida. Os signos de realidade a partir de  $\omega$  devem ser acrescentados à imagem-percepção e são imprescindíveis para que ocorra tal identidade.

Em nível de linguagem, esse processo do pensamento judicativo ou discernidor seria reconhecido pelo termo juízo (*Urteil*). Seria um processo judicativo sobre a realidade, na verdade, uma crença (*Glaube*). Isto porque a consciência fornecer-nos-ia “signos de realidade” e não a realidade própria, *em si*, bem nos lembra Garcia-Roza em suas análises do manuscrito do *Projeto*,<sup>97</sup> o que também nos levaria a descartar uma possível ingenuidade em filosofia por parte de Freud.

Destarte, por uma moderação das intensas e facilitadas associações originárias, dir-se-ia que

o *judgar* é, portanto, um processo  $\psi$  somente possível pela inibição do ego, e que é provocado pela dessemelhança entre o investimento-desejo de uma lembrança e um investimento-percepção semelhante a ele [investimento-percepção]. Pode-se tomar este ponto de partida: a coincidência entre ambos investimentos gera um sinal biológico para que se ponha fim no ato de pensar e se permita a descarga. A discordância proporciona o estímulo para o trabalho de pensar, que a sua vez finaliza a concordância.<sup>98</sup>

Claro está que o ato de julgar não poderia ocorrer sempre assim deste modo, se pressupomos que na mais tenra idade algo de mais elementar deva ocorrer em relação a um organismo já mais desenvolvido e capaz de atos mais complexos de pensamento. No caso dos bebês, adverte Freud, pouco de juízo propriamente dito realmente acontece no começo, e o que tem sucesso é um ato de lembrança através da reprodução de investimentos de imagens-movimento até que ocorra a identidade necessária para o ato. Isto é, no caso dos bebês que começam a inibir a descarga direta à espera do seio materno, teria lugar o investimento de imagens motoras necessárias para a ação específica (o choro e o grito do bebê, que seriam os

<sup>97</sup> Garcia-Roza, op. cit., (1991), p. 165-6.

<sup>98</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 373.



primeiros sinais de linguagem). Tais imagens-motoras e outras sensações e experiências corporais serão, para Freud, o verdadeiro fundamento do ato de julgar.

O pensamento judicativo deixaria certas facilitações para o ato de recordar porque operaria anteriormente a este último. Várias facilitações (*Bahnungen*) já prontas são fornecidas para as migrações associativas posteriores. Os investimentos coincidentes das imagens-percepção e as imagens-desejo, como podemos observar, eliminariam a necessidade do ato de pensar. Mas em um outro caso, se pelo investimento das percepções não ocorre uma coincidência com uma imagem-lembrança desejada, um trabalho de rememoração faz-se necessário: “se a imagem-percepção não é absolutamente nova, ela agora *recordará, evocará* uma imagem-percepção-lembrança com a qual coincida pelo menos em parte”.<sup>99</sup>

Em todo este processo descrito acima, não devemos esquecer a importância do mecanismo da *atenção psíquica* que está intimamente relacionada aos processos do ego e aos signos de qualidade fornecidos pelo sistema  $\omega$ , ou seja, a consciência. Trata-se de uma regra biológica que tem nascimento nas experiências de satisfação, de extrema importância para que as exigências do princípio de realidade sejam levadas em consideração e os pensamentos ocorram. Sem esses signos de qualidade – que também são de realidade – e a atenção do ego investidor, isto é, o processo de atenção, qualquer percepção se esvaece e o percurso de Q não vai muito longe. Esses signos de realidade fazem, então, referência à percepção e à sua imagem investida e não à percepção-lembrança, isenta de qualidades psíquicas no processo de rememoração quando os processos de linguagem não estão envolvidos. O mecanismo da atenção está voltado para esses signos de realidade (das percepções) para que haja a distinção entre as imagens-desejo-lembrança e as imagens-percepção. Além disso, podemos dizer, a atenção psíquica estaria na verdade voltada para todos os possíveis investimentos-percepção, semelhantes ou não aos investimentos-desejo, para que, a partir desse rastreamento, qualquer desses investimentos perceptivos possa ser encontrado e ocorra, assim, a coincidência com a representação desejada. Isto seria a característica maior do pensar reprodutor.<sup>100</sup>

Nesta discussão, deparamo-nos com a importante questão do princípio de realidade que se opõe ao princípio de prazer. A realidade da qual nos fala Freud parece ser a realidade externa que atinge o sistema percepção-consciência e é a fonte de informações e exigências que deverão corrigir, pelos processos secundários, as ilusões (ou as possíveis alucinações) provocadas pelo hiperinvestimento dos estados de desejo. Vimos que não será a realidade externa *em si* que deverá atravessar o sistema perceptivo e alcançar a consciência, mas sim

<sup>99</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 376.

<sup>100</sup> Garcia-Roza, op. cit., 1991, p. 170.

signos do sistema  $\omega$ . Já podemos encontrar aqui a idéia de um sujeito desejante que vasculha a realidade à procura de possibilidades de satisfação do desejo; sua realidade psíquica seria também caracterizada pelo excesso de pensamentos e fantasias alimentados pelo combustível do desejo, atreladas às representações inconscientes. Não seria difícil entrever nas teses freudianas desses processos psíquicos uma teoria do nascimento do pensamento e também da consciência a partir do confronto entre desejo e realidade. A ordem do princípio de realidade seria de vital importância para a sobrevivência do indivíduo, isto é, sem os processos de pensamento e os signos de realidade da consciência provenientes dos investimentos das percepções pelo mecanismo da atenção psíquica, o indivíduo estaria totalmente à mercê do princípio de prazer e do desejo, o que o conduziria a uma total negligência das exigências da realidade externa, ameaçando, portanto, a continuidade de sua própria existência. Ainda assim, talvez não fosse totalmente incorreto supor que, pelas análises dos dois princípios vigentes, haja certa primazia do princípio de prazer sobre o princípio de realidade, pois seria exatamente pelo exercício do princípio de prazer sobre os investimentos da percepção que se visaria uma identidade perceptiva. Com o tempo, deve-se aprender a substituir o princípio de prazer pelo de realidade.<sup>101</sup>

Voltemos aos tipos de pensamento do *Projeto*. Os tipos de pensamento existentes que serão analisados de agora em diante serão acompanhados pela descrição do processo de linguagem. A atividade lingüística descrita por Freud no seio dos processos psíquicos é de grande importância teórica, não somente para o manuscrito do *Projeto*, mas também para toda a metapsicologia, sobretudo para a distinção entre os processos conscientes e os processos inconscientes das operações anímicas. Lacan, por exemplo, nas suas leituras dos textos freudianos, elege a lingüística e os estudos da linguagem como a sua via principal de interpretação destes mesmos textos. Freud já havia tocado na questão da linguagem em 1891, no seu trabalho *Afasia*, desenvolvendo uma teoria do denominado “aparelho de linguagem” (*Sprachapparat*) para atender aos problemas levantados por esse distúrbio da linguagem. Este trabalho costuma ser revisitado pelos analistas de Freud, muito por que poderia ser considerado o princípio das investigações sobre o psiquismo humano que desembocariam na formulação da metapsicologia psicanalítica. O próprio texto do *Projeto* já apresentaria linhas teóricas do texto *Afasia*.<sup>102</sup>

---

<sup>101</sup> Toda essa questão foi bem desenvolvida por Garcia-Roza, *ibid.*, p. 164-168, a quem devemos nossas motivações pela discussão do tema.

<sup>102</sup> *Id.*, *ibid.*, 1991, pp. 170-1.

Um arremedo de linguagem já poderia ser encontrado no caso do bebê. Do seguinte modo: o choro da criança, promovido pelo seu estado de fome, seria uma resposta inadequada para a obtenção direta do alimento e a conseqüente saciação, mas, entretanto, já consistiria em um processo secundário para atrair a atenção da mãe. Neste caso, o choro seria uma ponte para a ação específica e a alteração interna; de forma elementar, já seria um tipo de entendimento ou comunicação. Veremos que a inervação da fala tornar-se-á um caminho para as descargas de  $\psi$  e o equilíbrio de  $Q\eta$ , pois “os *signos de descarga lingüística* são mais um instrumento, além dos signos de qualidade fornecidos por  $\omega$ , para que possa se dar a ação específica sem risco de frustração.”<sup>103</sup> Gritar ou chorar, quando relacionados ao investimento de um objeto hostil, por exemplo, levaria à caracterização e à identificação de tal objeto quando da falta de bons signos de qualidade. “Então, essa associação é um meio para fazer consciente, e objeto da atenção, as lembranças excitadoras de desprazer: foi criada a primeira classe de lembranças conscientes. Daqui a inventar a linguagem, não há muita distância”.<sup>104</sup>

A *associação lingüística* consiste nas relações dos neurônios do sistema  $\psi$  com os exclusivos e escassos neurônios portadores de representações sonoras. Estes neurônios possuem relações íntimas com imagens lingüísticas motoras. No caso do pensamento observador, esses neurônios da linguagem são ativados da seguinte forma: o investimento de um neurônio perceptivo pela atenção pode levar a uma demanda de identificação do objeto? A partir desses investimentos-percepção,  $Q$  e  $Q\eta$  seguem pelas facilitações até neurônios bem distantes, podendo atingir várias imagens mnêmicas para que haja mais notícias sobre o objeto percebido. Isto levaria ao pensamento discernidor que começamos a descrever acima. No percurso de  $Q$  pode acontecer que um neurônio motor seja investido e uma descarga de  $Q\eta$  e um signo de realidade tenham sucesso. Se, a partir das imagens-lembrança uma corrente parcial estende-se até as imagens sonoras e motoras das palavras, o investimento de imagens mnêmicas será acompanhado de descargas que serão signos de qualidade ou signos-consciência da lembrança. Terá sido descoberto o mecanismo que deve guiar o percurso de  $Q\eta$  no investimento  $\psi$  sobre as lembranças. Tudo isto seria para Freud o pensar observador consciente.

Assim, os signos de descarga lingüística equiparam o pensamento a processos perceptivos. Além disso, emprestam-lhe realidade objetiva e possibilitam, como acabamos de ver, a memória consciente.

---

<sup>103</sup>Ibid., 1991, p. 173.

<sup>104</sup>Freud, vol. I, (AE), p. 415.

O pensar discernidor, como praticamente idêntico ao pensar observador ou parte do mesmo, seria um tipo de pensamento explorador e desinteressado, sem qualquer finalidade mais prática. Partindo-se de um investimento-percepção, seriam exploradas as variadas possibilidades associativas. Diferentemente dos estados de tensão do ego que produz expectativa – em que os investimentos recaem sobre as representações-desejo – esse tipo de pensamento caracteriza-se por investimentos de neurônios da percepção. Os investimentos da atenção psíquica por parte do ego, neste caso do pensamento discernidor, devem brindar investimentos-percepção e as descargas de qualidade geradas pelos neurônios de linguagem. Quando as associações decorrem de maneira automática, sem as descargas dos signos de qualidade lingüísticos, o processo é todo ele inconsciente, o que seria, segundo Freud, característica de nosso pensar comum (ou seja, a maior parte de nossa vida psíquica não alcança a consciência). Mesmo este processo inconsciente não poderia prescindir dos signos de qualidade, pois isso assegura a imparcialidade do decurso. Como sabemos, pelo fato de o ego possuir quase sempre investimentos-desejo e investimentos-meta do pensar prático, essa imparcialidade poderia ser afetada pelas influências desses investimentos egoicos. “O pensar com investimento dos signos de realidade objetiva do pensar, ou dos signos de linguagem, é então a forma mais elevada e segura do processo de pensar discernidor”.<sup>105</sup>

Existem outras modalidades de pensamento diferentes desta que analisamos, o pensamento discernidor-observador. Entretanto, essas outras modalidades teriam, de modo diferente, um objetivo mais prático.

No pensamento prático é o investimento-desejo que está retido e um investimento-percepção é perseguido através do mecanismo de atenção. Caracteriza-se por um fim prático e pode ser considerado um pensamento semelhante ao estado de expectativa, apesar de apresentar uma autonomia em relação a este último, podendo, independentemente, antecipá-lo. Devido ao estado de tensão do ego e à possibilidade de um hiperinvestimento do objeto-desejo com descarga antecipada e conseqüente desprazer, as representações perceptivas que coincidam com a *Vorstellung* relacionada a esse objeto-desejo são rastreadas para que a identidade seja estabelecida, dando lugar, desse modo, a uma descarga segura. Nesse rastreamento, além das *Bahnungen* já existentes para o percurso das quantidades, também os investimentos colaterais terão a sua função de (re)direcionar  $Q\eta$ , alterando até mesmo a sua já conhecida tendência de seguir sempre pelas trilhas mais facilitadas. Os signos de qualidade podem faltar nesse tipo de pensamento, dependendo dos caminhos seguidos por  $Q\eta$ , se estes

---

<sup>105</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 422.

já foram repetidas vezes trilhados ou não. O processo de pensamento poderá tornar-se independente do processo de expectativa a partir de certo momento: se dos complexos investimentos de imagens-movimento, de imagens-percepção que seriam aqui imagens-lembrança, não se chega a uma *ação específica* consumada, terá ele dado, por resultado, ao menos um saber prático que poderá ser necessário para um eventual caso real e objetivo do futuro. Desta forma, compreende-se que nem sempre, mesmo que imagens-movimento tenham sido investidas, uma ação específica seja uma consequência necessária do pensar prático. Vale lembrar que neste tipo de pensamento, como também no pensar discernidor e no pensar examinador, diz Freud, afetos e desprazer podem ter sucesso e interferir no processo devido aos investimentos ocasionais de neurônios que contenham recordações de algum objeto hostil resultantes do percurso de  $Q\eta$ . A alucinação também poderia ocorrer e é explicada como “uma corrente retrocedente de  $Q$  até  $\phi$  e, por tanto, até  $\omega$ ”.<sup>106</sup> Caberá aos investimentos egoicos o submetimento e a dominação dessas lembranças. Uma única diferença, porém, entre o pensar prático e o teórico é-nos assinalada por Freud:

é interessante ver como o pensar prático deixa-se guiar pela regra biológica de *defesa*. No pensar teórico (discernidor, examinador), a regra já não é observada. Isto se compreende, posto que no pensar-meta trata-se de um caminho *qualquer*, e então podem ser segregados os caminhos acometidos de desprazer, enquanto que no pensar teórico, todos os caminhos devem ser discernidos.<sup>107</sup>

Não pretendemos esmiuçar mais, de forma massiva, os tipos de pensamento teórico – o discernidor e o examinador ou crítico – e suas falhas psicológicas ou lógicas correspondentes. Simplesmente por que já temos, através de toda a descrição que viemos realizando, as informações necessárias para uma devida compreensão da questão da consciência no *Projeto*. Seria exaustivo e desnecessário para os nossos objetivos. Apenas, para finalizarmos nossos estudos desta parte dos processos de pensamento, basta saber que o pensar prático é origem de todos os outros tipos de pensar, mas o pensamento discernidor – do tipo teórico – por outro lado, pode ser considerado como preparador para o pensamento prático. No pensar teórico, o desprazer não desempenharia papel algum, segundo Freud, e, por isso, ele seria possível mesmo com uma lembrança hostil dominada pelos investimentos do ego.

---

<sup>106</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 430.

<sup>107</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 431.

Em outras palavras, parece-nos, o pensar teórico, que também abrange falhas lógicas, não leva em consideração as regras biológicas de defesa e, assim, o desprazer pode aparecer na contradição do pensar intelectual.

### 1.3.3 Psicopatologia e Consciência

Para que possamos finalizar o nosso capítulo, temos ainda que falar dos processos patológicos descritos na Parte II do *Projeto*. Muito do que trataremos aqui já foi antecipado em nossas análises iniciais, realizadas na primeira parte, sobre os primórdios da compreensão da histeria. Vejamos então como aquelas descobertas de Freud e Breuer sobre a histeria articulam-se no *Projeto*.

A hipótese quantitativa que Freud adota na sua *psicologia para neurologistas* está relacionada às suas observações clínicas da histeria, além, é claro, das influências científicas que ele teve em sua formação médica e que o levaram a esta concepção biofísica da anormalidade. Uma característica da histeria observada freqüentemente por Freud era a maneira como as idéias que ocorriam às pacientes eram excessivamente intensas, exercidas por uma compulsão. Essas representações, nas palavras de Freud, eram *hiperintensas* (*überstarken*). Tal fenômeno era também corrente no caso dos pacientes obsessivos. Os pacientes não encontravam justificativas para a ocorrência dessas idéias que lhes invadiam a consciência; para eles, eram eventos psíquicos ininteligíveis, sem nenhuma (ou pouca) compreensão e muitas vezes acompanhados por violentas descargas de afeto e excitações corporais. Mesmo assim, Freud diz que não havia total alheamento da pessoa em relação ao caráter surpreendente da situação.

De acordo com Mezan,<sup>108</sup> essa hipótese quantitativa, que já aparece nos *Estudos sobre a Histeria* e constitui uma das principais teses do *Projeto*, está relacionada à teoria da sedução que Freud defendia na época. A rejeição quase que concomitante da teoria da sedução e do *Projeto* não teria acontecido de modo casual como poderíamos deixar de perceber. Segundo este mesmo autor, devido às contradições teóricas do trabalho do *Projeto* e também à descoberta da sexualidade infantil, Freud teve que abandonar as duas explicações. Porém, estejamos mais atentos a esta tese do abandono das duas teorias – a da quantidade e da sedução – porque Freud, de fato, jamais abandonou completamente a idéia da sedução como aspecto importante para o desenvolvimento psicosexual do indivíduo, tendo sido posteriormente reelaborada em outros termos, e nem “se desfez da esperança de que um dia a correlação entre a psicologia e a realidade orgânica pudesse ser estabelecida”.<sup>109</sup> A tese

<sup>108</sup> R.Mezan, op. cit., 1991, p. 28-9; p. 60-4.

<sup>109</sup> Ibid., p. 28-9. Aliás, a obra de Luiz Roberto Monzani, *Freud: O Movimento de um Pensamento*, 1989, é bastante esclarecedora no que diz respeito à continuidade das teses de Freud. O autor mostra como o movimento do pensamento freudiano é muito mais, na verdade, pendular e espiralado, não se podendo, conseqüentemente, falar deliberadamente de rupturas radicais de uma tese a outra, assim como querem alguns autores.

quantitativa, conhecida também como econômica, embora tenha perdido o caráter central do *Projeto*, não deixou de ter o seu devido realce nas teorias posteriores sobre o aparelho psíquico, principalmente para a teoria das pulsões (de *quantidade* passou-se a falar de *energia psíquica*). Não nos cabe, contudo, um aprofundamento maior da questão; basta que tenhamos em vista as idéias com as quais Freud trabalhava paralelamente ao *Projeto* e quais as conseqüências disto.

De uma forma bem resumida, retomando então a nossa preocupação com a histeria, a compulsão histérica descrita no *Projeto* seria: “(1) incompreensível, (2) insolúvel mediante o trabalho de pensar, e (3) incongruente em sua estrutura”.<sup>110</sup> A toda compulsão histérica corresponderia uma repressão; e a todo ato desmedido de penetrar na consciência, corresponderia uma amnésia.

A repressão dar-se-ia sobre representações provenientes da vida sexual que causariam desprazer ao ego. Lembremos que o mecanismo de defesa do ego é um processo secundário que deve inibir o processo primário do deslocamento de Q $\eta$ . Enquanto que na histeria a repressão seria auxiliada pela formação de símbolo, na neurose obsessiva haveria repressão sem formação de símbolo, pois, neste caso, repressão e substituição não coincidiriam no tempo.

A importância da vida sexual aparece nessa Parte II do *Projeto*, o que não havia acontecido de forma mais relevante nas outras partes que já estudamos. As representações ligadas à vida sexual adquiririam o caráter de desprazer devido ao fato de essas pacientes terem sido sexualmente despertadas de forma prematura, ou seja, foram seduzidas antes da puberdade. Por um efeito retardado (*nachträglich*), devido ao despertar da sexualidade na adolescência, as representações ligadas a essa vivência passariam a liberar afetos penosos ao ego. Como Freud nos mostra através de seu caso Emma, o desprendimento sexual estaria, assim, ligado a uma lembrança e não à própria vivência. Nesse caso clínico,<sup>111</sup> era a cena I (vendedores) que se apresentava como verdadeira e não a cena II (confeitaria) que estaria inconsciente; era a lembrança da confeitaria que provocava excitação sexual e liberação de angústia e não o que lá de fato havia acontecido. Fragmentos de representações ligadas à lembrança traumática teriam lugar na consciência e não a vivência propriamente dita; na consciência, estariam os símbolos conectados a uma lembrança do evento real. Para se chegar ao verdadeiro trauma, ou à recordação do mesmo, o caminho das análises deveria ser o contrário, dos sintomas ao evento desencadeador. Vê-se o quanto se pode enganar com

---

<sup>110</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 395.

<sup>111</sup> Pressupomos que o leitor já conheça o caso.



respeito à veracidade dos fatos, ou seja, o quanto a consciência pode ser burlada pela memória nesses casos.

Conforme a descrição de Freud, o trajeto da doença e da formação dos sintomas seria mais ou menos assim: uma representação **A** intensa invadiria a consciência, provocando reações emocionais e estranhamento. Pelas análises chegar-se-ia a **B** como verdadeiro motivo desencadeador. **A** e **B** estariam então relacionados. Assim, **A** – uma representação neutra – apareceria como substituo ou um símbolo de **B** – uma representação de conteúdo sexual, sendo que a intensidade desta última representação seria transferida àquela. Por um evento do ambiente externo, por exemplo, **A** apareceria compulsivamente na consciência e **B**, sob o efeito da defesa, ficaria fora da consciência e até mesmo do pensamento, assinala Freud. E aqui, no ato da defesa, estaria em ação o ego investido que sempre se esforça para eliminar da consciência a imagem hostil.

Para melhor caracterizar esses sintomas histéricos, Freud lança mão do termo aristotélico *Proton Pseudos* para ajudar na compreensão desses processos patológicos. Literalmente, o termo significaria “primeira coisa falsa”.<sup>112</sup> Tal como ocorre no exemplo técnico do silogismo – uma premissa maior falsa tem como consequência uma conclusão falsa – a averiguação dos sintomas histéricos, para que alcançasse a vivência traumática, deveria ter em conta o estatuto de substituto que caracteriza os sintomas, isto é, perceber que o ponto de partida é falso, embora conduza a uma verdade. Devido ao trabalho da repressão, o que apareceria na consciência seriam fragmentos simbólicos de outras representações; em outras palavras, existiriam lembranças encobridoras que impediriam o acesso direto ao patológico.

*A Proton Pseudos* é, pois, essa representação enganadora, essa premissa falsa, como diria Aristóteles, mas que se constitui ela mesma como uma alusão à verdade. Não é ela o primeiro termo do silogismo, o primeiro termo não está presente de forma evidente, não aconteceu verdadeiramente na primeira recordação, mas se tornou acessível só depois (*nachträglich*), por intermédio dessa *Vorstellung* mentirosa.<sup>113</sup>

Vejamos, então, como a problemática da consciência e do aparelho psíquico reaparece no livro dos sonhos.

---

<sup>112</sup> Garcia-Roza, op. cit., 1991, p. 187.

<sup>113</sup> Ibid., p. 195.

## CAPÍTULO 2

### INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS E CONSCIÊNCIA

## 2.1 Introdução (Do *Projeto* aos Sonhos)

Nosso objetivo neste capítulo será o de analisar a “nova teoria” do aparelho psíquico que tem lugar no livro *A Interpretação dos Sonhos*, de 1900. O uso das aspas apenas quer chamar a atenção do leitor quanto à teoria psíquica que encontramos nesse livro sobre os sonhos: ela possui, *mutatis mutandis*, praticamente as mesmas teses que tivemos oportunidade de discutir na parte que se refere ao *Projeto*. A rearticulação daqueles termos num contexto diferenciado requer, no entanto, nossa atenção.

A elaboração e a realização desta obra de porte sobre os processos oníricos coincide com vários eventos significativos da vida de Freud. Além de sua auto-análise que vinha ganhando dimensão, a desistência de representar os fenômenos mentais através de uma descrição neuropsicológica, mais o desencanto com a teoria da sedução que até então ocupava o lugar de destaque na etiologia da histeria, parecem ser os fatores mais decisivos dentre outros possíveis. Vimos, segundo Mezan,<sup>1</sup> que as duas teses são quase que concomitantemente postas de lado devido ao fato de terem sido forjadas para sustentarem-se uma à outra; mas não se deve desconsiderar também o fato de que o interesse de Freud pelos sonhos vinha paulatinamente aumentando, o que o levou a concentrar-se mais decididamente na compreensão dos processos oníricos. Além disto, o *Projeto* carecia de maiores fundamentações para que fosse levado a termo enquanto teoria geral da mente.

Foi a descoberta da existência da sexualidade infantil e a dúvida de que todos os pais deveriam ser perversos, inclusive o seu, que fizeram com que Freud viesse a por em dúvida a universalidade da teoria da sedução.<sup>2</sup> Na carta a Fliess de número 69, de 27 de setembro de 1897, Freud confessa: “Já não creio mais em minha *neurótica*”.<sup>3</sup> Mesmo assim, praticamente um ano antes, Freud teve a oportunidade de apresentar o seu trabalho “A Etiologia da Histeria” na Sociedade de Psiquiatria e Neurologia, momento em que ainda defendia a teoria do abuso de crianças por parte de pais perversos como a principal causa dos distúrbios neuróticos. A acolhida do público presente foi “gélida”, de acordo com as percepções do

---

<sup>1</sup> Supra, p. 69.

<sup>2</sup> Lembremos que, ainda assim, Freud escreveria os seus ensaios sobre a sexualidade somente anos mais tarde, em 1905, talvez pelas dúvidas que ainda mantivesse quanto ao alcance da teoria da sedução.

<sup>3</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 301.

próprio Freud, e o julgamento mais relevante não foi nenhum pouco positivo (para Krafft-Ebing, por exemplo, aquilo parecia mais “um conto de fadas científico”).<sup>4</sup>

A auto-análise realizada por Freud é uma reação direta à morte de seu pai, “o acontecimento mais significativo e a perda mais terrível na vida de um homem”.<sup>5</sup> Paralelamente a este importante fato, também o sonho da noite de 23 para o 24 de julho de 1895, que teve sucesso na casa da Bellevue, na época do *Projeto*, foi de extrema significância para as suas auto-análises. Este sonho – conhecido como o *Sonho de Irma* – tornou-se paradigmático para muitas das conclusões sobre a natureza dos processos oníricos e o grau de importância destes para a compreensão da vida mental. Não é à toa que Freud até cogitou, em uma de suas cartas a Fliess, se uma placa comemorativa de mármore seria um dia colocada na mesma casa onde tivera o sonho.<sup>6</sup>

Assim, a partir desses eventos ocorridos entre o texto do *Entwurf* e a elaboração da *Traumdeutung*, as pesquisas de Freud tomaram rumos distintos quanto a alguns aspectos. O estudo dos sonhos ganharia caráter primordial, muito porque, para Freud, já convicto de seu grande valor, “a interpretação do sonho é a via régia para o conhecimento do inconsciente na vida anímica”.<sup>7</sup>

O capítulo VII – *Sobre a Psicologia dos Processos Oníricos* – a parte teórica da obra, é de nosso maior interesse, embora devamos recorrer eventualmente ao restante do texto.

Em linhas gerais, quanto a obra em sua totalidade, podemos dizer que o levantamento bibliográfico de autores que já haviam trabalhado o assunto cientificamente é vastíssimo e sua discussão compõe boa parte do livro. Algumas opiniões leigas sobre os sonhos, consideradas pré-científicas por Freud, são também levadas em consideração. É perceptível como o intento metodológico de Freud, mais que estrita especulação teórica sobre os sonhos, é o de dar o tratamento mais científico possível, apoiando-se muitas vezes no que estes mesmos autores haviam dito sobre a natureza dos fenômenos oníricos. Os únicos pontos teóricos da autoria de alguns desses autores com os quais Freud não concordava são os de que os sonhos não têm sentido e são simplesmente produtos somáticos. Os sonhos, afirmaria Freud, representam muito mais que isto: revelam o verdadeiro caminho para o inconsciente e a natureza psíquica do humano, enquanto ser desejante e em conflito com o ambiente ao seu redor.

---

<sup>4</sup> P. Gay, Freud: *Uma Vida para o nosso Tempo*, 1990.

<sup>5</sup> Freud, vol. IV, (AE), p. 20.

<sup>6</sup> Freud, vol. IV, (AE), p. 141.

<sup>7</sup> Freud, vol. V, (AE), p. 597.

## ***2.2 Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo***

Primeiramente, interpretar um sonho para Freud significa indicar o seu sentido. Há uma certa aproximação da interpretação proposta por Freud com aquela popular de decifração, com a diferença de que a interpretação freudiana não pressupõe uma “chave” fixa de interpretação, isto é, “algo análogo a um dicionário dos sonhos, a partir da qual cada elemento será substituído por outro que fornecerá o significado último dos sonhos”.<sup>8</sup> O sentido deve ser dado por via da leitura do sonho como um texto cifrado, composto de elementos pictográficos provenientes das particularidades psicológicas do indivíduo e das malhas da cultura. E qual seria o sentido do sonho?

“O sonho é um cumprimento (disfarçado) de um desejo (sufocado, reprimido)”.<sup>9</sup> É o cumprimento de um desejo inconsciente. E até mesmo nos sonhos angustiantes, ditos pesadelos, podemos encontrar um desejo que quer realizar-se. O desejo que preme por realização é, na maioria das vezes, da ordem do sexual. Contudo, Freud não elimina a possibilidade da existência de sonhos com desejos conscientes, de outra natureza – o sonho de Irma e alguns sonhos infantis seriam bons exemplos disso – e nem da existência de vários desejos que possam convergir num mesmo sonho. É que o desejo consciente, melhor entendido, será também um excitador do sonho quando se ligar a um outro desejo inconsciente paralelo que o reforça.<sup>10</sup>

Em algumas análises clínicas, os sonhos angustiantes revelavam o desejo de punição por um desejo proibido. Por isso devemos entender que, na verdade, são dois os tipos de desejo contrastantes que agem durante o sonho: um desejo proibido que seria inconsciente e um outro de ordem moral dissonante daquele, da mesma forma como acontece no caso dos sintomas histéricos. Mais adiante veremos que tais desejos, no aparelho psíquico freudiano, pertencem a sistemas psíquicos diferentes – o Inconsciente e o Pré-consciente, que são intermediados pela censura.

O conteúdo onírico tem origem nos restos diurnos de pensamentos do dia anterior e nos elementos da infância, além de eventuais estímulos corporais e ambientais que possam incitar o sonho. A psicologia infantil estaria a serviço da psicologia adulta, justamente porque

---

<sup>8</sup> L. A. Garcia-Roza, *Introdução à Metapsicologia Freudiana: A Interpretação do Sonho (1900)*, 1998, vol. 2, p. 87.

<sup>9</sup> Freud, vol. IV, (AE), p. 177.

<sup>10</sup> Freud, vol. V, (AE), p. 545.

os sonhos das crianças são evidentemente, na sua maior parte, cumprimentos de desejo. “*Encontramos no sonho a criança que segue vivendo com seus impulsos*”.<sup>11</sup> Freud descobre que, quanto aos restos diurnos, são as impressões e linhas de pensamento menos significativas da atividade psíquica de vigília, não levadas a termo, aquelas que aparecem com maior intensidade nos sonhos.

Mas por que devemos interpretar o sonho? Por que o sonho não mostra diretamente o seu significado – o de realização de um desejo? Porque os processos oníricos passam por um trabalho de desfiguração que dissimula os verdadeiros conteúdos. Isto se deve a dois fatores maiores: primeiro, a um forte desejo proveniente de uma instância psíquica, o sistema inconsciente, e, segundo, a uma censura sobre tal desejo, atuante entre essa instância e outra, entre os sistemas inconsciente e pré-consciente (consciente) . Para que tal desejo chegue à consciência, a censura exerce seus direitos sobre o conteúdo, índice de que ela não está totalmente adormecida. Fazer contato direto com os elementos do sonho poderia perturbar o sono devido à natureza desses elementos; pelo contrário, devemos entender, “o sonho é o guardião do dormir, não seu perturbador”.<sup>12</sup>

Assim, para melhor entender a linguagem dos sonhos, os processos oníricos são divididos por Freud em conteúdo manifesto e conteúdo latente. O conteúdo manifesto define-se pelas imagens dos sonhos que são passíveis de tornarem-se conscientes ao despertar, enquanto que o conteúdo latente diz respeito aos pensamentos que subjazem a tais imagens, determinando-as. “Os pensamentos latentes, dos quais o conteúdo manifesto é uma expressão deformada, são pensamentos que em nada se distinguem dos pensamentos que se processam em nível consciente. Seriam, portanto, perfeitamente inteligíveis caso se tornassem conscientes.”<sup>13</sup>

São pressupostos, então, dois modos de expressão diferentes do mesmo conteúdo – uma no registro das imagens e outra no registro das palavras – sendo que o conteúdo manifesto é pobre e lacônico quando comparado à extensão e à riqueza dos pensamentos oníricos, ou seja, o conteúdo latente. Não se deve entender, porém, que haja uma projeção ou tradução fiel ponto a ponto dos pensamentos oníricos ao conteúdo manifesto; o reflexo de um a outro é incompleto e pantanoso, como afirma Freud.<sup>14</sup> A idéia de uma tradução de palavras

---

<sup>11</sup> Freud, vol. IV, (AE), p. 206.

<sup>12</sup> Freud, vol. IV, (AE), p. 245.

<sup>13</sup> Garcia-Roza, op. cit., 1998, p. 82.

<sup>14</sup> Freud, vol. IV, (AE), p. 289.

do pensamento latente às imagens do conteúdo manifesto é um processo de complicado entendimento devido às características da teorização freudiana.

As imagens do sonho não têm valor de imagens, isto é, não remetem às coisas das quais as imagens seriam uma representação. As imagens do sonho manifesto nos remetem não às coisas, mas às palavras, ou, mais precisamente, as imagens remetem às imagens, numa composição pictórica onde a articulação dos elementos ocupa o lugar de palavras.<sup>15</sup>

A ação determinante da censura está relacionada a quatro processos de trabalho do sonho que atuam nessa passagem do latente ao manifesto: a condensação, o deslocamento, a consideração pela figurabilidade e a elaboração secundária.

Para que entendamos o trabalho da condensação temos que ter em conta que os elementos oníricos são sobredeterminados,<sup>16</sup> ou seja, são eles substitutos de múltiplos pensamentos oníricos do conteúdo latente. Um elemento do sonho manifesto pode levar a várias vias associativas de pensamentos e apenas um pensamento onírico, por sua vez, a vários elementos imagéticos. O *Sonho de Irma* seria um exemplo de acumulação de várias imagens pelo trabalho de condensação. Genericamente, poderíamos resumir o trabalho da condensação, em suas operações, da seguinte maneira: primeiramente, ocorre a omissão de determinados elementos dos pensamentos latentes; segundo, permite-se apenas que um fragmento apareça no sonho manifesto; terceiro, tem lugar uma combinação de vários elementos do conteúdo latente com algo que seja comum a um único elemento do conteúdo manifesto.<sup>17</sup> Tanto as representações-palavra como as representações-coisa passam pelo processo de condensação.<sup>18</sup>

O que pode ser de grande importância no conteúdo manifesto pode não o ser nos pensamentos oníricos. Um pensamento de maior vivacidade na consciência de vigília supomos ser de maior valor e interesse; diferentemente, no caso dos fenômenos oníricos, “a experiência nos diz que essa valência de cada um dos elementos incluídos nos pensamentos oníricos não é conservada ou não é levada em conta na formação dos sonhos.”<sup>19</sup> Devido à

---

<sup>15</sup> Garcia-Roza, op. cit., 1998, p. 86.

<sup>16</sup> Destarte, devido ao fenômeno da sobredeterminação, o trabalho da interpretação jamais se esgotaria. Cf. Garcia-Roza, ibid., p. 112-5.

<sup>17</sup> Ibid., p. 93.

<sup>18</sup> Mais à frente, especificaremos melhor o estatuto teórico de tais representações.

<sup>19</sup> Freud, vol. IV, (AE), p. 312.

ação de defesa endopsíquica da censura, o trabalho onírico do deslocamento faz com que o acento psíquico de algumas idéias e representações seja transferido a outras tais que não sejam importantes, despojando certos elementos de alto valor psíquico de sua intensidade, transferindo ou deslocando esta mesma intensidade para outros elementos. Para Freud, o trabalho de deslocamento e de condensação são, enfim, os mestres artesãos da configuração dos sonhos.<sup>20</sup>

A figurabilidade dos sonhos, outro processo do *Traumarbeit*, diz respeito à tradução do conteúdo dos pensamentos oníricos em imagens. Há uma preferência pela figuração visual, o que significaria dizer que ocorre uma refusão de pensamentos em outra forma lingüística que permite a vazão de pensamentos estrangulados. Contudo, como já antecipamos, Freud reconhece as dificuldades desse trabalho de tradução de pensamentos em imagens devido à falta de meios para figurar todas as relações lógicas dos pensamentos oníricos. A palavra é vista como importante para a formação dos sonhos – o ponto nodal de múltiplas representações, predestinada à multivocidade<sup>21</sup> – e a simbolização revela-se como importante atividade anímica do inconsciente para burlar a censura, assim como acontece nos sintomas neuróticos.

A tentativa de se colocar o material do sonho em ordem, dando-lhe uma trama inteligível, é obra da chamada elaboração secundária. Esse trabalho seria semelhante ao do sistema pré-consciente quando tenta organizar todo o material perceptivo da vigília. Pelo fato de uma parte dos sonhos não se apresentar como absurda, mas com certa coerência, poder-se-ia afirmar que o trabalho onírico equivale-se qualitativamente ao pensamento de vigília, o que é falso: “não pensa, não calcula e nem julga, em geral; somente que se limita a remodelar pensamentos, cálculos e juízos”<sup>22</sup> já existentes. O sentido que o sonho adquire por efeito da elaboração secundária está sempre longe do verdadeiro significado.<sup>23</sup>

A relação entre sonhos e patologia mental é uma das grandes teses de Freud, apesar de outros grandes autores terem um dia explorado esta idéia.<sup>24</sup> É que o processo de formação dos sonhos não se diferenciaria dos processos neuróticos de formação de sintomas. Mesmo em processos ditos normais, como chistes, esquecimentos e outros tipos comuns de atos falhos

---

<sup>20</sup> Freud, vol. IV, (AE), p. 313.

<sup>21</sup> Freud, vol. V, (AE), p. 346.

<sup>22</sup> Freud, vol. V, (AE), p. 502.

<sup>23</sup> Garcia-Roza, op. cit., 1998. p. 107.

<sup>24</sup> Freud cita, por exemplo, Kant, Schopenhauer e Wundt, dentre outros autores possíveis.



(*Fehlleistungen*), encontraríamos elementos de formação dos processos oníricos tais como condensação e deslocamento. Alucinações, fantasias e sintomas também seriam, simbolicamente, a tentativa de realização de um desejo inconsciente que foi impedido de tramitar legalmente pela censura dos centros psíquicos mais elevados do aparelho. Desta forma, todos esses fenômenos fazem referência ao modo de funcionamento dos processos primários postulado por Freud e remontam aos primórdios da nossa infância e da infância da própria humanidade.

Enfim, nas palavras de Freud,

o sonho é um ato psíquico de pleno direito; sua força impulsora é, em todos os casos, um desejo por cumprir; que seja irreconhecível como desejo, assim como suas múltiplas extravagâncias e absurdos, devem-se à influência da censura psíquica que teve de suportar em sua formação; além do constrangimento de subtrair-se desta censura, cooperaram em sua formação a força de condensação do material psíquico, uma consideração por sua figurabilidade em imagens sensíveis e – ainda que não como regra – uma consideração pela fachada racional e inteligível ao produto onírico.<sup>25</sup>

E como tudo isto deverá embutir-se na trama dos processos psíquicos? Passemos então à discussão do novo aparelho psíquico que Freud propõe nessa obra.

---

<sup>25</sup> Freud, vol. V, (AE), 527.

### 2.3 Novo Aparelho Psíquico

Se em 1895, no *Projeto para uma Psicologia Científica*, encontramos um Freud preocupado com a linguagem e a fundação de uma psicologia que fizesse parte das *Naturwissenschaften*, aqui nos deparamos com uma postura mais resignada quanto às possibilidades de uma descrição neurológica dos processos mentais. Prova disto, Freud adverte que a idéia sensata de Fechner de que *o cenário dos sonhos é outra coisa que não o da vida de representações da vigília*,<sup>26</sup> pode supor, inadvertidamente, a idéia de uma *localidade psíquica*.

Queremos deixar completamente de lado que o aparelho anímico de que aqui se trata é-nos conhecido como preparado anatômico, e teremos o maior cuidado em não cair na tentação de determinar essa localidade psíquica como se fosse anatômica. Mantemo-nos no terreno psicológico e propomos somente seguir esta sugestão: imaginar-nos o instrumento de que se valem as operações da alma como se fosse um microscópio composto, um aparelho fotográfico ou algo semelhante. A localidade psíquica corresponde, então, a um lugar no interior de um aparelho, no qual se produz um dos estágios prévios da imagem.<sup>27</sup>

Apesar da clara advertência acima, podemos ainda notar o persistente uso de certos termos da antiga linguagem neurológica por parte de Freud, quais “excitação”, “energia”, “inervação”, “descarga” e possivelmente outros que encontraremos pela frente em nosso trabalho. De fato, como já advertimos na introdução deste capítulo, não há um desprendimento total das teses e nem de alguns termos pertencentes ao modelo anterior do *Projeto*; um misto de novo e antigo parece dar forma a essa nova teoria psíquica encontrada aqui.

O aparelho psíquico, instrumento composto, é dividido em instâncias ou em sistemas que pressupõem uma orientação espacial ou, se não se trata de um ordenamento realmente *espacial*, uma seqüência *temporal* fixa, pela qual a excitação psíquica deverá percorrer. Esses componentes do aparelho são denominados por Freud de “sistemas  $\psi$ ”. Toda a atividade psíquica tem origem em estímulos internos e externos e termina em certas inervações: no

---

<sup>26</sup> Freud, vol. V, (AE), p. 529.

<sup>27</sup> Freud, vol. V, (AE), p. 529-30.

extremo sensorial estaria o sistema *P*, que recebe as percepções, e no extremo motor estariam as comportas da motilidade, o sistema *M*. O caminho que a excitação psíquica percorre é precisamente esse trajeto que vai da percepção à motilidade; o modelo de operação psíquica é o processo de reflexo.

Dessas percepções que atingem o extremo sensorial, restam o que Freud denomina de vestígios mnêmicos e que provocarão alterações permanentes nos elementos do sistema. Mas a preocupação que tem origem nos *Estudos sobre a Histeria* e uma definição teórica mais detalhada no *Projeto* – de que o sistema deve supor também uma capacidade de manter-se aberto para novas experiências – reaparece nessa teoria, novamente. Freud supõe que o sistema dianteiro do aparelho, responsável pela recepção de estímulos, não conserva memória. Seria o segundo sistema, posterior a esse dianteiro, o responsável por transpor a excitação do primeiro em vestígios permanentes.

As percepções que modificam o sistema de forma permanente podem associar-se na memória, sobretudo se as impressões sucederam-se simultaneamente. Tal como no *Projeto*, a constituição da memória, base para essas associações, é explicada pelas reduções na resistência e pelas facilitações. Lembremos que a memória da qual Freud nos fala aqui é inconsciente, parte do sistema  $\psi$ , diferente da memória consciente da psicologia. Não significa dizer que esta memória não seja capaz de consciência, mas que seus traços, em si, são inconscientes. O aparelho psíquico é, de fato, um aparelho de memória, como podemos entender já a partir da leitura do próprio *Projeto* e, mais claramente, a partir da carta que Freud escreve a Fliess em 6 de dezembro de 1896, a famosa Carta 52, considerada momento de transição entre o texto neurológico e o livro sobre os sonhos. Naquela carta, Freud diz que o nosso aparelho psíquico gera-se por estratificação sucessiva ao mesmo tempo que existe todo um reordenamento dos traços mnêmicos em novos nexos, segundo uma retranscrição (*Umschrift*) do material.

“O essencial em minha teoria é, então, a tese de que a memória não pré-existe de maneira simples, senão de forma múltipla, e está registrada em diversas variedades de signos. Em seu momento (afasia), afirmei um reordenamento semelhante para as vias que chegam desde a periferia (do corpo ao córtex cerebral)”.<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> Freud, vol. I, (AE), p. 274.

As qualidades sensoriais que chegam até a consciência são provenientes do sistema *P*. As lembranças inconscientes não possuem qualidades psíquicas, ou possuem muito pouco comparado às percepções sensoriais, o que é explicável pelo fato da memória e a consciência serem excludentes entre si. Embora sem qualidades, essas recordações que permanecem inconscientes produzem constantemente seus efeitos, e as que pertencem a nossa infância quase nunca se tornam conscientes.

Além das extremidades já citadas, o aparelho psíquico possui dois sistemas que devem explicar a atuação da censura da qual Freud nos fala na teoria da formação dos sonhos: são os sistemas Pré-consciente e Inconsciente. Esse esquema de aparelho psíquico deve ser entendido como linear no que diz respeito ao trajeto da excitação. O sistema pré-consciente está situado no extremo motor e a excitação que aí chega, torna-se passível de consciência, desde que satisfaça certas condições como, por exemplo, alcance certa intensidade e a atenção exigida. O sistema inconsciente seria aquele situado logo atrás do Pré-consciente. Interessante notar que a atenção, que era de responsabilidade do ego no *Projeto*, ora situa-se entre o pré-consciente e a consciência, sem a suposição clara de uma atividade egoica.

O que se denomina por instância criticadora é o que se situa mais próximo da consciência, colocando-se entre esta e a instância criticada como uma “tela”.<sup>29</sup> Mais à frente, em seu texto sobre os sonhos, Freud irá propor que a agência censuradora situa-se deveras entre o inconsciente e o pré-consciente. Assim, o que se encontra no sistema inconsciente apenas poderá passar para a consciência através desse caminho intermediado pelo pré-consciente, também mediante algumas modificações. Como sabemos, o impulso do sonho é um desejo do inconsciente que é submetido ao trabalho onírico de modificação, para que possa expressar-se.

Antes que possamos explicar o fenômeno da regressão, devemos pedir a atenção do leitor para um problema digno de nota, e que se refere exatamente à questão da consciência.

O esquema linear do aparelho psíquico apresentado nessa parte teórica traz alguns problemas de compreensão quanto à localização da consciência. Se entendemos que a consciência – que também é designada como sistema percepção-consciência – deva situar-se logo após o sistema pré-consciente, que está na extremidade motora, então deve-se concluir que a consciência deva aparecer nos dois extremos do esquema. O fato de propor um esquema

---

<sup>29</sup> Freud, vol. V, (AE), p. 534.

linear para seu aparelho anímico deve-se, em grande parte, à necessidade da natureza da regressão. Se no *Projeto* encontramos o sistema percepção-consciência numa extremidade, aqui deveremos supô-lo nas duas, junto às percepções, de um lado, e junto ao pré-consciente, do outro. Toda esta discussão sobre a localização da consciência no aparelho psíquico foi um problema para Freud, como já tivemos a oportunidade de esclarecer no primeiro capítulo. Na Carta 39, citada acima, Freud mostrava-se descontente com alguns aspectos de seu texto de 1895 e um deles era exatamente referente a esse problema. A idéia de um esquema circular poderia supostamente ajudar, mas isso traria sérias implicações à descrição da regressão.<sup>30</sup>

O caráter alucinatório dos sonhos está relacionado à maneira como se comporta a excitação durante a regressão. E como Freud explica a regressão no seu aparelho anímico?

A excitação toma um caminho de *refluxo* (*rückläufig*). Ao invés de propagar-se até o extremo motor do aparelho, fá-lo até o extremo sensorial, e por último alcança o sistema das percepções. Se chamamos de *progrediente* (*progredient*) a direção segundo a qual o processo psíquico continua na vigília desde o inconsciente, estamos autorizados a dizer que o sonho tem o caráter *regrediente* (*regredient*).<sup>31</sup>

Esta seria, para Freud, uma das grandes peculiaridades do processo onírico que também explica o tom absurdo dos sonhos. Nesse refluxo da excitação, os aspectos lógicos do pensamento dariam lugar às imagens perceptivas originais revividas. O fenômeno da regressão também pode acontecer nos processos de vigília quando nos colocamos a fantasiar deliberadamente, mas sem o caráter alucinatório das imagens perceptivas. Este último caso já seria o do campo das patologias, onde uma regressão acontece mesmo que haja um outro fluxo *progrediente* constante.

Três são os modos de regressão entendidos por Freud: (a) regressão tópica, isto é, de sistemas; (b) regressão temporal, que seria uma retrogressão a formações psíquicas mais antigas, as da infância; e (c) regressão formal, que se define pela substituição dos modos de expressão habituais por outros mais primitivos. Tanto nos sonhos como nas neuroses a regressão dar-se-ia dessa forma, segundo as distinções acima. Uma das grandes conclusões de Freud a partir disso é a de que esses processos psíquicos que se conformam nos sonhos e nas

<sup>30</sup> Ver Garcia-Roza, op. cit., 1998, p. 165-7.

<sup>31</sup> Freud, vol. V, (AE), p. 536. Freud cita Alberto Magno e Hobbes como antigos partidários dessa idéia de regressão.

patologias possuem sua origem na vida infantil, sendo uma total reanimação da infância. Em ambos os fenômenos haveria uma renovação de elementos importantes do cenário psíquico da criança que parecia perdido para sempre.

## 2.4 Inconsciente e Consciência

Vimos que o esquema de aparelho psíquico que aqui encontramos é espacial (não no sentido anatômico), temporal e que a excitação trafega de modo linear por este mesmo aparelho. Assim, temos ainda que entender, com maiores detalhes, como se dá a tradução ou a retranscrição das representações entre inconsciente e consciência, como operam as excitações, além de investigar os processos primário e secundário do funcionamento psíquico.

O desejo inconsciente e infantil que se revela como grande motor dos processos oníricos não é, porém, o único elemento atuante na elaboração dos sonhos. Ele investe os restos de pensamentos diurnos, imiscuindo-se muitas vezes com desejos que até foram conscientes durante o período de vigília. A maneira como se dá a transação diurna das representações ligadas ao desejo nos sistemas do aparelho psíquico pode refletir-se durante os sonhos à noite. Quais seriam os possíveis caminhos do desejo, consciente ou inconsciente, para a formação dos sonhos? Vejamos um resumo:

1. O desejo pode ter sido despertado durante o dia e por motivos puramente exteriores não ter sido satisfeito; esse desejo admitido mas não satisfeito tem sua tramitação adiada para a noite. Trata-se, neste caso, de um desejo proveniente do Pcs.
2. Ele pode ter sido despertado durante o dia mas em razão de um repúdio ter sido reprimido (*unterdrückt*). O mecanismo presente neste caso (*Unterdrückung*) não se confunde com o recalçamento (*Verdrängung*). Neste último, tanto a instância recalçadora quanto o recalçado pertencem ao Ics, enquanto que a *Unterdrückung* (que é traduzida às vezes por “supressão”) é um mecanismo do Pcs/Cs que consiste em excluir da consciência atual um determinado conteúdo (sem que este passe a pertencer ao Ics recalçado).
3. Pode ser um desejo que não possua nenhuma relação com a vida diurna atual e que se torna ativo apenas durante o sono. Neste caso, sua proveniência é o Ics, mais especificamente, o Ics recalçado.<sup>32</sup>

Com este resumo, além de mostrar as possíveis origens do desejo nos sonhos, temos um pequeno vislumbre de como sucede a tramitação do desejo nos sistemas do aparelho

---

<sup>32</sup> Garcia-Roza, op. cit., 1998, p. 174-5. No lugar de *recalçado* estamos usando, neste trabalho, o termo *repressão*. Ics, Pcs e Ics correspondem à conhecida nomenclatura freudiana para os sistemas psíquicos.

psíquico, de modo geral. Também desejos de origem do pré-consciente ou do consciente têm lugar nos sonhos, contanto que não percamos de vista o fato de que, segundo Freud, estes últimos são sempre reforçados por um desejo inconsciente incitado por eles, isto é, são secundários em relação ao desejo proveniente do inconsciente. Apenas permitiriam, por uma solução de compromisso, que as moções inconscientes do desejo tivessem vazão, assim como acontece com as demais formações do sistema inconsciente.<sup>33</sup> Para explicar este processo, no caso, Freud recorre à psicologia das neuroses: como a representação inconsciente pura é incapaz de atingir o pré-consciente, ela entra em conexão com uma representação inofensiva deste último sistema, transferindo-lhe sua intensidade e mascarando-se por ela.<sup>34</sup>

A censura que permeia as relações entre pré-consciente e inconsciente tem sua versão mais branda durante o estado do sono. Nem por isso ela deixa de cobrar seus tributos às representações inconscientes que aspiram aos sistemas dianteiros, quando o desejo de dormir se apossa do pré-consciente. É devido a esta censura que os processos oníricos tomam o caminho regressivo do Pcs/Cs às imagens das percepções que é possibilitado pelo sono, caminho esse contrário àquele primeiro *progreidente* do Ics em direção ao Pcs. A atenção da consciência é, então, atraída no refluxo da excitação às percepções.

Freud retoma aqui, mais uma vez, uma idéia que tem origem no *Projeto*, para definir a consciência: trata-se de um órgão sensorial para a apreensão das percepções externas da extremidade do aparelho, carecendo de memória, e das excitações de prazer e desprazer que regulam automaticamente os processos de investimentos; é o órgão que, enfim, se responsabiliza pelas qualidades psíquicas e a regulação das excitações que são geradas na porção interna do aparelho. A consciência fica, assim, restrita às sensações de prazer e desprazer que resultam dos processos psíquicos e às series qualitativas das percepções do sujeito.

Uma particularidade desta nova teoria psíquica deve ser, contudo, assinalada quanto à teoria da consciência que encontramos no *Projeto*: é que o sistema pré-consciente, que não aparece no texto neurológico, também deverá pressupor qualidades psíquicas próprias que atraiam a atenção da consciência. E isto se deve, muito provavelmente, aos “enlaces dos processos do pré-consciente com o sistema mnêmico (não desprovido de qualidade) dos

---

<sup>33</sup> Id., *ibid.*, p. 177.

<sup>34</sup> Freud, vol. V, (AE), p. 554-5.



signos de linguagem”.<sup>35</sup> Assim, além de estar voltada às percepções, a consciência, enquanto órgão sensorial, passa também a atender aos processos de pensamento pré-conscientes.

E como se dão os investimentos de atenção por parte da consciência? A maioria de nossos processos psíquicos é inconsciente, ou seja, eles ocorrem sem a necessidade de investimentos por parte da atenção consciente. Em nossas atividades conscientes de reflexão, a atenção – que é entendida como uma função psíquica de investimentos que se articula com a consciência – pode ser dirigida a uma determinada meta que siga por um certo caminho. Se por algum motivo consciente o investimento de atenção desfaz, a linha de pensamento pode ainda continuar seu percurso sem que a atenção recaia outra vez sobre a mesma. A menos que se torne intensamente investido, o próprio processo de pensamento pode ter seqüência de forma inadvertida pela consciência. Este seria, na verdade, o tipo de pensamento pré-consciente que é caracterizado por Freud.<sup>36</sup> Se não são interrompidos ou sufocados, esses pensamentos são suscetíveis de consciência.

Decorre-se, então, que o percurso das representações está muito relacionado às excitações que lhes investem. Freud vai mais avante e nos explica o processo:

Nossa opinião é que, desde uma representação-meta, uma certa magnitude de excitação que chamamos de “energia de investimentos” desloca-se ao largo das vias associativas selecionadas por aquela. Uma ilação de pensamento “descuidada” não recebeu esse investimento; se ela foi “sufocada” ou “desestimada”, é que se tornou a retirar-lhe o investimento; em qualquer dos dois casos fica livre a sua excitação própria. Em certas condições, a ilação de pensamento investida com uma meta (*zielbesetzt*) é capaz de atrair sobre si a atenção da consciência e recebe por intermédio desta um sobreinvestimento.<sup>37</sup>

Esse sobreinvestimento de qualidades que parte da consciência é um privilégio dos homens sobre os animais, segundo Freud. Os processos de pensamento carecem de qualidade, exceto quando excitações de prazer e desprazer possam perturbá-los. Aliás, de acordo com

---

<sup>35</sup> Freud, vol. V, (AE), p. 566. Além da particularidade do sistema pré-consciente inserido nessa nova teoria do aparelho psíquico, não encontramos mais aqui o uso que Freud fez do conceito de ego no *Projeto* e que era importante para a compreensão dos investimentos de atenção. Para Garcia-Roza, op. cit., 1998, p. 212, o sistema Pcs, junto ao Ics, está ligado à memória devido ao fato da consciência estar conectada ao sistema de percepções e ser exclusiva da memória. Mezan, em *Freud: A Trama dos Conceitos*, 1991, p.175, afirma que o Pcs é aqui o herdeiro direto das funções do ego.

<sup>36</sup> Freud, vol. V, (AE), p. 583.

<sup>37</sup> Ibid.

isto, deduz-se então que grande parte de nossos pensamentos se dão sem a consciência e a própria linguagem, ou seja, formulam-se em seus significados, enquanto representações, sem a necessidade de uma articulação em palavras. Contudo, é devido às conexões com as lembranças de palavras, explicadas de forma extensa no *Projeto para uma Psicologia Científica*, que as qualidades psíquicas aparecerão, atraindo para o processo de pensamento a atenção da consciência.<sup>38</sup>

Antes que corramos o risco de esquecer, não podemos deixar de fazer referência à explicação que Freud, de forma sucinta e muito clara, fornece aos seus leitores no que diz respeito ao balé das representações e das excitações que as investem, logo ao iniciar o seu subcapítulo sobre o consciente e o inconsciente. Queremos aproveitar o ensejo de nossa discussão acerca dos processos de pensamento de vigília que dão origem aos sonhos para esclarecer o que acontece quando dissermos que algo inconsciente torna-se consciente. O que de fato acontece? O que é que se torna ou é passível de tornar-se consciente? São as representações? São os pensamentos inconscientes?

Quando dizemos, pois, que um pensamento inconsciente aspira a traduzir-se em pré-consciente para irromper-se desde aí na consciência, não queremos significar que se forme um pensamento segundo, situado em um lugar novo, por assim dizer uma transcrição junto a qual subsistiria o original; e tampouco a respeito do irromper-se na consciência queremos aventar toda a idéia de um câmbio de lugar. Quando dizemos que um pensamento pré-consciente é reprimido (desalojado) e então o inconsciente o recebe, esta imagem, tomada do círculo de representações da luta por um terreno, poderia induzir-nos a supor que, realmente, certo ordenamento é dissolvido dentro de uma localidade psíquica e substituído por outro que se situa em uma localidade diferente.<sup>39</sup>

Assim, ao invés dessa compreensão de “troca de lugares”, Freud entende

que um investimento energético é imposto a um determinado ordenamento ou retirado dele, de sorte que o produto psíquico em questão caia baixo o império de uma instância ou subtraia-se dele. De novo, substituímos aqui um modo de

---

<sup>38</sup> Freud, vol. V, (AE), p. 604-5.

<sup>39</sup> Freud, vol. V, (AE), p. 598.

representação tópico por um dinâmico; não é o produto psíquico aquele que nos aparece como o móvel, mas sim sua inervação.<sup>40</sup>

E a noção de uma energia livre que possa deslocar-se sem que esteja sempre e necessariamente presa às representações parece ser uma das grandes e originais idéias de Freud.

A distinção entre energia móvel ou livre – característica do Ics – e ligada ou quiescente – característica do Pcs<sup>41</sup> – conduz-nos agora às análises dos dois fenômenos psíquicos conhecidos por processo primário e processo secundário.

Um aparelho psíquico que possua unicamente o processo primário, na verdade, não passa de ficção teórica, afirmação do próprio Freud.<sup>42</sup> Porém, paradoxalmente, não se pode prescindir do conceito e nem negá-los, por direito, como presentes nos momentos iniciais dos processos psíquicos. Estes processos devem, aos poucos, dar lugar aos processos secundários devido à inibição e à correção destes sobre aqueles. A idéia do funcionamento desses dois princípios é quase a mesma da que estudamos no *Projeto*.

Para entendermos os processos primários temos que retomar o que Freud entende por vivência de satisfação. O aparelho psíquico deve manter-se no mais baixo nível de excitação, o que diz respeito ao “princípio de constância”. O acúmulo das quantidades dentro do aparelho pode levar à sensação de desprazer; por outro lado, a descarga dessas quantidades gera o prazer. Um recém-nascido, que pelas características da condição humana depende por muito tempo dos cuidados maternos, só poderá aliviar essa tensão no aparelho através do auxílio da mãe. Uma simples descarga motora não bastaria para eliminar a estimulação corporal, não obstante seus primeiros movimentos e o balbuciar adquiram a função secundária de chamar a atenção. Se a necessidade é satisfeita pela mãe, tem-se a vivência de satisfação; mas se, com a repetição do estado de necessidade, a mãe não se encontra para uma satisfação imediata, a imagem da mãe que foi investida como objeto gratificador durante a satisfação poderá ser hiperinvestida até à alucinação, gerando uma frustração. O investimento da percepção da mãe passará a ser de extrema importância para que essa frustração não ocorra novamente. Esse tipo de atividade do aparelho psíquico deve ser distinguido pela *identidade*

---

<sup>40</sup> Ibid.

<sup>41</sup> Ver comentário de Strachey em nota de rodapé, in: Freud, vol. V, (AE), p. 591.

<sup>42</sup> Freud, vol. V, (AE), p. 592.

*perceptiva* e podemos encontrá-lo na alucinação dos sonhos e nas patologias. A corrente que leva do desprazer ao prazer e movimenta o aparelho é denominada por Freud de desejo.<sup>43</sup>

O processo secundário deverá por sua vez distinguir-se pelo que se conhece por *identidade de pensamento*. Antes que aconteça um hiperinvestimento da lembrança do objeto gratificador até à alucinação, ocorre uma inibição até que o objeto real não seja investido através das ações específicas que modifiquem o mundo exterior. É o objetivo dos atos de pensamentos que devem substituir a alucinação. Diferentemente das grandes excitações que caracterizam esta última, o processo de pensamento faz-se por pequenas quantidades para que reserve o quantum necessário para a devida modificação do exterior. Deve manter em estado quiescente a maioria dos investimentos energéticos.

Assim, entendemos que moções de desejo inconscientes da vida infantil, que são indestrutíveis, venham a fazer parte dos sonhos e das patologias, mesmo que de modo disfarçado. A vida adulta seria esse constante embate entre as representações de desejo e as representações-meta dos processos secundários. O cumprimento do desejo ligado a essas representações levaria ao desprazer para as instâncias do pré-consciente/consciente; tal mudança de afeto constitui a essência do que se designa por repressão.<sup>44</sup> Por isto, Freud supõe uma ação de contrainvestimento por parte do Pcs para que estas representações do inconsciente libertas a si mesmas não sejam investidas pelo desejo e não ganhem, conseqüentemente, caminho até a consciência.

---

<sup>43</sup> Freud, vol. V, (AE), p. 598.

<sup>44</sup> Freud, vol. V, (AE), p. 593.

CAPÍTULO 3  
METAPSICOLOGIA E CONSCIÊNCIA

### 3.1 Introdução

Os textos que pertencem à metapsicologia foram escritos de forma muito rápida por Freud, em 1915. Conforme seu biógrafo Peter Gay, o termo metapsicologia tem nascimento na correspondência com Fliess, em uma carta de março de 1898, quando Freud já havia dito “que a metapsicologia pretendia explicar aquela parte de sua psicologia que vai além, ou está ‘por trás’ da consciência”.<sup>1</sup>

O livro, inicialmente, deveria conter 12 ensaios dos quais restaram apenas cinco, além do texto que introduz a questão do Narcisismo.<sup>2</sup> São eles: *Pulsões e Destinos das Pulsões*, *A Repressão*, *O Inconsciente*, *Complemento Metapsicológico à Doutrina dos Sonhos* e *Luto e Melancolia*.

Hoje, sabemos que, dos sete artigos que foram destruídos, um era consagrado à consciência.<sup>3</sup>

O que se deve entender por metapsicologia? Segundo o próprio Freud, significa dizer que os processos psíquicos devem ser compreendidos em seus aspectos dinâmicos, topográficos e econômicos. Os aspectos dinâmicos referem-se aos conflitos entre as instâncias ou sistemas psíquicos; os aspectos topográficos, aos diversos domínios da mente – Inconsciente, Pré-Consciente e Consciência – e os aspectos econômicos, referem-se às quantidades e modificações da energia psíquica.

Entre a produção desses textos da metapsicologia, de 1915, e a teoria que se encontra no livro sobre os sonhos, Freud também havia abordado problemas do funcionamento anímico em seu artigo, de 1911, *Formulações sobre os dois Princípios de Sucedem Psíquico*, que também procuraremos considerar neste capítulo.

Temos a intenção de concentrar nossos esforços sobretudo no texto *O Inconsciente*, o mais extenso e, diríamos, o mais importante de todos eles, resgatando, porém, os aspectos principais sobre a natureza das pulsões e da repressão diretamente nos textos correspondentes. E vejamos se, até onde possível, podemos ampliar a noção de consciência freudiana.

---

<sup>1</sup> P. Gay, *Freud: Uma Vida Para o nosso Tempo*, 1990, p.335.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 334.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 334-44; E. Jones, *A Vida e a Obra de Sigmund Freud*, 1989, p. 193; Introdução de Strachey, in: Freud, vol. XIV, (AE), p. 102.

### 3.2 Inconsciente e Consciência/Pulsão e Repressão

Em *Formulações sobre os dois Princípios de Suceder Psíquico*, de 1911, encontramos, de forma condensada, um exame teórico das hipóteses da psicanálise até então. É um artigo que também pode ser considerado preparatório para os textos posteriores da metapsicologia. Freud faz uma breve exposição do funcionamento anímico das neuroses e da normalidade a partir das noções de princípio de prazer/desprazer e princípio de realidade. Vejamos o que aí podemos encontrar a respeito da consciência, aproveitando a oportunidade de sua característica de resumo para, deste modo, revisitarmos as partes que já estudamos.

O início de nossa vida psíquica é marcado pela preponderância dos processos primários que se caracterizam pela tendência ao prazer e a evitar o desprezer. Os sonhos, por exemplo, seriam uma prova desse tipo de regulação. O tipo de satisfação alucinatória que aí encontramos deverá ser substituído por um outro tipo de atividade que leve em conta as exigências do mundo exterior, mesmo que tais exigências sejam desagradáveis: é o estabelecimento do princípio de realidade. O neurótico é aquele que, por não suportar parcela ou todas as exigências da realidade externa, aliena-se em relação a esta última, refugiando-se na enfermidade. Seria a perda *de la fonction du réel*, termo de Pierre Janet usado por Freud. Exatamente ao mundo externo e a esse aumento de sua importância, o que conforma o princípio de realidade, que os órgãos perceptivos e a *consciência* deverão agora dirigir a atenção, além da habitual percepção das qualidades de prazer e desprezer do estado interno. Surge uma nova função da consciência – a da atenção – e que deverá ocupar-se da realidade extra-pele. A memória é um registro à parte das atividades periódicas da consciência. O processo de pensamento tem origem a partir das primeiras representações e coloca-se de intermediário ao desejo e a realidade externa: tem a função, com um deslocamento menor de energia, de fazer com que o aparelho psíquico suporte a tensão elevada até que a descarga possa acontecer com segurança. “É provável que em sua origem o pensar fosse inconsciente, na medida em que se elevou por cima do mero representar e dirigiu-se às relações de impressão de objeto; *então adquiriu novas qualidades perceptivas para a consciência, unicamente pela ligação com os restos de palavra*”.<sup>4</sup> Uma atividade acoplada ao pensamento deslocou-se deste e manteve-se ainda sob a regência do princípio de prazer, a saber, as *fantasias*. Numa possível antecipação das conclusões acerca do narcisismo, Freud alega que as fantasias estariam vinculadas à pulsão sexual, assim como as pulsões egoicas estariam

---

<sup>4</sup> Freud, vol. XII, (AE), p. 226. Grifo nosso.

vinculadas à consciência. A repressão age junto ao reino do fantasiar e aí consegue barrar o acesso de representações à consciência em *statu nascendi*, evitando o desprendimento de desprazer. O lugar das fantasias é o mais lábil de toda a organização psíquica por que pode “contaminar” os pensamentos que já se situem sob o império da *ratio*, o que prova que o princípio de prazer não foi totalmente submetido ao princípio de realidade. As religiões, que promovem através de suas doutrinas a renúncia de um prazer terreno em nome de um prazer celeste pós-vida, podem ser consideradas um efeito disso na cultura, enquanto que a ciência seria o primeiro exemplo do triunfo do princípio de realidade sobre o princípio do prazer. A tentativa de substituir este princípio por aquele seria incitada pela educação formal. A arte seria um caminho peculiar para dar livre curso à satisfação pulsional.

É basicamente isto que esse texto de agradável leitura tem a contribuir para o nosso trabalho, resumindo um pouco o que havíamos estudado até o momento. Sobre a consciência, enquanto órgão sensorial responsável pelas qualidades psíquicas internas e aquelas provenientes da realidade externa, deve-se frisar a sua importância para que o princípio de realidade substitua o princípio de prazer que, de modo refratário, jamais se desfaz totalmente.

Como já afirmamos em nossa introdução, através da observação de Laplanche e Pontalis, o conceito de inconsciente poderia ser aquele onde toda descoberta freudiana se condensa. Sem este conceito, muito dos fenômenos psíquicos seriam completamente incompreensíveis; talvez fôssemos quase que obrigados a deixar de lado, como inexplicáveis ou sem importância, muitas ocorrências mentais que habitualmente aparecem fragmentadas e sem continuidade na consciência. Portanto, o inconsciente sempre se fez necessário e importante para Freud e as suas pesquisas desde o começo, sendo o ponto de partida para que processos estranhos à consciência, normais ou patológicos, tivessem sentido. Em suas justificativas do conceito de inconsciente, o mestre de Viena é categórico quanto à resistente idéia de que o psiquismo corresponde somente ao campo da consciência: “Não é mais que uma *presunção insustentável* exigir que tudo quanto suceda no interior do anímico tenha que ser notório também para a consciência”.<sup>5</sup> Freud é arguto e percebe que a objeção de que, então, esses processos fora do alcance da consciência não são mais psíquicos, não deixa de ser uma outra versão embasada na inadequada concepção de psíquico como consciência.<sup>6</sup>

No artigo *O Inconsciente* de 1915, ápice do trabalho metapsicológico, encontramos um aprimoramento de seu conceito, não obstante a maior parte das definições que lhe pertencem tenha sido elaborada no decorrer de todos esses anos. Não é demais lembrar que a

---

<sup>5</sup> Freud, vol. XIV, (AE), p. 163.

<sup>6</sup> Freud, vol. XIV, (AE), p. 164.



proposta de Freud foi sempre a de dar um tratamento científico ao fenômeno, devido aos interesses práticos da clínica psicanalítica, embora a questão do inconsciente possa ainda suscitar problemas filosóficos em seu terreno de definição. Um bom exemplo do que estamos falando é o fato de Freud recorrer a Kant para mostrar que o conhecimento de nosso inconsciente pode ser equiparado àquele que a consciência tem do mundo exterior através da percepção, ou seja, que, em última instância, não temos a apreensão do inconsciente *em si* assim como também não o temos da realidade externa.<sup>7</sup>

A tópica produzida na *Interpretação dos Sonhos* é mantida nesse texto, da mesma forma como o funcionamento do aparelho anímico. Um ato psíquico atravessa por duas fases que são intermediadas pela censura. A primeira pertence ao sistema Inconsciente e se é recusado por essa censura, permanece nesse sistema; se obtém sucesso e passa por ela, atinge o próximo sistema – o Pré-consciente – tornando-se suscetível de consciência. Uma pequena censura também atua nas regiões fronteiriças dos sistemas pré-consciente/consciente.<sup>8</sup>

Freud levanta, em essência, os mesmos questionamentos acerca do tornar-se consciente que fizemos no capítulo anterior sobre os sonhos: como uma representação inconsciente torna-se consciente? Temos que caminhar ainda um bom trecho para que possamos responder apropriadamente.

Dizer que uma representação passa de um sistema a outro, ou melhor, na linguagem de Freud, transcreve-se, pode evocar novamente o problema da anatomia e, como sabemos, a teoria psíquica que encontramos aqui é a mesma do livro dos sonhos: portanto, não se deve pressupor localizações cerebrais. Uma prova de que não deva ser isso vem da clínica: quando se comunica ao paciente o reprimido, o seu estado psíquico não se altera, não cancela a repressão e nem possibilita que a representação inconsciente reprimida agora se torne consciente. Se assim fosse, bastaria que todos nós lêssemos a obra de Freud para que nos livrássemos de nossas representações reprimidas. Ouvir uma coisa e vivenciá-la são duas coisas psicologicamente bem diferentes.<sup>9</sup> Isto também nos alerta para o fato de que, por mais que tenhamos consciência e a capacidade racional de discursar sobre problemas que nos afligem, a mera descrição lingüística dos sentimentos não proporcionará necessariamente um acesso direto às representações inconscientes, reprimidas ou não. Inevitavelmente, sendo assim, somos obrigados a reconhecer os limites da consciência e do discurso racional no que se refere à vida interior.

---

<sup>7</sup> Freud, vol. XIV, (AE), p. 167.

<sup>8</sup> Freud, vol. XIV, (AE), p. 169. Quando necessário, adotaremos daqui em diante a nomenclatura de Freud: Ics; Pcs e Cs.

<sup>9</sup> Freud, vol. XIV, (AE), p. 171-2.

Sentimentos, sensações e afetos podem ser inconscientes?

Uma pulsão não pode ser objeto da consciência e nem mesmo do inconsciente, mas somente o seu representante-representação, isto é, a sua agência representante psíquica. Em seu artigo sobre as pulsões, Freud assevera que “a pulsão nos aparece como um conceito fronteiro entre o anímico e o somático”,<sup>10</sup> uma força que exerce uma pressão (*Drang*) constante sobre o psíquico. Pelo afeto, sabemos dela.

Através dos destinos possíveis desse fator quantitativo da pulsão – que se deve ao ato da repressão – entendemos que o afeto pode ser sufocado e não desenvolvido, pode transformar-se em um afeto qualitativamente diferente ou, enfim, pode transformar-se em angústia.<sup>11</sup> “Não há portanto afetos inconscientes assim como há representações inconscientes”. Freud parece ver um elo necessário entre sentimentos e consciência, ou entre sensações e consciência.

Se a questão é colocada de outra forma, pode-se entender que sentimentos e afetos podem ser percebidos de forma errada, mas não que sejam inconscientes. Porque a representação foi reprimida, a moção de afeto pode-se ligar a uma representação consciente, não sendo ela que permanece no inconsciente. Mas não se descarta que *formações* de afeto no Icc possam vir a ser conscientes.<sup>12</sup>

A consciência e o Pcs são importantes para se compreender os afetos que se desprendem desde o Ics, consequência da repressão. Em geral, é a angústia neurótica que é sentida. Freud delega as funções que eram do ego no texto do *Projeto* ao Pcs/Cs desses textos metapsicológicos. Este último sistema é o responsável pela motilidade, pelo governo da afetividade, além de ter que realçar o valor da repressão que, em última instância, deve evitar que as moções de afeto cheguem à consciência. O controle da afetividade pela consciência fracassa nas psicoses e Freud supõe uma disputa constante entre o Ics e o Cs pelo primado desse governo<sup>13</sup>.

A repressão de uma representação no Ics produz, então, uma separação entre esta e o afeto. Este, desprendendo-se da representação originária inconsciente, poderá ligar-se a uma outra substituta no sistema Cs. Dessa representação substituta na consciência, o afeto poderá continuar desenvolvendo-se, transformando-se em seu contrário qualitativo ou em angústia, como já dissemos.

<sup>10</sup> Freud, vol. XIV, (AE), p. 117. Na obra de Monzani, *Freud: O Movimento de um Pensamento*, 1989, p. 89, encontramos uma interessante idéia a respeito deste conceito freudiano: a de que a pulsão seria a *glândula pineal* de Freud.

<sup>11</sup> Freud, vol. XIV, (AE), p. 148; p. 174.

<sup>12</sup> Freud, vol. XIV, (AE), p. 174. Grifo nosso.

<sup>13</sup> Freud, vol. XIV, (AE), p. 175.

Todo o trabalho da repressão dá-se nas fronteiras entre o Ics e o Pcs. A representação reprimida pode ser investida novamente no sistema inconsciente, pois este é ativo; para que não tenha acesso ao Pcs, este sistema trabalha com contrainvestimentos ou até desinvestimentos. Na verdade, como escreve Freud no texto que lhe é consagrado, a repressão propriamente dita é aquela “que dá caça” (*nachdrängen*)<sup>14</sup> aos elementos ou itinerários de pensamento que estão associados de certa forma à representação originária reprimida. Devido a essa dinâmica de câmbio de investimentos, a repressão não impede que a representação que continua existindo no Ics deixe de produzir efeitos através desses brotos correlatos. O trabalho constante da repressão pressupõe um dispêndio grande de energia, pois o reprimido força a sua passagem em direção ao Pcs/Cs, ao mesmo tempo que existe uma contrapressão.<sup>15</sup> Também essas formações substitutivas devem ser mantidas fora do alcance dos investimentos para que não haja um desprendimento maior de angústia.

A atividade que caracteriza o inconsciente é aquela que conhecemos por processos primários ou princípio do prazer, por oposição aos processos secundários ou princípio de realidade do Pcs e do Cs. No núcleo do Ics encontram-se os representantes da pulsão que querem descarregar seus investimentos em moções de desejo; aí não há dúvidas, certeza ou negação, mas somente conteúdos (alimentados) com maior ou menor intensidade.<sup>16</sup> Os processos de condensação e deslocamento que estudamos nos sonhos e que são os indícios dos processos primários são explicados desta maneira: “pelo processo de *deslocamento*, uma representação pode entregar a outra todo o montante de seu investimento; e pelo de *condensação*, pode tomar sobre si o investimento íntegro de muitas outras”.<sup>17</sup> Os processos do Pcs, por outro lado, são os que se caracterizam pela energia ligada, pela censura, o exame de realidade, enfim, por atividades que devem submeter o princípio do prazer ao princípio da realidade. Se os processos do Ics são atemporais, é o Cs que deverá organizar o tempo.

Gostaríamos de tratar, a partir de agora, do conteúdo do último subcapítulo que parece ser o mais particular do texto *O Inconsciente*. Tal conteúdo tem conexão com algumas conclusões dos estudos sobre o narcisismo, realizado por Freud no ano anterior, e nos ensina o que se entende por representação-coisa e representação-palavra, importantes para o aprimoramento de nosso trabalho sobre a consciência.

Para introduzir a discussão, Freud parte das diferenciações entre as neuroses de transferência e a esquizofrenia. Na primeira, a denegação (frustração) do objeto gera o

---

<sup>14</sup> Freud, vol. XIV, (AE), p. 143.

<sup>15</sup> Freud, vol. XIV, (AE), p. 146.

<sup>16</sup> Freud, vol. XIV, (AE), p. 183.

<sup>17</sup> *Ibid.*

rompimento da patologia que envolve a renúncia do objeto real. A libido que é subtraída desse objeto real reverte-se sobre um objeto fantasiado e, a partir daí, sobre o reprimido. O investimento do objeto é retido com grande energia e persiste no Ics devido à repressão. Já no segundo caso, a libido que é tirada do objeto não procura por outro objeto, mas dirige-se ao eu, reproduzindo o narcisismo primitivo que se configura pela carência de objeto. A esquizofrenia torna inacessível a terapia porque se distingue pela recusa do mundo exterior. Suas alterações de linguagem equiparam-se ao processo de formação dos sonhos, em que se evidenciam a condensação de imagens e o deslocamento de investimentos, e muito do que se exterioriza no consciente do esquizofrênico, pode ser tomado pelo Ics do neurótico. Os sintomas que aparecem neste caso patológico tomam essa forma estranha devido “ao predomínio da referência à palavra sobre a referência à coisa”.<sup>18</sup>

Assim, o investimento das representações-palavra predomina totalmente enquanto que ocorre uma renúncia do investimento de objeto.

O que podemos chamar de *representação-objeto* (*Objektvorstellung*) consciente descompõe-se-nos agora na *representação-palavra* (*Wortvorstellung*) e na *representação-coisa* (*Sachvorstellung*), que consiste no investimento, se não da imagem mnêmica direta da coisa, ao menos de vestígios mnêmicos mais distanciados, derivados dela.<sup>19</sup>

Essa decomposição, novidade teórica que se instaura nesse texto, terá implicações na diferenciação das representações que compõem o inconsciente e a consciência, além de caracterizar mais uma vez a própria repressão. Mesmo que a citação seja extensa, preferimos que o próprio Freud tenha a palavra.

De repente, acreditamos saber agora onde reside a diferença entre uma representação consciente e uma inconsciente. Elas não são, como críamos, diversas transcrições do mesmo conteúdo em lugares psíquicos diferentes, nem diversos estados funcionais de investimento no mesmo lugar, senão que a representação consciente abarca a representação-coisa mais a correspondente representação-palavra, e a inconsciente é só a representação coisa. O sistema Ics contém os investimentos de coisa dos objetos, que são os investimentos de objeto primários e genuínos; o sistema Pcs nasce quando essa representação-coisa é sobreinvestida pelo enlace com as representações-palavra que lhe correspondem. Tais sobreinvestimentos, podemos conjecturar, são os que

---

<sup>18</sup> Freud, vol. XIV, (AE), p. 197.

<sup>19</sup> Freud, vol. XIV, (AE), p. 198.

produzem uma organização psíquica mais alta e possibilitam a rendição do processo primário pelo processo secundário que governa no interior do Pcs. Agora podemos formular de maneira precisa isto que a repressão, nas neuroses de transferência, recusa à representação rechaçada: a tradução em palavras, que deveriam permanecer enlaçadas com o objeto. A representação não apreendida em palavras, ou o ato psíquico não sobreinvestido, ficam então para trás, no interior do Ics, como algo reprimido.<sup>20</sup>

Mas Freud prossegue em seus questionamentos e pergunta porque as representações-objeto não podem tornar-se conscientes através de seus restos de percepção, já que tanto as representações-palavra como as representações-coisa são originárias da percepção sensorial. A resposta é que *as qualidades se perderam durante o distanciamento dos pensamentos dos restos das percepções originárias*; as meras relações entre representações-objeto, uma outra possível explicação de Freud, não levaram qualidade alguma dos investimentos (isto é, restam insuscetíveis de consciência). Por outra parte, “bem compreendemos que o enlace com representações-palavra ainda não coincide com o devir consciente, apenas brinda a possibilidade disso; portanto, não caracteriza outro sistema se não o do Pcs”.<sup>21</sup>

Por isso Freud inicia a sua exposição nesse subcapítulo com a descrição da *dementia praecox*. Esta modificação que acabamos de ver faz-se necessária por causa das características dessas neuroses narcísicas; o modelo de repressão das neuroses de transferência tornou-se limitado.<sup>22</sup> O que confunde ainda Freud é o fato da esquizofrenia ser uma patologia psíquica em que os investimentos experimentam um recolhimento até a representação-objeto inconsciente, caracterize-se também pelo hiperinvestimento das representações-palavra do Pcs. Freud responde que o investimento da representação-palavra não é parte da repressão, mas sim uma tentativa de cura do enfermo. Seriam intentos de reconquistar o objeto perdido da infância,<sup>23</sup> ou muito possivelmente aquela constante tentativa de dar um sentido ao caos da realidade psicótica.

Resta-nos, então, alguns apontamentos quanto à explicação freudiana acima: de algum modo, ainda não muito claro, há uma distinta relação da linguagem com a consciência (ou com o *Bewusstwerden*), no sentido de mostrar-nos que, primeiramente, há uma parte da realidade psíquica que não se organiza nos conformes da gramática e da própria lógica (a esquizofrenia parece ilustrar bem isto) da vida consciente. Por isto mesmo, supomos, a

---

<sup>20</sup> Ibid.

<sup>21</sup> Freud, vol. XIV, (AE), p. 199.

<sup>22</sup> Ibid.

<sup>23</sup> Freud, vol. XIV, (AE), p. 200.

linguagem seria aí não só o elemento evolutivo a serviço da comunicação humana e a descrição dos eventos externos, mas também, de algum modo, importante instrumento para a reorganização da realidade psíquica e da própria vida consciente (o acesso aos processos inconscientes ser-nos-ia impossível sem a linguagem, mesmo que limitada quanto a este propósito). Linguagem, consciência, temporalidade e qualidades perceptivas estão intimamente relacionadas por oposição às representações inconscientes que sobrevivem enquanto apenas representações-coisa, sem qualidades, na atemporalidade. A percepção consciente dos eventos internos não pode prescindir da linguagem quando se trata de identificar a parte da ação psíquica que resta inconsciente, muito embora, deve-se alertar, essa articulação envolva um amplo complexo de processos que vão além da mera tentativa de descrever ou relatar “objetos psíquicos”.

## CONCLUSÃO

*L'apparition de cette réalité nouvelle que constitue l'Inconscient doit-elle rassurer l'homme ou l'inquiéter? S'agit-il là d'un mythe dangereux et la conscience claire doit-elle être maintenue comme la seule possibilité donnée à l'homme de se manifester? Mais quoi de plus mystérieux que la clarté, quoi de plus près de nous que la Nuit? "Il fait nuit, c'est maintenant que s'éveillent les chants des amoureux. Et mon âme aussi est un chant d'amoureux", nous confie le Zarathoustra de Nietzsche.*

*Peut-être ne faut-il pas vouloir répondre à ces questions mais seulement comprendre qu'elles se posent parce que l'homme n'est à lui-même ni totalement clair ni totalement obscur; il est à la fois opacité et transparence. Et le seul spectacle de la Nature pourrait nous apprendre que le Jour et la Nuit s'engendrent mutuellement.*

Jean Brun

Se não há uma teorização metapsicológica ampla sobre a consciência, em sentido estrito, tal como o há do inconsciente, existe por outro lado uma clara preocupação de Freud quanto a sua definição e, portanto, quanto à importância do conceito para uma devida teoria do psíquico. O *Projeto* é naturalmente testemunha disto e o texto metapsicológico sobre a consciência desaparecido apontam, ao menos, nesta direção.

Não sabemos se é possível chegar a uma definição teoricamente suficiente da consciência dentro da própria metapsicologia, isto é, a partir dos termos propostos pelo próprio Freud; não obstante, porém, é possível pensar a noção de consciência no seio da teoria freudiana, no sentido de se evidenciar alguns aspectos relevantes que ela possui na realidade psíquica, conforme os pressupostos metapsicológicos, sobretudo no que se refere à definição de inconsciente. Ao que parece, aliás, a noção freudiana de consciência não deixa de suscitar interesses quanto às formulações filosóficas que ela enseja, inclusive no sentido de se poder promover um debate com outros filósofos e com as pesquisas científicas mais atuais.

Qualquer teoria da mente deverá prestar contas ao fato da consciência e Freud o sabia muito bem. Tanto que não lhe faltou a oportunidade de zombar do behaviorismo nascente nos Estados Unidos e que acreditava, por sua vez, poder prescindir da noção de consciência em prol do conceito de comportamento. Freud não pôde definir a consciência tão bem como o fez com o conceito de inconsciente, mas isto se justifica pela própria descoberta do inconsciente e também pelo motivo de que a consciência envolve aspectos que ainda desafiam as ciências do mental e a filosofia, tais como a questão da qualidade e da temporalidade.

Todavia, assim como nos esforçamos por mostrar, a tentativa de ser justo à importância que o conceito demanda jamais deixou de ser a tarefa de Freud, e a noção de consciência que podemos vasculhar na metapsicologia poderá ser tão intrigante quanto a do próprio inconsciente.



### Referências Bibliográficas

ANDERSSON, O. **Studies in the prehistory of psychoanalysis: the etiology of psychoneuroses and some related themes in Sigmund Freud`s scientific writings and letters 1886-1896.** Stockholm: Svenska Bokförlaget, 1962.

FREUD, S. **Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud.** Buenos Aires: Amorrortu editores, v. I, 1992.

\_\_\_\_\_; Breuer, J. **Estudios sobre la histeria (1893-1895).** Buenos Aires: Amorrortu editores, v. II, 1992.

\_\_\_\_\_. **La interpretación de los sueños (primera parte)(1900).** Buenos Aires: Amorrortu editores, v. IV, 1989.

\_\_\_\_\_. **La interpretación de los sueños (segunda parte)(1900-1901).** Buenos Aires: Amorrortu editores, v. V, 1989.

\_\_\_\_\_. **Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico (1911).** Buenos Aires: Amorrortu editores, v. XII, 1989, p. 217-231.

\_\_\_\_\_. **Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico; trabajos sobre metapsicología y otras obras (1914-1916).** Buenos Aires: Amorrortu editores, v. XIV, 1989.

\_\_\_\_\_. **Aus den Anfängen der Psychoanalyse: Briefe an Wilhelm Fliess, Abhandlungen und Notizen aus den Jahren 1887-1902.** Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1982.

\_\_\_\_\_. **Die Traumdeutung.** Frankfurt am Main: Fischer Verlag, Band II, 1982.

\_\_\_\_\_. **Psychologie des Unbewussten.** Frankfurt am Main: Fischer Verlag, Band III, 1982.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

\_\_\_\_\_. **Introdução à metapsicologia freudiana: Sobre as Afasias e o Projeto de 1985.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 1, 1998.

\_\_\_\_\_. **Introdução à metapsicologia freudiana: A interpretação do sonho (1900).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 2, 1998.

GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HANS, L. **Dicionário comentado do alemão de Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JONES, E. **A vida e a obra de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, v. 1, 1989.

\_\_\_\_\_. **A vida e a obra de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, v. 2, 1989.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LEVIN, K. **Freud: a primeira psicologia das neuroses – uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

MARX, M. H.; HILLIX, W. A. **Sistemas e Teorias em psicologia**. São Paulo: Cultrix, 1993.

MEZAN, R. **Freud: a trama dos conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

\_\_\_\_\_. **A vingança da esfinge: ensaios de psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas: Unicamp, 1989.

\_\_\_\_\_. Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanço e perspectivas. In: **Filosofia da Psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 109-138.

PRIBRAM, K.; GILL, M. **O projeto de Freud: um exame crítico**. São Paulo: Cultrix, 1976.

WOLLHEIM, R. **As idéias de Freud**. São Paulo: Círculo do Livro, 1971.